

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
MESTRADO EM HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS

OS REVOLTOSOS E AS QUIMERAS DO IMAGINÁRIO:
Um estudo sobre as memórias e as apropriações sociais esculpidas em torno
da Coluna Prestes nas cidades de Timon-MA & Teresina-PI

FRANCISCO CHAGAS OLIVEIRA ATANÁSIO

MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR

2011

FRANCISCO CHAGAS OLIVEIRA ATANÁSIO

OS REVOLTOSOS E AS QUIMERAS DO IMAGINÁRIO:

**Um estudo sobre as memórias e as apropriações sociais esculpidas em torno
da Coluna Prestes nas cidades de Timon-MA & Teresina-PI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em História

Orientadora: Dra. Méri Frotscher

MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR

2011

A todos aqueles que narram histórias, fabricam sentidos através de memórias, nos fazendo viajar pelas quimeras do imaginário.

- Para ti tudo é uma questão de palavras. Para mim pouco importa que chamemos ao homem do campo, camponês, campesino ou campônio. O essencial é libertá-lo da miséria, da doença, do analfabetismo e da fome. Isso sim é importante...

- Podes dizer o que quiseres, citar os autores que te vierem à cachola, mas uma coisa não poderás negar: a beleza dessa marcha, a grandeza desses homens. Se tudo se reduz a uma pura necessidade econômica, como vocês marxistas afirmam, como se explica a dedicação e o sacrifício desses revolucionários que não têm terras ou fábricas a defender, e que de seu hoje não possuem mais que a roupa do corpo, o cavalo e as armas? Não, meu caro Stein, existe algo mais que o fator estômago e o interesse de lucro. Nossos homens são capazes de lutar desinteressadamente por um ideal, por um amigo, pela cor dum lenço, por... por... pelo seu penacho! Em 23 muito provisório recrutado a maneador, na hora do combate brigou como leão. Por quê? Por causa de fatores econômicos? Por causa da plusvalia ou da ditadura do proletariado? Não! No fundo, o verdadeiro partido dum homem é seu amor-próprio, o seu orgulho de macho.

Érico Veríssimo (O Arquipélago II)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente àqueles que, de alguma maneira, tiveram certa importância nesse período em que alimentei um sonho e agora vejo solidificar-se, simbolizado através deste trabalho. Pessoas que, cada uma ao seu modo, foram importantes nessa fase, e que contribuíram para meu êxito sendo figuras presentes tanto em minha vida pessoal quanto no desenvolvimento de meus estudos e pesquisas.

Primeiramente agradeço a Deus pela minha existência e por sua benevolência, por tudo que aconteceu para comigo nesses anos, pois tudo que tenho, tudo que sou e tudo que vier a ser é, acima de tudo, visto como um presente dele para mim. E, se não posso ver seu rosto, sinto hoje sua presença em meu coração.

Ao meu pai Francisco Chagas Atanásio Neto pela preocupação, o esmero, o apoio e também pelas nossas diferenças que nos fazem enxergar dia após dia o quanto somos iguais. De alguma forma você me fez o que sou hoje e muito obrigado por isso.

À minha mãe Maria de Lourdes Atanásio, a qual não teria adjetivos exatos para descrever o quanto é importante em minha vida e como a vejo. Posso dizer de imediato que você é meu pilar, meu porto seguro, minha grande referência de vida e a pessoa responsável por eu venerar a natureza soberba que resguarda o ser feminino na condição de mãe. Por isso, se há uma maneira de agradecer-lhe é dizendo algo raro de dizer, mas que falo com toda sinceridade: AMO-TE MÃE.

À minha irmã Luciana Atanásio, a qual teve fundamental importância para meu ingresso no ensino superior... Obrigado mesmo!!! E se tenho um melhor amigo nessa vida, dou esse crédito a você.

À minha irmã Joane Cristina e meus lindos sobrinhos Joice Cristina, Ana Luiza, Isaque Cadimiel.

Ao meu irmão Carlos Eduardo o qual a cada dia mostra que venceu provação maior do que qualquer uma que já enfrentei.

À Jeanne Marques pelo companheirismo, paciência e por um incompreensível e perene amor... IDEM.

À Edvaldo Cruz, Jorge Roberto e André, pessoas as quais desfruto bons momentos de lazer e amizade e que sempre torceram por mim. Que nossa amizade possa durar por muito mais tempo.

Aproveito também para agradecer ao PPGH da UNIOESTE pela oportunidade dada como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que me deu um suporte fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus ex-professores da UESPI e UFPI: Pedro Pio, Cláudia Fontineles, Marcelo Neto, os quais colaboraram de maneira marcante com o meu desenvolvimento intelectual.

Às minhas queridas tias Maria José, Rita e Lucilene que sempre me hospedaram e cuidaram de mim em São Paulo quando transitava entre Sul e Nordeste.

A Lays, Guto, Sílvia, Vinícius, Márcia, Gervásio, Ariane, Edna, Andréia, Helena, Cristiane, Rosane, Ricardo e German companheiros de mestrado que todos sejam felizes em suas jornadas.

Ao German pelos conselhos e as “brincas”, e também pelo cuidado com o “pós-moderno”. Obrigado “hermano”.

A Lays, Guto, Sílvia e Fabíola pelas “conspirações” nas noites rondonenses.

Aos muitos amigos que fiz em Rondon e no Paraná, em especial a Júlio César, Fabíola, Cristiano, Zen, Guizão, Márcia, Tiago, Marcos (Chiquerel), Gustavo.

Ao Gugu e ao Thomas, que são lindos, “fofos”, vou sentir muita falta de vocês. Um “abraço de urso” bem apertado em cada um, e cuidado com o excesso de “balinha ardida”.

Ao Johannes com quem aprendi muito, tanto por meio de atos quanto por meio de palavras. E com certeza me demonstrou que por traz de uma grande mulher há também um grande homem.

À família Kramer que me integrou gentilmente ao seu recinto familiar. Ficam aqui minhas sinceras e eternas desculpas pelo incômodo, pelos pratos, xícaras e copos quebrados, dentre outras coisas mais que se quebraram.

À minha orientadora, Méri Frotscher, que foi fundamental para a concretização desse trabalho. Obrigado pelo incentivo, apoio, pela paciência e disponibilidade. Serei eternamente grato por acreditar em mim enquanto seu orientando. Você merece tudo que conquistou até hoje e “quando crescer quero ser igual a você”.

Ao meu grande irmão “brasiguaião” Emílio, com o qual compartilhei momentos alegres e tristes, momentos de muitos risos, confidências, e se tornou para mim um exemplo de superação. Agradeço-lhe por tantas outras coisas inclusive indicar-me o caminho às terras paraguaias.

Ao Júlio César (argentino) com quem pude contar a qualquer momento, te devo muitas, velho, um dia acertamos.

Aos professores e amigos, Gustavo, Selma, Mancha, Marquinhos, Paulo Kolling, Davi, Elise, Geni, Yonissa, Estefano, que sempre me trataram com consideração e cordialidade.

À Iraci e Gilberto que se dispunham com bastante gentileza a me ajudar em qualquer questão a respeito do mestrado.

Aos professores Dr. Paulo Pinheiro Machado, Dra. Yonissa Marmit Wadi, e Dra. Geni Rosa Duarte por compor minha banca e pelas orientações e observações feitas para a melhoria das discussões presentes nesta pesquisa.

A todos os depoentes deste trabalho que gentilmente me receberam e cederam entrevistas para o uso no presente estudo, sem vocês essa pesquisa seria impossível.

A todos, meus sinceros agradecimentos, e, torçam por mim, pois costumo sempre pensar que estou apenas começando!!!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 01:** Marcha dos 18 do Forte pela praia de Copacabana, no Rio de Janeiro
- FIGURA 02:** Esboço cartográfico do itinerário da Coluna Prestes nos estados do Maranhão e Piauí
- FIGURA 03:** A Coluna Prestes e antes de ir ao nordeste em Porto Nacional, Goiás, 1925
- FIGURA 04:** Casa que ocupa parte do espaço da extinta Casa-Grande, onde os Revoltosos se hospedaram
- FIGURA 05:** Foto do processo criminal encontrado no arquivo público do Piauí
- FIGURA 06:** O “intrépido” João Cabanas
- FIGURA 07:** Emigdio Miranda e Vestimentas de um Revoltoso que alimentavam o imaginário popular
- FIGURA 08:** Lenço vermelho de Juarez Távora, de atual domínio do museu de municipal Teresina
- FIGURA 09:** O “Lênin do Maranhão”
- FIGURA 10:** Lampião designado para combater Prestes
- FIGURA 11:** Monumento memorial – “Cemitério do Revoltoso” do povoado “Varjota”
- FIGURA 12:** Cemitério do Revoltoso, Povoado “Brejo”
- FIGURA 13:** Cova do Revoltoso
- FIGURA 14:** Itinerário para o Cemitério do Revoltoso
- FIGURA 15:** O Cemitério do Revoltoso por ângulos diversos
- FIGURA 16:** “Sargento Colchete”, extraído do livro de Higino cunha
- FIGURA 17:** Memoriais da Coluna Prestes 1: Santo Ângelo-RS (Casa-cede do Memorial da Coluna Prestes),
- FIGURA 18:** Memoriais da Coluna Prestes 2: Palmas-TO (Memorial da Coluna e 18 dos Forte)
- FIGURA 19:** Memoriais da Coluna Prestes 3: Santa Helena (Memorial da Coluna Prestes)
- FIGURA 20:** Memorial do Motorista Gregório, em Teresina.

RESUMO

Falar sobre as trajetórias de lendários leva-nos a pensar em narrativas que referencie seus feitos e reitere os traços que ajudam a moldá-los nesse aspecto. A figura do mito, do herói, do vilão nada mais é que o reflexo da incorporação histórica de uma imagem solidificada no tempo. No entanto, o que acontece quando nos deparamos com indicativos que nos levam a rever a figura da lenda gerando certa problemática? E quais seriam os olhares lançados pelas percepções alternativas que reelaboram as narrativas sobre a lenda? Essas foram questões as quais me deparei ao analisar as memórias que estabeleciam determinados sentidos sobre os Revoltosos. O próprio termo “Revoltoso”, uma vez que carrega certa gama de significados, por si mesmo acaba por indiciar o processo de ressignificação que teria sido impelido sobre aqueles que assim foram definidos a partir do olhar social. Tais sujeitos emergiram do anonimato para se firmarem na história sobre o nome de Coluna Prestes. Esse fora um grupo historicamente conhecido por ser um levante rebelde advindo das forças armadas, insurgente na década de 1920, que se opôs ao poder oligárquico da *política dos governadores*, regime político presente nas duas primeiras décadas do Brasil republicano. Liderado por Luiz Carlos Prestes, esse movimento empreendeu uma surpreendente trajetória, itinerando, entre os anos de 1925-1927, por cerca de 25.000 quilômetros do território nacional, exortando às comunidades locais para luta contra o julgo político-elitista da época, ao tempo em que combatia as forças inimigas do governo. Em meio às suas incursões diversas histórias exaltaram a trajetória desse movimento. Entre os percursos de sua passagem se encontram várias cidades do nordeste, dentre elas Timon-Maranhão e Teresina-Piauí. Esses seriam outros pontos de narrativas sobre a passagem dos rebeldes. Mas como eles se encontram presentes nas memórias herdadas e nas memórias vividas que carregam a lembrança de tal época? Por meio desse plano é que visualizamos outros sentidos impressos sobre a imagem dos rebeldes. E quais seriam eles? É a partir de tais problemáticas que se estabelece o desdobramento desse estudo, tendo como objetivo analisar as formas pelas quais as figuras dos revolucionários da Coluna Prestes foram apropriadas na memória social. Através de um estudo de caso sobre sua passagem nas duas cidades, observamos que outras imagens foram fabricadas sobre suas figuras. Essas imagens nos levam a explorar as propriedades da memória e o campo pluralizador e quimérico do imaginário social.

Palavras-chave: Coluna Prestes, Imaginário social, Memórias, Timon-MA & Teresina-PI

ABSTRACT

Talking about the trajectory of legendary leads us to believe in narratives that references his achievements and reaffirm the traits that help shape them in that aspect. . The figure of myth, the hero, the villain is nothing but a reflection of the historical embodiment of an image cemented in time. However, what occurs when we face indicating lead us to revise the figure legendary and causing a certain issues? And what would be released by the looks perceptions alternatives that reconstruct the the narratives of the legendary? These were questions which I encountered when analyzing the memories that established certain way about The Rebellious. The very word "Rebellious" since it carries a certain range of meanings, by itself eventually indict the reinterpretation process that would have been driven over those who were well defined from the standpoint of society. These individuals have emerged from obscurity to establish themselves in the story about the name of the Coluna Prestes (Prestes Column). This was a group historically known for being a rebel up coming from the military, insurgents in the 1920s, which opposed the oligarchic power politics of the governors, the present political regime in the first two decades of Republican Brazil. Headed by Luiz Carlos Prestes, this movement has taken an surprising course, itinere between the years 1925-1927, about 25,000 km of national territory, urging local communities to fight against the yoke of elitist political season, at the time the opposing force that fought the government. In the middle the various stories extolled his forays into the course of this movement. Among the routes of its passage are several northeastern towns, among them Timon-Maranhão and Teresina-Piauí. These the narratives were other points of the passage of the rebels. But as they were found in the inherited memories and lived in the memories they carry the memory of this period? Using this plan is that we see other directions printed of the image of the rebels. And what would they? It is the from these issues as establishing the development of this study, having as objective to analyze the ways in which the figures of the revolutionary the Prestes Column were appropriate in social memory. Through a case study on its passage in both cities, we found that other images were made on his figures. These images lead us to explore the properties of memory and pluralized field of the social imaginary and chimerical.

Keywords: Prestes Column, Social Imaginary, Memories, Timon-MA & Teresina-PI

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - “UM CONTO DE DUAS CIDADES” NO “ANO DA REVOLTA”: A COLUNA PRESTES EM TERESINA & TIMON.....	33
1.1. Os itinerários da história e das cidades de Timon-Ma e Teresina-Pi.....	34
1.2. Os Revoltosos nas cercanias da Chapada do Corisco e suas inquietações na “guerrilha de movimento”.....	39
1.3. Do outro lado do rio: a Coluna Prestes em Timon.....	51
CAPÍTULO 2 - O(S) DIABO(S) DO CAMPANÁRIO: A COLUNA PRESTES E AS ATRIBUIÇÕES SIMBÓLICAS.....	72
2.1. Literatura, alusão e ilusão: da descrição do evento à explicação do fato.....	73
2.2. Os homens dos lenços vermelhos: as impressões de medo sobre os rebeldes da Coluna Prestes.....	77
2.3. Requisições às massas: as impressões de admiração sobre os rebeldes da Coluna Prestes.....	88
2.4. O(s) Cemitério(s) do(s) Revoltoso(s): associações místicas sobre os rebeldes da Coluna Prestes.....	102
CAPÍTULO 3 – OS OUTROS PERFIS DA REVOLTA: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS & SUBJETIVIDADES.....	117
3.1. O “jardim imaginado” que um dia encontrei.....	118
3.2. Sobre uma íntima relação entre as representações, os elos e os lugares da memória.....	122
3.3. “Onde tem onça veado escamoteia” e “O melhor tempero pra comida... é a fome...”.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
REFERÊNCIAS.....	162

INTRODUÇÃO

A pesquisa que se inicia por meio dessa narrativa, trata-se de um estudo sobre as representações, as imagens esculpidas sobre os *Revoltosos* na cidade de Timon e Teresina, entre os fins de 1925 e o início de 1926. Meu intuito nessa abordagem está pautado em analisar como os moradores de ambas as cidades perceberam – ou percebem – suas imagens, como suas referências se encontram situadas em meio às mais diversas memórias. Antes de tudo, devo esclarecer ao leitor quem seriam os tais Revoltosos e como fui atraído a indiciar suas trajetórias em ambas as cidades.

E tudo começou assim...

Em meados de 2008, após algumas horas de viagem, finalmente chego numa certa localidade de paisagem esbranquiçada pelo calor, onde a brisa amenizava o ambiente abrasivo e a sequeidão pairante que tomava de conta de todos os cantos daquele lugar. Era um lugarejo, um pequeno povoado chamado *Varjota* localizado ao sul, nos limites da cidade de Timon, no interior do Maranhão. Estando lá, dirijo-me proximamente para as margens do Rio Parnaíba, rio que faz divisa entre as cidades de Timon (Maranhão) e Teresina (Piauí).

O lugar que fui ao encontro antes fora um porto onde as pessoas trafegavam de Timon a Teresina numa época em que balças e canoas eram praticamente as únicas garantias de tráfego entre as duas cidades. No entanto, ocupado por velhas senhoras que lavavam roupas intercaladas entre suas conversas rotineiras, aquele lugar nem de longe tendia a lembrar o espaço que um dia atendeu a essa finalidade, como um porto que fora.

No entanto, perante as suas margens e diante a imensidão daquele rio, encontrei inspiração para “viajar” e nem por isso abri mão do devaneio. Logo, por um lapso de momento, olhei para sua quebrada, onde as águas quase se perdiam à vista. Nisso, comecei a pensar em canoas atravessando aquela imensidão fluvial trazendo em seus esteios uma leva de homens maltrapilhos, com roupas surradas, barbados, armados. Outros fardados como militares levando suas velhas insígnias e portando um lenço encarnado envolto ao pescoço, causando, através de todos esses detalhes descritivos, certa sensação de estranhamento às pessoas que os viam se aproximar lentamente pelas águas, e que não tinham noção de quem seriam eles.

Ao tempo em que faço esse relato, é irônico perceber, através de minha própria confiança, como a fabricação de uma imagem contagia não apenas aos olhos de quem presencia, mas também a imaginação de quem ouve as narrativas sobre um certo passado e delas se apropria para esculpir seu universo imaginário. Dessa forma, somos levados a entender que a configuração de certas imagens passa por diferentes formas de apreensão da realidade, potencializadas não apenas através do que é visível, mas também através do que é dizível.

Michel Foucault, ao estudar *A vida dos homens infames*, acaba por mencionar o fato de que “o lendário, seja qual for o seu núcleo de realidade, não passa afinal da soma do que dele se diz.” (1992, p.99). Tal ponderação revela o quanto as imagens constituídas na posteridade se encontram sujeitas ao que foi registrado sobre alguém, como, por outro lado, também revelam o quanto somos historicamente cativos da(s) memória(s) sobre algo e da(s) oralidade(s) de alguém. Mas o que me teriam dito sobre os lendários que imaginei e fabriquei uma determinada imagem? Quem seriam eles? O que me levou àquele lugar nesse determinado momento?

Em verdade, minha ida àquele povoado demarcaria apenas mais um momento de certa procura empreendida por mim e iniciada poucos anos antes. Essa procura envolvia lugares, pessoas, e histórias, procurando catalisar através deles memórias, palavras, sentidos, subjetividades. O início desse trajeto reporta às minhas lembranças e experiências pessoais ainda quando um garoto que tinha o hábito de passar as férias na zona rural de Timon, onde ficava a casa dos avós paternos.

Aqueles eram bons tempos para uma criança que se deslocava da cidade ao campo em suas tão esperadas férias. Os dias pareciam se resumir às brincadeiras, os livros, lápis, e os cadernos eram relegados ao ostracismo, a noite encurtava sua existência em meio as confabulações enunciadas via as narrativas dos antigos, os donos da palavra. E eu, enquanto criança, era apenas um ouvinte assíduo de tudo que falavam e discutiam, mesmo não entendendo “quase” nada, e mesmo sem poder me “meter” nos assuntos dos “mais velhos”.

Lembro-me com certa nostalgia das falas, dos risos, das conversas que eram protagonizadas pelos mais velhos, os quais, tendo o costume de visitarem uns aos outros, contavam histórias e estórias onde a imaginação zarpava em vôos romanceados, em lamúrias ou alaridos funambulescos. Naquela época não havia luz elétrica nos povoados e com a queda da noite a prosa era o entretenimento mais presente até a chegada do

entardecer. Nessas histórias surgiam narrativas diversas. Histórias sobre homens “valentes”, mulheres “safadas”, (des)afetos pessoais, (des)afetos de outrem; cabras “machos”, cabras “moles”, cantorias, estórias de “trancoso”, a labuta do dia a dia. Sempre se tinha o cafezinho quente e o cigarro feito à mão (luxos reservados apenas aos mais velhos).

Foi em meio à protagonização desses diálogos que, em certa feita, determinada narrativa, em meio a tantas outras, me chamou a atenção. Ouvi uma história, que já há muito tempo rondava pelas memórias daquelas pessoas. Essa história referenciava sobre um conjunto de homens que ficaram conhecidos pela alcunha de *Revoltosos*. Talvez o que tenha mais me chamado a atenção, em um primeiro momento, teria sido a maneira como seus feitos eram narrados, emaranhados num misto de respeito e repúdio.

Esse fato me gerou certo fascínio, e o ar de incompreensão associada às suas aparições, por parte de todos, incrementava ainda mais a fragrância incógnita, enigmática e sedutora que as histórias sobre esse bando desconhecido exalavam, alimentando todo um plano imaginário. Muito posteriormente soube que em outros povoados da cidade de Timon pessoas de gerações mais avançadas, ora e outra, retomavam assuntos associados sobre esses homens e que também em Teresina eles deixaram seus rastros e suas histórias.

Com o passar do tempo, aquela curiosidade de criança foi sendo alimentada em minhas lembranças, e eram de vez enquanto vivificadas ao tecer alguns diálogos informais com os moradores das zonas rurais de ambas as cidades. Através dessa relação, a idéia de procurar entender e esclarecer a história dos Revoltosos não saiu de minha mente, e no decorrer dos anos, sentia que, mais cedo ou mais tarde, iria ser possível efetivar o desafio de “desvendar” sua trajetória em Timon e Teresina.

Ironicamente, o destino quis que me tornasse um historiador. Logo, a procura pela história desse movimento nas cidades oportunizou uma primeira experiência de pesquisa. Nesse contexto, aquilo que estava ligado mais a uma curiosidade pessoal, carregada da infância, acabou gerando problemáticas mais agudas para serem compreendidas na “maturidade” enquanto uma possibilidade de pesquisa. De início, tinha o intuito de melhor compreender quem foram tais “Revoltosos” que aportaram pelas cidades de Timon e Teresina no ano de 1926, o qual também ficou conhecido na memória social e local como “o ano da revolta”.

Na esfera acadêmica, entre os anos de 2006-2007, tive a oportunidade de ingressar no *Programa Institucional de Bolsas Para Pesquisas* – PIBIC/CNPQ, pela Universidade

Estadual do Piauí – UESPI. Tive meus primeiros contatos com a pesquisa através de um projeto que elaborei, voltado em discutir a relação histórica entre as duas cidades a partir da insurgência dos Revoltosos nessa região¹. Essa foi uma etapa de caráter fundamental para dar substância ao empreendimento empírico que iria se estender na graduação e pós-graduação. Na época, para aprofundar as investigações, tive meus primeiros contatos com os primados teórico-metodológicos da história oral, a qual se fez o fulcro de minha análise primária e que também me levou à busca de possíveis indicações empíricas.

Ao relacionar as fontes levantadas nesse primeiro estágio de pesquisa, pude observar que os tais “Revoltosos” foram representantes de um movimento de grande importância no contexto da história do Brasil. Um movimento que entrou para a história como símbolo de luta e ruptura do modelo de governo dominante no nosso cenário sócio-político desde os primeiros anos de República – caracterizados pelo clientelismo político – e que “perdurou” até os anos de 1920, momento em que as sublevações contra o regime começaram a insurgir.

Sobre o ciclo da pólvora: o tenentismo e a ascensão da Coluna Prestes (Os Revoltosos)

Sobre essa década, 1920, o historiador Nicolau Sevcenko (1992) a caracterizou como um período que adquiriu evidência pela incorporação de um espírito *fremente*, mostrando as reverberações da inquietude em relação à ordem sócio-política brasileira através de vários tipos de manifestações sociais oriundas das mais diferentes estratificações. A ascensão do movimento feminista, a formação do partido comunista, a organização sindical do operariado, o impacto artístico-cultural promovido pela Semana de Arte Moderna, ecoavam como inclinações políticas que se figuravam sobre a caracterização de manifestações críticas desse período de ebulições, questionando às ordenações (as)fixantes da época.

Essas manifestações, mesmo constituídas por singularidades, acabavam por se direcionar para um ponto de convergência, o qual tinha em seu propósito apresentar um quadro fraturário, questionador da ordem oligárquica que permaneceu como alento elitista desde os primórdios do levante republicano no Brasil. Em meio a esse ciclo de contestações se encontravam incorporados os militares. Esses demonstravam guardar uma

¹ Aproveito o ensejo para agradecer à professora Dr^a. Cláudia Cristina Fontineles, que acreditou na viabilidade desse trabalho e me ajudou a trilhar, em passos firmes, as jornadas iniciais dessa pesquisa durante toda a graduação sobre sua orientação. Ficam aqui registrados meus sinceros agradecimentos.

“herança” de insatisfação, germinada após término do conflituoso e efêmero período da *República da Espada (1889-1894)*, no qual ocorrera uma intensa turbulência entre os representantes da corporação militar e os civis representantes das estratificações oligárquicas².

Sendo relegados ao ostracismo no veio político do regime republicano, os militares encontraram, quase duas décadas após sua “submersão”, um cenário convidativo para externalizarem suas ações corrosivas endossadas a partir dos conflitos proporcionados pelas próprias contradições do regime oligárquico, como também dos embates corporativos que travavam em virtude das medidas tomadas pelo ex-presidente Epitácio Pessoa³. A partir de 1922, ano em que Artur Bernardes assumiria a presidência da República, tornando-se sucessor de Epitácio Pessoa e de todo um bloco *oligárquico*, inicia-se uma fase de insurreições encabeçada por militares que entra para a história sobre a nomenclatura de *tenentismo*.

Como se refere Domingos Meirelles (1995), o termo *tenentismo* se revela adornado de uma conotação semântica genericamente imprecisa, porém emblemática, pois a maioria dos sediciosos eram jovens oficiais com carreiras ainda em formação. Todavia, o termo se apresenta como uma nomenclatura que procura situá-los como sendo “herdeiros” de uma “ordem revolucionária” que se iniciou em 1922 e se findou em 1927, e que tinha as feições de sua insurreição moldadas desde o início da república.

Endossado pelos ventos da subversão tenentista, nasceu assim o *ciclo da pólvora*, como mencionou Raymundo Faoro (2001) na plenitude de sua erudição. A manifestação do movimento *tenentista* pode ser encarada como uma manifestação sobrevivida por um cenário delineado em três atos. Irei fazer uma breve referência sobre eles.

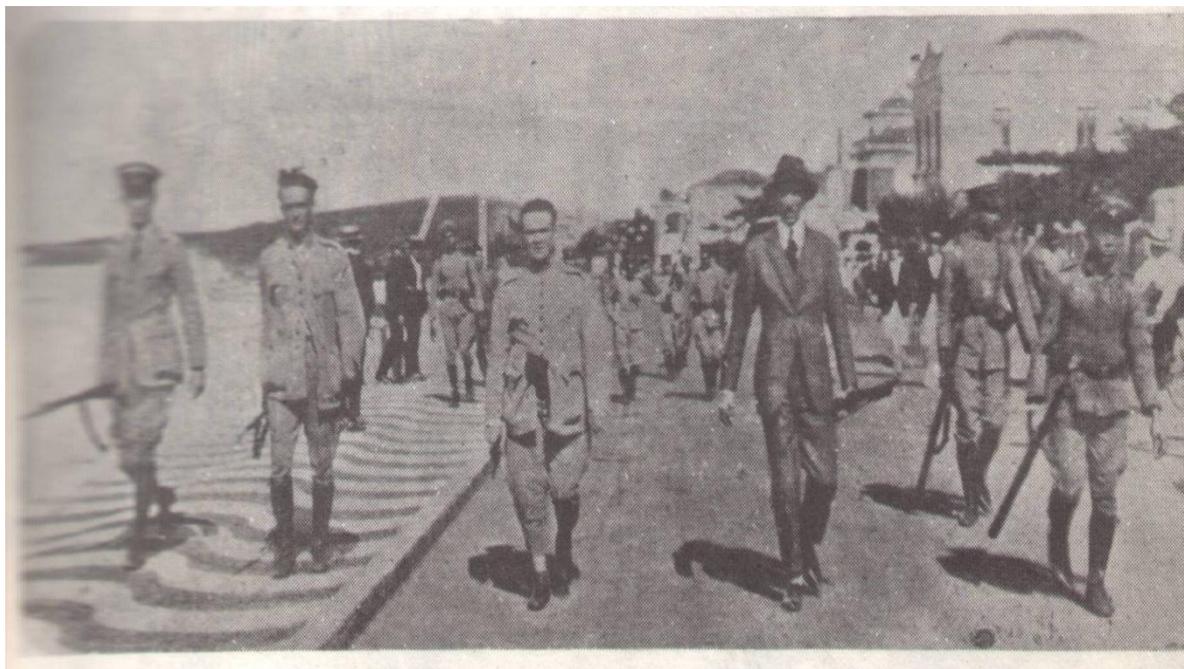
² As estratificações oligárquicas as quais me refiro trata-se dos grupos ligados a elite cafeeira que já se destacava no regime do segundo império. Esses grupos, no período republicano, correspondiam a uma pequena fração delimitada às regiões sul-sudeste do Brasil, principalmente os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Sobre o contexto da política oligárquica, consultar: LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o coronelismo e o regime representativo no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

³ A constantemente nomeação de civis aos cargos que antes eram atribuídos aos militares, como o ministério de guerra, da marinha e do exército, além de recusar a autorização dos reparos das perdas salariais sofridas pelos militares devido à exorbitante inflação existente na época, são alguns dos exemplos das medidas que contribuíram para o sentimento de insatisfação cultivado pelos militares. O estopim do conflito se deu no governo de Artur Bernardes, após o decreto de fechamento do Clube Militar. Para melhor compreensão desse contexto, ver: MEIRELLES, Domingos. **As noites das grandes fogueiras: uma história da Coluna Prestes**. Record. 1995.

O primeiro ato, ocorrido em 1922, resumiu-se a uma rebelião mal sucedida, capitaneada pelos jovens militares, no qual o Forte de Copacabana – no Rio de Janeiro – fora o centro radiador das ações contestatórias. No entanto, essa insurreição sagrou-se como um marco histórico e memorialístico de resistência dos militares à velha ordem oligárquica. E como “estandarte” desse marco, foram eleitos os 18 oficiais que resolveram marchar nas calçadas da praia de Copacabana para se confrontarem com uma milícia praticamente impossível de ser vencida.

Tal marcha adquiriu um valor simbólico. Uma marcha que, pelas vias imediatas da “racionalidade”, se evidenciava como a promoção consciente de um suicídio coletivo, se construiu semblantes de um ato de significados mais profundos para os “ideais” do movimento tenentista. Esse evento tornou-se elemento emblemático a partir do momento em que começou a ser visto como uma marcha “além-morte”, convertendo-se na representação de uma “marcha para a liberdade”. Os oficiais agora tinham seus primeiros mártires: *Os 18 do Forte de Copacabana*.

FIGURA 01: Marcha dos 18 do Forte pela praia de Copacabana, no Rio de Janeiro.



Fonte: SODRÉ, Nelson W. **A Coluna Prestes:** análises e depoimentos. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1985.

Posteriormente, em tributo à memória dos 18 do Forte, incidiu-se o segundo ato. Para comemorar o biênio da rebelião carioca, os tenentes planejaram uma nova uma rebelião, agora, situada em São Paulo. Almejando a derrubada do, já em exercício,

presidente Artur Bernardes, os tenentes promoveram um novo motim no dia 05 de julho de 1924 – dia do aniversário da rebelião – e tiveram como seus principais mentores, duas figuras maduras e reconhecidas na esfera militar: o general reformado Isidoro Dias Lopes e o chefe da força pública de São Paulo, o major Miguel Costa.

Esse movimento logo tomou a iniciativa de deslocar-se de São Paulo para a região sul. Em outubro, com o intuito de prestar apoio aos insurretos de São Paulo, ocorre outro levante⁴ no Rio Grande do Sul, liderado por Luiz Carlos Prestes. Esse levante se desloca rumo ao Paraná para encontrar com a Coluna paulista, liderado por Miguel Costa e Isidoro Dias. Em abril de 1925 as duas Colunas – gaúcha e paulista – se encontram e promovem o terceiro ato: a formação da Coluna Prestes.

O deslocamento contínuo caracterizou os empreendimentos de sublevação da Coluna. Essa proposta foi inserida por Prestes, que via como o único meio de *sobrevivência* para a Coluna, diante da caçada promovida pelas tropas legalistas do governo. Dois meses antes dos rebeldes do Rio Grande do Sul se deslocarem de sua posição inicial ao encontro das tropas paulistas no Paraná – em fevereiro de 1925 – Prestes escrevera uma carta para o alto-comando revolucionário das tropas paulistas. Nela, anunciava sua aproximação para junto deles e descrevia o modelo tático a ser empreendido para o êxito no combate á tropa inimiga, fazendo-a uma proposta a ser inserida no movimento revolucionário, como uma tática pertinente para manter a sua própria sobrevivência:

A guerra no Brasil, qualquer que seja o terreno, é a “guerra de movimento”. Para nós revolucionários o movimento é a vitória. A “guerra de reserva” é a que mais convém ao governo que tem fábricas de munição, fábricas de dinheiro e bastantes analfabetos para jogar contra as nossas metralhadoras (PRESTES *apud* LEOCÁDIA PRESTES, 1991, p. 421).

A partir da inserção dessa proposta – a *guerra de movimento* – os Revoltosos iriam seguir por um longo itinerário de aproximadamente 25.000 km. Através desse roteiro, os rebeldes passaram por várias cidades do nordeste, nas quais Teresina e Timon se encontravam presentes. Outro elemento que favoreceu essa itinerância estratégica foi o direcionamento ideológico adotado pela Coluna, que ao se deparar com a situação de miséria da população, “redimensionou” seu projeto. Inicialmente os rebeldes tinham como

⁴ De acordo com SODRÉ, Nelson W. **A Coluna Prestes: análises e depoimentos**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1985, correram vários levantes por diferentes Estados do Brasil em apoio ao levante paulista (Amazonas, Pará, Sergipe, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, etc), no entanto, o do rio grande do sul, foi o único conseguir estabelecer alguma forma de resistência ao seu sufocamento.

propósito, voltei-me, como ponto de partida, a estudar maneira pela qual eles foram vistos em cidades do nordeste, como no caso de Timon e Teresina.

A proposta em observar a maneira pela qual os Revoltosos foram compreendidos a partir do olhar social, amadurecera quando percebi uma “disputa” advinda da memória relacionada à (re)elaboração de imagens envoltas dos mesmos. Essas (re)elaborações – nas quais se operacionalizavam determinadas disputas – estavam associadas aos olhares que os moradores rurais apresentaram a mim através de suas narrativas. Em outras palavras, a análise que proponho elaborar nesta pesquisa está centrada em abordar a manifestação histórica da Coluna Prestes – os ditos Revoltosos – não apenas a partir do que foi registrado no discurso escrito, mas também através das memórias alçadas sobre eles pelas camadas populares. Enfim, procuro analisar a presença da Coluna Prestes a partir do olhar social tomando os fatos sucedidos nas cidades de Timon e Teresina como esfera de enfoque espaço-temporal.

Essa “disputa” memorialística que me refiro é denunciada sobre as exposições de determinadas elaborações imaginárias, imagéticas e discursivas, construções simbólicas que patenteiam e inventam uma gama de signos ligada à figura desses sujeitos. O que, em primeira mão, levou-me a enxergar uma determinada “disputa” em tais elaborações vincula-se ao fato de que, mesmo sendo elaborações “quiméricas”, construídas sobre uma densidade metafísica, elas se distanciam de serem topos homogêneos, essencializados, como entidades únicas de um discurso temporal e de serem construções destituídas de substâncias da realidade, pelo contrário. As simbologias fabricadas que adornam a imagem dos Revoltosos delatam traços constitutivos do cotidiano, da cultura, das crenças e valores compartilhados pelas estratificações sociais que estabeleceram contato com esse movimento.

A exemplificação central desse fato se revela na freqüente menção a um dos marcos memoriais constantemente presente nas falas dos depoentes que entrevistei para essa pesquisa. Refiro-me a história de um cemitério onde as pessoas diziam estar sepultado um legionário da Coluna Prestes, após um suposto conflito armado com as tropas do governo, que foram reconhecidos na época pelo nome de *Legalistas*. Este lugar ficou conhecido como *O Cemitério do Revoltoso*.

Sem dúvida alguma, as narrativas sobre as histórias desse cemitério foram para mim o fruto maior de minha obsessão pela trajetória dos Revoltosos nas cidades. A descrição das narrativas situadas sobre questões delineadas entre o “real” e o “imaginário”,

associadas ao tal *Cemitério do Revoltoso*, colocaram-me diante de um universo representacional que poderia ser explorado. Isso foi possível porque, a partir da procura pelo Cemitério, fui me deparando com outras histórias sobre a Coluna Prestes, advindas de memórias diversificadas. Histórias em que havia uma forte conotação mítica impressa sobre sua imagem.

Essas atribuições míticas, por sua vez, demonstram elementos que as potencializam para além da simplória condição de superticiosidades ou apelações vagas a uma dimensão supralunar. Elas também carregam práticas da cultura e do cotidiano. Práticas essas que ajudam a compor a face do plano de existência social dos sujeitos históricos que delas falam. São expressões reflexivas expostas como formas de *linhas de fuga*⁵, planos de introspecção subjetiva cartografados em corpos e no imaginário, demarcando expressões de subjetividades. Por isso se tornam possíveis de serem desveladas. Partindo dessa percepção devo ressaltar que esse estudo se concentra em analisar as formas de apropriação externalizadas pelas falas, memórias, e os significados arrolados em torno desses campos de possibilidades. Estarei voltado em discutir como a Coluna Prestes se encontra representada no imaginário social dos moradores das cidades de Timon e Teresina.

Representações sociais: uma perspectiva conceitual para a abordagem historiográfica

No cerne da presente análise, a noção conceitual relacionada às representações sociais adquire um caráter enfático, pois só foi possível perceber e abordar a Coluna Prestes a partir das simbologias fabricadas e expostas pela memória social a partir do momento em que me deparei com tais discussões, pela inter-relação que essa categoria reflexiva constitui ao se valer de uma percepção voltada em discutir as propriedades simbólicas residentes nas práticas de sociabilidade, principalmente voltadas a análise dos atributos constitutivos do imaginário.

De acordo com o que se pode inferir das discussões sobre as análises que situam tal categoria, como no caso do filósofo Jean-Jacques Wunenburger (2007) e do historiador Jacques Le Goff (1979), compreende-se que a noção de *imaginário* se estabelece a partir

⁵ Sobre o conceito de *linha de fuga* ver: DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 3. Rio de Janeiro: ed.34, 1996.

dum conjunto de manifestações simbólicas. Essas se constroem em um nível psicológico de caráter pessoal ou coletivo, aos indivíduos, apreendidos e externalizados através expressões imagéticas, evidenciando-se não exatamente como um território distinto da representação social, mas como uma forma, um domínio, uma feição específica a ela.

Ao mesmo tempo, as representações que compõem o universo imaginário, expressam-se “como uma função mediadora que informa as diferentes modalidades de apreensão do real, quer opere por meio de signos lingüísticos, das figuras mitológicas e da religião, ou dos conceitos do conhecimento científico” (CHARTIER, 1985, p.19). Essa compreensão nos leva a perceber, em primeira instância, que o imaginário caracteriza-se através elementos construídos a partir das interpretações de partes da realidade social.

Esses traços da realidade social refletem elementos imagéticos diversificados, o que também faz com que as representações não se delimitem a uma única forma de símbolo ou expressão de linguagem. Elas podem se caracterizar através de “linguagens” diversas, tanto em planos que as dêem aspectos abstrativos, quanto em planos nos quais essas ganhem consistência ao se promover um conjunto de procedimentos voltados em estabelecê-las por meio dos atos de simbolização (ação de identificar o objeto – signo – ou atribuí-lo como referência que pressupõe a imagem ou coisa), representação (ação de leitura e interpretação social que se faz sobre a imagem ou coisa), e ritualização (ação prática que leva ao relacionamento da imagem ao signo que lhe é atribuído socialmente).⁶

Tais processos levam-nos a entender a maneira como os indivíduos e a sociedade concebem – tendem a abstrair – a realidade, e de como essa concepção orienta suas práticas sociais no decorrer da história. Esses conjuntos de exercícios estariam situados naquela dimensão perceptiva que Roger Chartier (1985) denominou como *apropriação*: a maneira pela qual os sujeitos arquitetam, talham e esculpem para si determinados elementos que são extraídos das frações do real.

A partir desse enquadramento teórico volto-me a uma análise interpretativa dos relatos orais enfocados sobre o levante revolucionário, observando as atribuições dadas à figura dos Revoltosos, procurando enquadrar tais narrativas em uma percepção

⁶Por outra ótica, também é possível de discutir tais práticas. O melhor exemplo seria o estudo da representação carnavalesca trabalhada a partir da ótica de Roberto Damatta. Sobre essa discussão, consultar: DAMATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Rocco: 1999.

semiológica⁷. Essa leitura das representações é resultante de um processo hermenêutico. Ou seja, do olhar interpretativo do sujeito lançado ao objeto, ao elemento imagético em análise, denunciando e propondo caracteres extraídos dele mesmo, como se estes estivessem velados sobre uma condição metafórica. Tal percepção pode ser elucidada através da leitura semiótica como definida cientificamente por Anne Henault:

A reflexão científica [semiótica] assim concebida é certamente um conjunto de idéias gerais, mas, pelo fato de serem rigorosamente adequadas a um objeto específico, tais idéias não são inventadas, elas são descobertas [interpretadas] por uma espécie de submissão ao espírito de observação, e isso, ao preço de um trabalho de pensamento tão inimitável que se tem o costume de atribuí-lo ao gênio. Não existe “teoria”, propriamente falando, exceto quando um esforço de reflexão suplementar é consagrado à busca da coerência entre as diversas descobertas e sua materialização (2004, p.37).

Através dessa compreensão, torna-se salutar perceber as nuances existentes nos processos assimilativos que são agenciados em torno das práticas, das ritualizações, das projeções psicológicas presentes nas concepções em que o idiossincrático e o coletivo se incorporam por meio de uma determinada mobilidade. Para mergulhar nesse universo representacional, é preciso interpretar os indícios⁸, seus *rastros* e *fiões*, como também adentrar nos recintos onde residem as minúcias que compõem a morfologia do simbólico.

A noção conceitual de *representação* alinha-se a uma tradição de pensamento tida como inovadora no seio da historiografia moderna, imanente no início do século XX. Esse “novo” olhar “nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder ou a maneira de sentir pensar, agir dos poderosos” (BURKE, 1997, p.07), como se observara, mediante o discurso tradicionalista⁹ (positivismo rankeano), que permeava a análise histórica do século XIX.

⁷ Faço uso dessa categoria compreendendo-a como um apontamento teórico para a aquisição dos significados das linguagens, numa compreensão que possa situar à leitura dos signos em suas amplas variações lingüísticas (dos objetos, dos atos, dos fatos, das práticas, das imagens).

⁸ Sobre a observação do método indiciário faço referência a Carlo Ginzburg que patenteou uma clássica discussão metodológica, através da qual abordou brilhantemente o exercício hermenêutico constituído sobre uma leitura semiótica, em torno dos indícios. Para maior compreensão do dito *método indiciário*, consultar: GINZBURG, Carlo. Raízes: paradigma de um método indiciário. In: _____ **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

⁹ Faço referência a essa afirmativa a partir da análise do historiador José Carlos Reis. Em seu estudo historiográfico sobre o estatuto epistemológico do conhecimento histórico a partir do século XIX, o autor analisa esse momento em que os intelectuais da história – que tinham como principal representante Leopold Von Rank – procuraram reivindicá-la como ciência (aliando-se as categorias das ciências naturais) e se

Ambicionando focalizar novos atores sociais advindos das camadas populares, vistos na época como excluídos da historiografia “oficial”, a história viu-se seduzida, através de seus intelectuais, por outra roupagem. Centrando-se em pontos alternativos, a abordagem historiográfica procurou abarcar uma maior gama possibilidades a serem trabalhadas. Via essa proposta, se procurou explorar as noções de identidades e alteridades entre os sujeitos, o cotidiano, as relações de gêneros, as mais diversificadas produções da arte, as possíveis relações saber e poder, dentre outras tendências do fazer histórico, constituindo, assim, um sugestivo itinerário para falar do passado.

A *Escola dos Annales*¹⁰ surgida na França, sem dúvida, apresentou-se como o bastião de uma nova produção intelectual voltada em abordar e disseminar essa outra forma de falar da história, através de novas fontes, novas metodologias e novas abordagens temáticas. Por esse aspecto, se caracterizou como expressão máxima do olhar que nascera e fora moldado no início do século, o qual ecoaria suas reverberações para as gerações posteriores, possibilitando revitalizar os discursos que constituíam as leituras de análise do passado através de uma *Nova História*.

Um dos grandes trunfos que caracterizou de forma bastante substantiva essa *Nova História* diz respeito à sua consoante proximidade com as propriedades das *Ciências Sociais*. Através dessa proximidade intercala a história um diálogo interdisciplinar capaz de estabelecer um abrangente panorama discursivo em que estão presentes conteúdos do universo cultural, social, econômico, político, ideológico e psicológico.

Por esse fato o estudo das representações sociais surgira como uma possibilidade estabelecida em função de analisar esse olhar de percepção estendido ao campo social através da *História das Mentalidades*. Inicialmente essa modalidade foi trabalhada pelos fundadores do movimento intelectual dos *Annales*, Marc Bloch e Lucien Febvre. Nesse

afastando da filosofia e da literatura. Essa tendência é conhecida em meio a abordagem historiográfica como *Escola Metódica* ou *Escola Positivista*. Para maior aprofundamento nessa análise ver. REIS, José Carlos. **História**: entre a filosofia e a ciência. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

¹⁰ É necessário lembrar que o termo em si – *Escola dos Annales* – ainda causa controvérsia entre os historiadores, como no caso de José Carlos Reis (2004), citado acima, que nega a existência de um grupo conciso teórica e ideologicamente capaz de exprimir um movimento concreto o suficiente para ser reconhecido sobre a condição de escola. Sem ater-me necessariamente às concepções preestabelecidas sobre os *Annales*, optei por mencionar o movimento nesta condição nem tanto pelo fato de compreendê-lo como escola, como no caso de Peter Burke (1997), mas com o intuito de situar a abrangência da produção intelectual da historiografia que surgia, na época, inclinada em novas propostas. Para maior esclarecimento sobre os *Annales*, consultar: BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: UNESC, 1997.

processo ganhou vigorosa evidência com os pesquisadores da chamada *primeira geração*¹¹ de historiadores dos *Annales*, e que ainda expressa sua essência nas concepções atuais das representações exprimidas sobre as discussões que permeiam a *História Cultural*.

Sem dúvida, os estudos do imaginário dos atores sociais no medievo, residentes nas pesquisas de Marc Bloch (1993), foram de vital influência para que pudesse pensar no caminho a ser percorrido nessa pesquisa. Em *Os reis taumaturgos*, obra que retrata tais estudos, Bloch discute a associação sacrossanta e mística do rei aos olhos de seus súditos, que se denunciava através da crença em seu poder de curar escrófula¹² com apenas o toque das mãos no pescoço dos enfermos – o *toque régio*.

Os ensinamentos extraídos desse trabalho me propuseram lições fundamentais. Pois, mais que apenas narrar o comportamento folclórico dos sujeitos desconhecidos de uma historiografia tradicional, Bloch demonstra, através dessa perspectiva, a possibilidade de se fazer uma história voltada em discutir as relações sociais compactuadas no cotidiano, tanto no aspecto histórico como no aspecto antropológico.

Nessa obra o autor procura analisar a *psicologia coletiva* presente no imaginário medieval, e, através dessa proposta, demonstra os elementos da cultura e das crenças que faziam parte das representações sociais e seus valores na época. No cerne de tal discussão insurgem noções sociais vinculadas aos temores, os princípios, às (in)certezas, onde o racional se diluía em meio esperança alimentada pela imaginação popular. Enfim, por meio de sua mirífica obra, Marc Bloch expressa elementos fundamentais para entender os modos de vida e as composições subjetivas que constituem uma determinada sociedade.

Além de uma abordagem voltada ao estudo das representações, outra categoria se constitui como propriedade metodológica de significativa importância nessa pesquisa: a oralidade. A história oral com seu desenvolvimento metodológico se caracterizou como “uma área de estudos com objeto próprio e capacidade (como fazem todas as disciplinas) de gerar no seu interior soluções teóricas para as questões surgidas na prática...” (FERREIRA & AMADO, 2001, p.31). Através desse viés metodológico nos deparamos com um vetor pelo qual mergulhamos na esfera mnemônica. Mergulhamos em campo pessoal e introspectivo, nos defrontamos com experiências vivenciadas pelos sujeitos que,

¹¹ Ressalta-se que essa primeira geração é categorizada por Peter Burke (1997), com o intuito de apontar os grupos de influência que aderiram às propostas da *Nova História*.

¹² Tratava-se de uma doença muito comum na Idade Média, a qual se propagava devido uma infecção tuberculosa nos gânglios linfáticos do pescoço, que era acompanhada, com frequência, de abscessos que se desenvolviam lentamente.

por sua vez, imprimem significados em torno das lembranças que retratam o passado. Por esse meio, nos vemos mediante de uma oferta que possibilita outras interpretações para a realidade social.

Esse caráter interpretativo é revelado através dos relatos orais que afloram na memória, a qual se solidificou como um terreno analítico considerado de suma importância nos novos moldes da historiografia. Nos dias atuais torna-se inegável que a memória – vista como um foco analítico – se evidenciou numa nova fronteira cruzada com êxito na construção historiográfica. Pois a memória exhibe um nível de conhecimento informativo, em sentido e significado, às vezes ocultado pelas “limitações” documentais que perduraram por muito tempo como sendo fontes “oficiais” legitimadas pelas instâncias intelectuais.

Pode-se compreender essa valorização da memória na historiografia ao observar que:

a história dita “nova” que se esforça para criar uma história a partir da memória coletiva pode ser interpretada como uma revolução da memória fazendo-a cumprir uma rotação em torno de alguns eixos fundamentais: Uma problemática abertamente contemporânea e uma iniciativa decididamente retrospectiva, a renúncia da temporalidade linear em proveito dos tempos vividos múltiplos, nos níveis em que o individual se enraíza no coletivo (lingüística, demografia, economia, biologia, cultura) que fermenta a partir dos estudos dos lugares da memória coletiva. Lugares topográficos como arquivos, bibliotecas e museus, lugares monumentais como cemitérios ou arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações e os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm sua história (LE GOFF, 1994, p.473)

Explorar lugares, escavar memórias, interpelar os significados impressos pelo olhar social, essas são perspectivas que são alimentadas a partir dos primados teóricos aqui apresentados. Desses olhares, surgem concepções acerca do mundo e de como é entendido o universo cultural no qual nos encontramos envolvidos.

Itinerários empíricos e metodológicos

Procurei desenvolver tal pesquisa auxiliado por determinadas sistematizações metodológicas centradas fundamentalmente na história oral, como me referi acima. Todavia, o mais importante em minha experiência de contato com a história oral, talvez tenha sido perceber que sua estrutura de análise nos coloca em uma situação “diferenciada”

em relação às demais fontes. Diria eu que a fator diferencial da história oral estaria na pontencialização das narrativas dos sujeitos não apenas em fatos narrados sobre um evento, mas na elaboração de reflexões, sentidos e significados impressos sobre o evento, através dessas narrativas.

Em virtude dessa compreensão, nos posicionamos em não pensá-la como um veículo portador de narrativas verdadeiras ou deturpadas, e sim como uma dimensão subjetiva revestida de sensibilidades, conferidas pelos sujeitos aos eventos sociais em meio às dinâmicas de sua própria vivência:

A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças: permite, portanto, compreender os diversos significados que os indivíduos sociais conferem às experiências que têm. (AMADO, 1995, p.136)

Esse “privilégio” talvez seja fruto da própria irrupção de barreira que a narrativa transpõe em relação à temporalidade da situação quando vivencia, pois “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1985, p.37). E a partir do fluxo desse deslocamento, as imagens são ressignificadas e reconfiguradas de um lugar social instituído por seus enunciadores.

Mas também, por essa condição, as memórias podem oferecer ciladas, desencontros, confusões e incertezas, pode inventar um mundo de subjetividades e embarçar as trilhas. O que aprendemos é que a memória se propõe como uma passagem, vereda enganosa, uma alameda esfíngica com a qual traçamos caminhos alternativos de um “saber”. Caminhos tortuosos, voláteis, capazes de gerar problemáticas a partir da flutuação semântica, assinalada nos possíveis sentidos propostos pelos sujeitos.

Mediante essas questões, devo mencionar a maneira como caracterizei o perfil dos depoentes para esse estudo. No caso, os depoentes procurados para a solicitação de testemunhos se enquadram basicamente em duas categorias. Sistematizei dessa forma pela marcante influência que tive ao me deparar com o artigo de Michel Pollak (1992) – *Memória e identidade social* – em que o autor trabalha com dois tipos de memórias residentes do núcleo social. Seriam, no caso, os depoentes que constituem uma *memória por vivência* e os depoentes que constituem uma *memória por tabela*.

A *memória por vivência* se refere aos sujeitos que adquiriram uma memória histórica por serem contemporâneos da época em questão. No contexto desse estudo, esses depoentes estão entre a faixa etária de 92 a 98 anos, pessoas que guardam informações por vivenciarem o contexto em que ocorreram os fatos. A *memória por tabela* refere-se em específico a uma memória histórica herdada que em geral é construída através da tradição oral, principalmente, instaurada pelos pais aos filhos.

No caso da pesquisa, essa segunda categoria é de grande valia para adquirir uma maior amplitude de fontes narrativas. Pois tendo em vista que esta análise trabalha com um fato histórico ocorrido há mais de 80 anos, sendo que a maior dificuldade reside em encontrar pessoas com uma faixa etária superior ao período decorrente que estarão lucidamente aptas a prestarem depoimentos. Os portadores dessa memória por tabela, no presente estudo compõem uma segunda geração constituída após o advento da Coluna Prestes, tendo uma faixa etária entre 76 e 84 anos de idade.

Os depoimentos adquiridos para a pesquisa foram sendo levantados entre os anos de 2005 a 2010. Esse período compreende desde o momento em que ingressei no *Programa Institucional de Bolsas Para Pesquisas* (PIBIC/CNPQ-UESPI), passando pelo momento em que dei continuidade ao levantamento de conteúdos empíricos para a dissertação de mestrado. Nesse período, trabalhei com vários depoentes dos quais fiz uso no corpo desse trabalho de 18 entrevistas. Além das fontes orais, também tive o auxílio de fontes bibliográficas como também de alguns referenciais iconográficos (fotos).

Algumas dessas fontes que se encontram disponibilizadas no Arquivo Público do Piauí – APUPI – em Teresina. Entre os registros que encontrei nesse arquivo posso citar o compêndio de artigos de jornal que relatavam as “inquietações” do movimento em sua estadia (11/1925 – 01/1926 & 08/1926) nas cercanias de Teresina e na cidade de Timon. Esse material tem na figura intelectual do literato Higino Cunha como comentador, pois Higino Cunha foi crítico-colunista do jornal *O Pihauy* e principal analista dos Revoltosos em Timon e Teresina nessa época. Os comentários foram organizados por ele e lançados na obra *Os Revolucionários do Sul através dos sertões nordestinos do Brasil*.

Os desdobramentos da pesquisa feitos nesse trabalho estão estruturados nos conteúdos divididos em três capítulos. Esses capítulos objetivam analisar certos aspectos específicos em suas estruturas. Vejamos:

1º Capítulo (“Um conto de duas cidades” no “ano da revolta”: a Coluna Prestes em Teresina & Timon): No capítulo que abre a discussão da pesquisa tento expor ao

leitor um pouco a trajetória e formação espacial das duas cidades (Timon e Teresina). Faço uma breve análise a respeito de suas formações enquanto espaços urbanos que se inter-relacionam historicamente. Através dessa discussão, procuro demonstrar como a Coluna Prestes se caracterizou num fenômeno histórico que colocou em evidência a relação dúbia constituinte da trajetória entre as duas cidades. Para tal propósito, exponho como as foram caracterizadas as reações impressas tanto pelas camadas populares quanto por parte das estratificações político-administrativas das cidades. Nesse contexto, também procuro descrever o tráfego dos rebeldes por distintas instâncias de ambas as cidades, as mobilizações sociais, os conflitos armados e as possíveis intenções que permeavam a passagem da Coluna Prestes pela região do meio-norte brasileiro. Baseio-me, contudo, nos escritos da época e nos memoriais que narram tais fatos.

2º Capítulo (O(s) diabo(s) do campanário: a Coluna Prestes e as atribuições simbólicas): No capítulo intermediário da pesquisa, proponho, sobretudo, demonstrar as imagens que foram produzidas sobre a Coluna Prestes no imaginário social local. Partindo desse propósito, volto-me ao esforço de demonstrar como tais apropriações tendem a revelar em sua natureza simbólica um conjunto de acepções ligadas às mais variáveis expressões subjetivas (principalmente sensações relacionadas ao medo, à admiração, e ao misticismo). Nesse mesmo capítulo, exponho as múltiplas representações esculpidas sobre a Coluna Prestes no âmbito local, tanto relacionadas aos seus integrantes quanto às suas prerrogativas ideológicas. Procurando ampliar o embasamento nessa discussão, abordo essa análise das representações do âmbito local comparando-a com distintas formas de representações produzidas em outras espacialidades.

3º Capítulo (Os outros perfis da revolta: histórias, memórias & subjetividades): No último capítulo enfatizo novamente às elaborações imagéticas produzidas pela memória social demonstrando, no entanto, um diálogo mais íntimo com a memória. Nesse sentido, esse capítulo estrutura-se em uma abordagem narrativa que articula uma reflexão dividida em dois momentos distintos. Em um primeiro momento, demonstro como a imagem da Coluna Prestes instituiu-se a partir de um evocativo simbólico atravessado por múltiplos sentidos. Sentidos esses que vão imprimindo significados em torno da imagem de heróis, vilões ou mesmo como figuras dotadas de certa incógnita ao olhar social.

Ao passo em que procuro fazer essa relação, proponho também caracterizar como esses sentidos são pautados em interesses forjados sobre distintas temporalidades, sendo

suas imagens traçadas por monumentos criadores de memórias “coletivas” e “oficiais”, relacionadas ao poder público ou mesmo às convenções sociais. Para ilustrar tal discussão faço uso de fotos relacionadas aos monumentos erguidos que procuram fomentar uma fala sobre a Coluna Prestes. Também analiso os lugares da memória instaurados a partir das práticas sociais (como o Cemitério do Revoltoso).

No segundo momento desse capítulo, trabalho com as narrativas da Coluna Prestes a partir de dois testemunhos em específico. Todavia, fiz uso dessa opção por perceber o caráter “singular” e “consonante” que permeia tais testemunhos, se comparados às outras narrativas que fiz uso no escopo de toda discussão da pesquisa. Pois, ao falarem sobre a presença dos rebeldes, esses relatos são propostos como itinerários para tratar de momentos em que expressam situações marcantes na trajetória de vida de seus depoentes. Enfim, são testemunhos que – diferentemente dos outros, usados sobre uma perspectiva temática – optam por imprimir reminiscências que retratam suas histórias de vida em paralelo às situações em que os rebeldes se faziam presentes.

Por mais que esse capítulo seja estruturado a partir de dois momentos distintos, tive a intenção de alinhá-los através dum aspecto que os aproxima: a maneira como a Coluna Prestes é apropriada para imprimir sentidos em uma dimensão coletiva e social (através de memoriais) e numa dimensão introspectiva e pessoal (através de memórias individuais). Nos três capítulos, optei por trabalhar com estruturas narrativas, teóricas e metodológicas em comum. Para estruturá-los estabeleci um diálogo entre fontes escritas e relatos orais. Também é freqüente o uso de fotos para ilustrar determinadas questões e, a partir delas, elaborar análises e comentários complementares às discussões propostas.

Outro aspecto comum, com o qual o leitor irá se deparar freqüentemente, trata-se de um constante *detour* entre os fatos e os exemplos sucedidos nas cidades de Timon e Teresina, relacionados a casos similares em outros espaços incomuns (outras cidades em regiões distantes ou mesmo próximas). Esse princípio está sempre focado em fazer uma análise comparativa associado ao olhar local em relação ao olhar social lançado em outras espacialidades.

Algo bastante freqüente na discussão da pesquisa é a preocupação em problematizar a imagem épica constituída em tono dos rebeldes. Contudo, devo admoestar que não procuro, assim como propôs Eliane Brum (1994), “desconstruir” ou mesmo negar o papel da Coluna Prestes enquanto um movimento de contestação à ordem dominante ou de transformação social. Por outro lado, é necessário mencionar que essa imagem ofusca

outras produzidas por olhares periféricos (das camadas populares), enrijecendo o movimento dentro desse significado e retirando-o do conflito interpretativo que ainda povoa o imaginário de muitos.

Por fim, devo chamar a atenção ao fato de que o leitor irá se deparar freqüentemente com o termo “Revoltoso”. A ele estão alinhados de forma sinonímia outros termos, como “rebeldes”, “revolucionários”, “legionários”. Todos esses termos fazem referência aos componentes da Coluna Prestes. Porém, o termo “Revoltoso” leva-me a pensar numa conotação de sentidos mais “próxima” das falas locais. Esse aspecto talvez já tenha ficado claramente exposto em minhas lembranças anteriores. Observe que sempre os chamo de “Revoltoso” e não “revoltoso”, esse arvoreamento procura qualificá-lo para a condição de entidade forjada em designações simbólicas e semânticas evocadas sobre as memórias que versam sua lembrança. Mesmo às vezes aparecendo de forma plural, pareciam incorporar uma única figura. Uma imagem que se expressa a partir de enigmas e *tekmerias* a serem exploradas, através dos campos da memória lançada a mão pelos atores sociais, os sujeitos delas falam.

Ao trafegar pela memória desses indivíduos simples de nossa história, proponho validar a prática como historiador, como aprendiz das memórias de um tempo passado, não exatamente dando voz plena a esses sujeitos ou colocando como seu porta-voz absoluto, mas intercalando reflexões possíveis de serem apreendidas e interpretadas a partir de um diálogo que se estabelece pelas trilhas e atalhos apontados por *Clio*¹³. Essas passagens são encontradas ao percorrer às novas alamedas desbravadas nas incursões da história. Caminhos que tendem a valorizar as reminiscências memorialísticas dos sujeitos, tornando-as um instrumento indiciário na elaboração do fazer histórico.

Ao adquirir essa compreensão, sempre me vem à memória as palavras daquele ao qual considero o primeiro grande mestre da história que me deparei através do registro escrito: Eric Hobsbawn, o qual expõe com palavras marcantes – o primeiro ensinamento que tive enquanto historiador – a importância de nossa prática e nossa obrigação com a sociedade:

Podemos cuidar de nos mesmos. É para o benefício da grande maioria das pessoas que não são particularmente inteligentes ou interessantes, não têm um grau elevado de instrução, não são prósperas ou realmente fadadas ao sucesso, não são nada muito especial. É para as pessoas, que

¹³ Figura mitológica que representa a história

ao longo da história, fora do seu bairro, têm entrado para a história nos registros de nascimento, casamento e morte. Toda a sociedade que valha a pena viver é uma sociedade que se destina a elas e não aos ricos, inteligentes ou excepcionais (1998, p.21).

Esse demonstra ser um dos ofícios itinerantes do historiador: perceber as vozes das margens, do fora. Deleitar-se e pensar o passado a partir das vozes dos sujeitos históricos que em sua simplicidade refletida na prática social, cotidiana, (in)consciente e cultural, tendem a revelar um passado, subsidiando uma história coletiva por meio de suas singularidades.

CAPÍTULO 01

“UM CONTO DE DUAS CIDADES” NO “ANO DA REVOLTA”:

A COLUNA PRESTES EM TERESINA & TIMON

Aquele foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; aquela foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi a época da crença, foi a época da descrença, foi a estação da Luz, a estação das Trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero; tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós, íamos todos direto para o Paraíso, íamos todos direto no sentido contrário – em suma, o período era em tal medida semelhante ao presente que algumas de suas mais ruidosas autoridades insistiram em seu recebimento, para o bem ou para o mal, apenas no grau superlativo de comparação.

Charles Dickens (Um conto de duas cidades, 2002)

A história avança não de forma frontal, como um rio, mas por desvios que decorrem de inovações ou criações internas, de acontecimentos ou acidentes externos. A transformação interna começa a partir de criações inicialmente locais e quase microscópicas, efetua-se em meio inicialmente restrito a alguns indivíduos, e surge como desvios em relação à normalidade. Se o desvio não for esmagado, pode em condições favoráveis, paralisar a regulação que o freava ou reprimia, para, em seguida, proliferar de modo epidêmico, desenvolver-se, propagar-se e tornar-se tendência cada vez mais poderosa, produzindo uma nova normalidade.

Edgar Morin (A incerteza histórica, 2003)

1.1. Os itinerários da história e das cidades de Timon-Ma e Teresina-Pi

As palavras de Edgar Morin (2003) são tomadas de empréstimo devido a sua grande pertinência, para de início expor o olhar lançado sobre os percursos acidentados que compõem as trilhas da história. Tais menções não só revelam às incursões que passeiam sobre o limiar das tramas do universo historiográfico, como também se apresentam numa dentre as demais conceituações que tentam expressar o que entendemos sobre a construção do passado e os seus reflexos no tempo presente.

Essa história de problemáticas, desprovida de uma ação mecânica impulsionada por uma relação de causa e efeito, esculpida em contornos irregulares, de manifestações incertas e de eclosão imprevisível, consegue emergir mediante um universo de incomensurável extensão, frente às nossas frágeis tentativas de apreensões epistemológicas¹⁴.

É através de seu complexo jogo de compreensão e apreensão que ela se torna um convite para explorar certos traços pouco conhecidos. Dessa forma, lançarmos mão a procura de respostas – que algumas vezes surgem satisfatórias e outras vezes desconcertantes – sobre os questionamentos e as inquietações que alimentamos nos fazendo proprietários e apropriadores do seu discurso e seu saber.

Baseando-se nessa percepção é que procuro fazer no decorrer desse capítulo uma primeira análise em meio a um dos “desvios” da história. Uma manifestação, uma criação local e microscópica, dentre as demais existentes no núcleo da trajetória histórica, de um dos movimentos mais expressivos do Brasil no início do século XX. A Coluna Prestes marcou seu nome na história como um dos grupos contestatórios de maior impacto, se opondo a um determinado regime político – conhecido historicamente como *República Velha* – que predominava no Brasil desde os primeiros anos de república.

Os eventos a serem estudados se manifestaram sobre esferas sociais restritas. Envoltos de tais acontecimentos se observa um conjunto de elementos capazes de expor

¹⁴ Sobre as proposições teóricas que sugerem expressivas argumentações sobre a fragilidade epistemológica da história, ver: JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

subsídios pelos quais nos deparamos com as práticas culturais, questões políticas e ações cotidianas, compartilhadas em uma determinada teia social. Sobre tais atos automaticamente se encontram presentes certos valores, crenças, temores e sentimentos. Em suma: deparamo-nos conteúdos e expressões de natureza subjetiva que só não se caracterizam como traços inerentes aos homens que – parafraseando as palavras do poeta¹⁵ – não são “homens”, mas sim “espectros de homens”, que “passam pela vida, em brancas nuvens e em plácido repouso”, sem viver.

Essa história tem na impulsão de sua escrita a reflexão inspirada pelas memórias de determinados moradores, os quais narram certos fatos onde estão registrados não apenas os feitos do levante revolucionário, mas também a relação e proximidade existentes entre essas duas cidades, localizadas no meio-norte¹⁶ brasileiro. Cidades que carregam consigo um contato íntimo e contíguo, fazendo com que o passado de uma acabe por tracejar o passado da outra, tocando seus presentes e por ele também sendo tocadas.

A relação dúbia existente entre as cidades de Timon-Maranhão e Teresina-Piauí são expressas desde o tempo da formação espacial de ambas. Timon, assim como também foi o caso de Teresina, nasce das investidas de exploração dos sertões brasileiros promovidas pelo tripé de expansão territorial interna: o bandeirismo, a expansão da pecuária e as missões jesuíticas.

De acordo com as recentes pesquisas feitas pelo historiador Raimundo Lima dos Santos (2007), os primeiros focos de povoamento que se têm conhecimento, em relação à cidade de Timon, diz respeito a uma provável habitação por parte de *posseiros*. Esses focos de povoamento são datados do século XVIII, podendo ser vistos no *Mapa da província do Piauí* de Henrique Antônio Galúcio, datado de 1760, nas proximidades das regiões ribeirinhas ao rio Parnaíba¹⁷, em uma fazenda tida por nome de *Gramileira*.

Timon, que já se chamou de São José das Cajazeiras, São José da Parnaíba e também de Flores, adquiriu o *status* definitivo de vila em fins do século XIX. De acordo com a lei nº 123 em 05 de março de 1896, segundo o mesmo autor, a então vila é alçada a essa condição após ser travada uma calorosa disputa política entre as elites agrárias locais

¹⁵ Trata-se de uma paráfrase baseada no poema *Ilusões da vida*, de Francisco Otaviano. Para melhor conhecimento, consultar: OTAVIANO, Francisco. *Ilusões da vida*. In: LINHARES, Francisco et BATISTA, Otacílio. **Antologia ilustrada dos contadores**. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

¹⁶ “Meio-norte” diz respeito ao termo geográfico para a região mais ocidental do Nordeste brasileiro. Essa parte geográfica é constituída pelos estados do Maranhão e Piauí.

¹⁷ Cf: SANTOS, Raimundo N. L. dos. **Timon, uma flor de cajazeira**: do povoamento à vila. Timon: Grafeti, 2007, P.156.

com as elites agrárias de São José de Matões (conhecida atualmente pelo nome de Matões). Ambos os grupos a vislumbrava como zona de suas influências políticas. Em 1924, no dia 10 de abril, é expedida a lei 1139 que eleva a então vila de Flores à categoria de cidade.

No caso de Teresina, ainda no século XIX, com a transferência da capital do Piauí, em 1852, para seu território¹⁸, se intensificou consistentemente o fluxo populacional, o qual também influenciou no processo de povoamento em Timon. Tal fenômeno assim contribuiu para que esse espaço adquirisse seu caráter citadino, estabelecido a partir da ascensão da fazenda Cajazeiras, ribeirinho, às margens do Rio Parnaíba (FONSECA NETO, 2003).

Nessas proximidades surgira o *Porto das Cajazeiras*, o qual se tornou um ponto de embarque e desembarque de grande relevância tanto para maranhenses como piauienses. Esse porto uma vez que se caracterizou como um espaço de intermédio para eventuais conexões comerciais e políticas com as cidades de São Luís – capital maranhense – e a cidade maranhense de Caxias–Maranhão, principal centro comercial da região na época.

Deve-se frisar que um fator de grande relevância para a solidificação do elo entre as duas cidades vincula-se primeiramente à ocorrência de Timon se encontrar mediante um novo pólo “urbano”, mais próximo, no qual poderia promover uma relação comercial mais dinâmica e intensa, com menos dispêndios. Anteriormente a cidade de Caxias-MA, há cerca de 50 km de distância em relação a Timon, ocupava essa condição, sendo principal centro econômico com o qual Timon tinha um maior contato e, com isso, uma significativa dependência comercial.

Sua proximidade com a recém nova capital do Piauí, além de contribuir para um gradual crescimento demográfico (em relação à ocupação de seus espaços), como também um incentivo (in)direto para um eventual processo urbanístico modernizador¹⁹, transferiu tal dependência econômica e comercial para Teresina. Essa relação tendeu a se reproduzir e se intensificar sobre as lavas do tempo, construindo conjuntamente a ela, uma outra relação de familiaridade e identidade dúbia entre os moradores de ambas as cidades.

Entretanto, como todas as asperidades eminentemente presentes em uma relação, esse elo historicamente construído entre as cidades trouxe consigo uma carga ácida em

¹⁸ Antes da transferência para Teresina, a capital do estado do Piauí situava-se no município de Oeiras, cerca de 322 Km de Teresina.

¹⁹ Ainda de acordo com as observações de Santos (2007), o processo de elevação de povoado à vila foi parcialmente impellido a partir da proximidade de Timon com Teresina, capital do Piauí. Seus moradores, por sua vez, sentiram a necessidade de ornamentá-la de um caráter mais urbanístico e de uma condição distrital de maior privilégio frente às demais existente nesse período.

torno da retratação pela qual Timon ficou sendo situada. No cerne dessa imediação, a cidade maranhense constantemente carregou, de maneira demérita, uma posição estigmatizante, diga-se que em grande parte, fruto de sua condição de dependência comercial e econômica em relação à capital piauiense.

Essa posição, em certas proporções, ainda adquire sua “permanência” associada às exposições de determinados olhares cotidianos. Não é raro, por exemplo, Timon ser taxada por termos que a alegorizam sobre uma premissa pejorativa, como, por exemplo, nos epítetos que procuram retratá-la sobre essa condição secundária: “cidade-dormitório”, “bairro de Teresina”, e nos momentos históricos de maior tensão, ser identificada pelos teresinenses como “cidade-sem-lei”, ou “cidade faroeste”.

Essas atribuições tendem a velar o conhecimento de que em determinados momentos na história das duas cidades também existiu uma manifestação de reciprocidade, ou até mesmo de auxílio da “irmã pobre” (Timon) à “irmã mais rica” (Teresina). Foi o caso do já citado *Porto das Cajazeiras* – em Timon – que serviu como elo de intercâmbio comercial e político para as duas cidades mediante os demais centros urbanos do estado maranhense, principalmente à capital São Luís.

Nas mesmas proporções, e, diga-se, ornamentada com certa exuberância, pode-se falar na estrada de ferro – fundada em Timon no ano de 1909 – que ligava Timon a São Luís, a qual fora partilhada novamente com a irmã piauiense para suprir às suas necessidades comerciais e econômicas. No século XIX, era em Timon que José Antonio Saraiva²⁰ encontrava abrigo para passar suas noites, quando vinha inspecionar a construção da nova capital que tanto vislumbrava²¹.

Entre as disparidades e as justificativas, vê-se que o vínculo existente apresentado dentre ambas ergueu seus alicerces através de um princípio mútuo de auxílio e natural proximidade. Os vínculos tecidos entre Timon e Teresina foram entrelaçados sobre o compartilhamento de seus espaços, de suas personagens e sobre os fatos que as envolveram conjuntamente na composição dos tempos de outrora.

²⁰ Saraiva foi Presidente da Província do Piauí e idealizador da transferência da capital de Oeiras para Teresina, em 1852.

²¹ Tomando por referências os estudos de Raimunda de Carvalho Sousa (2005), como também os estudos de Raimundo Lima dos Santos (2007), tem-se o conhecimento que Conselheiro Saraiva costumava hospedar na fazenda *Boa Vista*, em Timon propriedade do Col. Manoel Domingues Gonçalves Pedreira, que pertencia à descendência direta dos primeiros povoadores da cidade. Col. Manoel Domingos foi também o contratante das obras públicas na construção da nova capital piauiense, demonstrando mais um elo com Teresina.

É em virtude dos fatos, ou de um fato histórico em particular, que empreendo uma discussão associada a perceber como essa eventualidade se manifestou nas esferas cidadinas e principalmente como ela se encontra territorializada nas memórias instituídas pelos moradores de ambos os domínios. O vagoio que o movimento da Coluna Prestes estabeleceu no Piauí, em Teresina, estendeu seus reflexos para o lado Maranhense, através da cidade de Timon, marcando de maneira substantiva as impressões alimentadas pelos olhares lançados via os atores sociais. Esse ato mais uma vez sintetiza, no fluxo do passado, o estreito vínculo relacional que ressalta a sina existencial e histórica entre as duas cidades.

Nesse capítulo estarei voltado em analisar algumas eventualidades marcantes que ocorreram nas duas cidades com a passagem da Coluna Prestes, procuro por meio dessa análise perceber como os fatos ocorridos se encontram articulados via o reflexo dessa relação. Nesse primeiro capítulo se encontra presente a estrutura empírica na qual me baseei para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Opto por dialogar com as informações elencadas através dos testemunhos memorialísticos, os quais foram adquiridos por seus portadores tanto por meio da vivência pessoal quanto pela tradição oral. Dentre os relatos usados destaco inicialmente as menções proferidas por Luiz Carlos Prestes, menções essas extraídas de seu depoimento cedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO, quando este visitou Teresina em 1985, em comemoração aos 60 anos da passagem da Coluna Prestes pela região.

Da mesma forma, foi possível inserir informações obtidas em consultas bibliográficas, de outras pesquisas relacionadas ao levante revolucionário no estado do Piauí e Maranhão. Dentro dessa tendência, resalto uma fonte de conteúdo substancial em relação às ações constituídas pelos revolucionários, tanto do lado do Piauí (Teresina) quanto pelo lado do Maranhão (Timon-Flores), trata-se exatamente de um “pequeno-grande” achado escrito seis meses após a passagem desse movimento, pelo escritor timonense Higinio Cunha.

Sua obra, denominada: *Os Revolucionários do Sul através dos sertões nordestinos do Brasil – 1926* – foi elaborada através da extração de dados dos relatórios feitos pelos oficiais combatentes, das forças legais – os quais o autor denomina de fontes oficiais – cartas das lideranças políticas do estado do Piauí, cartas dos próprios revolucionários, relatos orais de segundos – os quais o autor chama de “fontes fidedignas” – e ainda

informações e impressões pessoais construídas a partir de sua própria vivência como contemporâneo dos fatos.

Muitas dessas impressões foram retiradas de uma coluna jornalística a qual Higino Cunha escrevera na época do levante revolucionário, e meses após esse fato no jornal *Piauí*. A obra de Higino Cunha, mesmo sendo carregada de uma tendência conservadora, promove algumas análises pertinentes. Tal pertinência se evidencia, principalmente, no aspecto descritivo que, por sua vez, se fazem consonantes em relação ao que se teve conhecimento no proceder dessa pesquisa, tanto em relação a outras pesquisas de cunho bibliográfico, quanto aos relatos orais que fiz uso no teor desse capítulo.

1.2. Os Revoltosos nas cercanias da “Chapada do Corisco”²² e suas inquietações na “guerrilha de movimento”

Após a saída de Porto Nacional, estado de Goiás, os Revoltosos tomaram rumo ao Nordeste. A vinda da Coluna Prestes para o estado do Piauí tinha como trajeto antecedente o estado do Maranhão. Antes dos revolucionários aportarem em espaço piauiense, passaram pela região do extremo sul do estado vizinho, nos idos de novembro de 1925. Nesse período, estiveram nas cidades maranhenses de Carolina e Santo Antônio de Balsas, dirigindo-se a Pastos Bons e, logo em seguida, rumando para Benedito Leite, localidade que fazia fronteira com a cidade de Uruçuí, do lado piauiense, através da confluência do Rio Balsas com o Rio Parnaíba. Esse lugar seria o ponto de escolha para a passagem dos Revoltosos em sua inserção ao Piauí.

Nesse mesmo espaço, ocorreu o célebre conflito na região (*O Combate de Uruçuí*), protagonizado entre os Revoltosos e as tropas Legalistas do Governo. O confronto iniciou-se no lado do Maranhão, no qual as tropas Legalistas de Benedito Leite caíram em desespero, por motivo pouco esclarecido, e fugiram para o lado piauiense – Uruçuí – onde se encontrava outra tropa legalista, liderada pelo Tenente Jacob Gayoso de Almendra. Oficialmente, esse evento data da passagem do dia 07 para o dia 08 de Novembro de 1925.

Com o conflito bélico entre Revoltosos e Legalistas transportando-se para o Piauí, se observou o quanto despreparadas se encontravam as forças locais, que, assim como fizeram os soldados do lado maranhense em Benedito Leite, bateram em retirada ao ver

²² Termo que faz alusão à localização da cidade de Teresina. Situada entre a margem direita do rio Parnaíba e a foz do rio Poti, Teresina foi projetada na região conhecida como “Chapada do Corisco”, que leva esse nome por se encontrar numa região montanhosa onde há uma queda freqüente de raios nos períodos chuvosos.

que as munições de suas armas eram insuficientes para sustentar uma possível resistência à invasão dos rebeldes, já que sustentavam o conflito na esperança de chegarem os reforços solicitados pelo governador do estado, Matias Olímpio, ao governo federal.

FIGURA 03: A Coluna Prestes e antes de ir ao nordeste em *Porto Nacional, Goiás, 1925*.



Fonte: SODRÉ, Nelson W. *A Coluna Prestes: análises e depoimentos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1985.

A fuga do contingente Legalista teve como itinerário à cidade de Floriano, cerca de 240 km de Teresina – ao sul do Piauí. Esse ato ofereceu a possibilidade dos Revoltosos estabelecerem grupos organizados (destacamentos) em ambos os estados. Contudo, o fato que mais chama atenção está associado em perceber como esse “triunfo” foi, em certas medidas, superestimado, sendo categorizado como um feito fundamental para que os rebeldes adquirissem uma imagem associada ao caráter viril e hostilizante, atribuição essa alimentada por grupos distintos de ambos os estados.

O conflito que deu margem a tal percepção poderia ser considerado, grosso modo, como um fato “insignificante” ou de menor impacto aos olhos de seus contemporâneos, visto o seu resultado no aspecto quantitativo. Pois, de um conflito que varou parte da noite e da madrugada, só houve apenas três baixas ao todo, sendo que todas essas baixas foram de soldados Legalistas situados em solo maranhense. Um dos soldados caídos nesse conflito, inclusive, morreu mais pelo desespero que pelo ataque incisivo dos rebeldes, pois

acossado pelo pânico que sentia nesse momento, tentou atravessar o rio Parnaíba a nado e se afogou.

A postura dos soldados e das forças políticas locais mediante o triunfo dos Revoltosos, à sua inserção no território piauiense, demonstrou ser munida de um desespero parcialmente irracional, fazendo com que a Coluna Prestes fosse superestimada em relação ao seu poderio militar e ao seu caráter bélico.

Dentre os estudiosos que analisam tal factualidade, a historiadora Anita Leocádia Prestes seria uma das pesquisadoras que se emparelha a essa mesma percepção. Nas palavras da autora:

O combate em Uruçuí entrou para a História do mesmo jeito que a batalha de Itararé, quando da “Revolução de 30” – um combate que não houve, ou melhor, que aconteceu somente para o Tenente Jacob Gayoso, comandante da polícia militar do Piauí. Os tiros de uma patrulha rebeldes assustaram as tropas legalistas de tal forma, que o ímpeto de sua fuga levo-os diretamente ao Estado... Em conseqüência, o pânico tomou conta de toda aquela região, abrindo-se passagem livre para os Revoltosos chegarem às portas de Teresina, sem que nenhum empecilho lhes viesse a barrar o caminho. (LEOCÁDIA PRESTES, 1997. p.234-235)

No contexto da eventual invasão rebelde ao Piauí, os Revoltosos pareciam representar, no imaginário local, o ectoplasma dos cavaleiros do apocalipse em meio ao seu anúncio escatológico. O receio sentido pelas forças defensivas do governo não se delimitou a esses mesmos, mas “contagiou” também à comunidade que se sentiu envolvida numa situação de desespero. Muitos dos moradores da cidade desconheciam os propósitos dos “desordeiros” que estavam por chegar, “criando até onde se sabe medo e pavor que poucas vezes a população local tinha sentido” (SOARES, 2003, p.133). Estavam construídas, dessa forma, as dimensões psicológicas de pânico em torno da imagem dos Revoltosos.

Um exemplo que pode ser interpretado como referência de sugestiva evidência em relação ao temor que certas lideranças do governo transpiravam, associada à presença dos Revoltosos nas cercanias de Teresina, é mencionada por Luiz Carlos Prestes em sua entrevista. Numa passagem de seu depoimento, Prestes relata que tempos após a presença do levante revolucionário no estado do Piauí, já como militante político em exercício de mandato democrático no senado, pelo Partido Comunista, se encontra com Matias Olímpio. O mesmo era governador do estado quando se sucedeu a passagem da Coluna pelo Piauí.

Nessa ocasião, o ex-governador do estado do Piauí teria revelado um fato pouco conhecido, o qual foi confidenciado a Luiz Carlos Prestes, que de inimigo rebelde teria se transformado alguns anos depois em colega de senado. O mesmo relatou tal confidência em seu depoimento ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO em Teresina no ano de 1985:

Posteriormente, já muito mais tarde, quando na Constituinte de 46, tive a oportunidade de conversar com o Dr. Matias Olímpio, que era senador quando o encontrei, e governador do estado na época, ele dizia-me o que passava aqui em Teresina. Foi quando soube, foi aí. Ele disse que o General João Gomes queria que o governo abandonasse a cidade e entregasse aos revolucionários a cidade de Teresina, para depois retornar a cidade, sitiá-la e etc. Era um absurdo²³.

O próprio Prestes – líder da Coluna – via tal ato como uma atitude absurda, consciente das escassas condições materiais em que seu grupo se encontrava. Prestes sabia que essa procedência era incabível porque implicava em entregar uma capital brasileira a um levante rebelde de poderio inferior, tanto no seu contingente efetivo de homens²⁴ quanto no conteúdo armamentício que tinham em mãos naquele momento. Uma atitude que se caracterizava mais pelo sentimento de medo ao desconhecido que por uma possível tática de guerra por parte do Governo do Estado.

Essa medida não foi colocada em prática devido ao fato do governador do estado piauiense alimentar a esperança de que o presidente da República brasileira, Artur Bernardes (que pressionava o governador do estado para resistir firmemente ao cerco dos rebeldes da Coluna Prestes) pudesse mandar recursos para sufocar o levante (armas, soldados, dinheiro, para eventuais dispêndios, dentre outros recursos).

Com isso, foi decretado estado de sítio permanente à cidade de Teresina, o primeiro e único de sua história, sendo entrincheirada em todas as suas áreas de entrada. Nessas zonas de entrincheiramento ocorreriam eventuais conflitos, os quais iriam se suceder dos fins de dezembro ao início de janeiro nos arredores da capital, nos rincões do estado e se estenderiam para Timon, no lado maranhense. Vejamos o fragmento do relato de Prestes, no qual o líder da Coluna descrevera alguns desses momentos:

Então veio a ordem para resistir em Teresina. Fizeram trincheiras, entre um arco do rio Poti e Parnaíba. As nossas tropas chegaram até as

²³ Depoimento cedido ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO, em Teresina, 1985.

²⁴ De acordo com Camillo Filho (1996), a Coluna Prestes nesse período contava com cerca de 1.200 homens divididos em quatro destacamentos, espalhados pelo Piauí e Maranhão.

primeiras trincheiras dessa divisão, aí é que perdemos alguns elementos, três soldados, pelo menos, morreram nesse tiroteio. Em Flores tivemos que combater por lá havia uma outra força também. Mas, de Flores saímos com mais munição do que quando entramos, tomamos alguma munição, depois disso é que voltei para o Piauí (PRESTES, 1985).

Todo esse alvoroço generalizado nesse momento contribuía para fazer da presença dos Revoltosos uma verdadeira aventura carregada de tensão em alto grau nas cercanias de Teresina e na cidade de Timon.

Ainda segundo as observações de Prestes (1985), após a inserção dos Revoltosos em território piauiense, a Coluna se encontrava dividida em quatro destacamentos, sendo que os destacamentos liderados por Siqueira Campos e Djalma Dutra vão às proximidades de Floriano e voltam ao Maranhão – por Nova Iorque – juntamente com Prestes, rumando em seguida para Flores (Timon). Do lado do Piauí, se encontravam nesse momento dois destacamentos encabeçados por outras lideranças da Coluna: Miguel Costa, Juarez Távora e João Alberto Lins de Barros.

Higino Cunha (1926) preocupou-se em descrever algumas das características do movimento rebelde, voltadas em demonstrar a maneira como agiam e se comportavam estrategicamente. A narrativa de Cunha estabelece algumas ênfases, principalmente em relação às descrições táticas de movimentação que eram aplicadas constantemente pelos destacamentos revolucionários:

A cavallaria que se serviam não era uma arma de ataque, ou de combate, mas para cavalgar distâncias mais ou menos longas, com rapidez incrível, na defensiva, fugindo celeremente a qualquer encontro das forças legaes. Poucos animais de carga e quase nenhuma bagagem. Viviam sujos e intorsos, com a mesma roupa do corpo durante dias. Só afrontavam as trincheiras durante a noite, ao abrigo das matas próximas e dos troncos das árvores, ou arrastavam-se de bruços, como répteis, pelo solo, disparando poucos tiros de fuzis. Nessas ocasiões, a arma predileta era a pistola chamada parabellum com o emprego de balas explosivas, também chamadas de “inquietação²⁵” produzindo muito efeito no ânimo dos contrários com o mínimo de sacrifício de vidas e provocando grandes descargas de fuzilaria nas trincheiras... (CUNHA, 1926, p. 67)

²⁵ Segundo alguns relatos – os quais engrossam a fileira do que é fato e o que é imaginação em torno dos eventos protagonizados pelos Revoltosos – há algumas explicações que se inclinam a explicar essa eventualidade. De acordo com os pesquisadores como José Bruno dos Santos (2005) e Domingos Meirelles (1995), foi devido a um tiro dessa arma que os soldados liderados por Jacob Gayoso fugiram na batalha de Uruçuí deixando suas embarcações ao confundir seus espantosos estrondos com tiros de canhões.

Suas posições estratégicas eram interligadas através das *potreadas*, herdadas das práticas de equitação incorporadas ao levante através dos *Maragatos*²⁶ que aderiram ao movimento desde as investidas de Prestes no Rio Grande do Sul. De acordo com Sodré (1985), a *potreada* consistia no ato de reconhecer o território através da cavalgagem. O deslocamento a cavalo era constantemente usado. Os cavaleiros (geralmente a potreada era feita por três ou cinco homens) antecederam as regiões a serem invadidas pelos demais rebeldes. Com o deslocamento a cavalo os *potreadores* tinham finalidade de reconhecer o local ou mesmo evitar emboscadas que pudessem ser armadas sorrateiramente nesses espaços.

Os *potreadores* também eram usados como elementos de conexão aos destacamentos, levando e trazendo informações ou ordens expressas, fazendo com que os grupos não perdessem o contato entre si e colocassem em prática os planos designados pelo Estado Maior da Coluna. Resumidamente, os potreadores eram reconhecidos pelos próprios Revoltosos como os olhos e porta-vozes da Coluna. As *potreadas*, como outras características, continuam a ser descritas, constituídas até mesmo por um caráter exótico, na citação abaixo, qual o autor continua a descrever algumas das estratégias impressas pelo movimento rebelde:

Não investiam nunca em massas compactas, mas em pequenos destacamentos com patrulhas de reconhecimento ou invasão, em diversos pontos, simultaneamente, fazendo acreditar que constituíam vultosos corpos de exército. Era o sistema perfeito de guerrilha, de astúcia e emboscada. Rapidamente desapareciam como duendes ou phantamas nocturnos, que fogem ao primeiro lampejo da alvorada. Parece que careciam de armas efficientes, capazes de enfrentar as tropas do governo. Por onde passavam a principal preocupação era arrecadar riffles e os respectivos cartuchos, carabinas muito usadas em nossos sertões. A captura de animais e o saque das repartições públicas e particulares vinham em segundo plano. Conduziam poucos prisioneiros para servirem de guias, não perpelavam homicídio ou fuzilamento fora das refregas.

²⁶ Esse foi o nome dado aos militantes da Revolução Federalista de 1893, ocorrida no Rio Grande do Sul em oposição ao governado federal na época, representado pelo presidente de estado Júlio Castilho. Em 1923 ocorre a formação da Aliança Libertadora, idealizada e liderada por Assis Brasil, opondo-se novamente ao governador do estado, Borges Medeiros. Tal manifestação contará novamente com o apoio dos *Maragatos*. Por fazer oposição ao governo federal, a Coluna conquistou rapidamente o apoio desse grupo, fazendo com que muitos dos seus militantes incorporassem ao movimento. Um dado interessante de ser mencionado diz respeito ao fato do lenço vermelho, tido como um capital identitário da Coluna Prestes, ter sido inserido por esse grupo uma vez que estavam presentes no destacamento Gaúcho liderado por Prestes, pois o lenço vermelho era um acessório inerente a todos os *Maragatos*. Para maior esclarecimento sobre a trajetória e formação dos *Maragatos*, ver: FRANCO, Sérgio da Costa. 13º Caderno: O Partido Federalista do Rio Grande Do Sul (1892-1928). In: **Cadernos de História**. Memorial do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/maragatos.pdf>

Não cometiam attentados ao pudor, salvo algum caso excepcional, nem admittiam uso de cachaça (CUNHA, 1926, p. 68).

Muitas dessas características contribuíram para se perceber que as atitudes dos rebeldes demonstravam uma rigorosa procedência disciplinar, como o próprio autor observa. Outro aspecto que chama a atenção é que, segundo Higino Cunha (1926), se tinha certo conhecimento em relação ao posicionamento ocupado pelos rebeldes na região. Havia informações que circulavam constatando o fato deles costumeiramente se colocarem a acampar e montar quartéis às margens do rio Parnaíba. Conseqüentemente, os pontos em que acampavam se tornavam, automaticamente, um espaço de traslado para o Maranhão, via penetração à cidade de Timon.

Através dessa informação me deparei com uma determinada problemática. Tentarei explicar. Como descrito anteriormente, os Revoltosos atravessaram o rio Parnaíba após o conflito em Uruçuí, indo a algumas localidades piauienses (como Floriano) e retornando posteriormente ao Maranhão, especificamente rumando para Nova Iorque, no sul desse estado, e conseqüentemente seguindo rumo à cidade de Flores (Timon). Este teria sido o trajeto percorrido pelo levante rebelde até entrar em Timon pelo lado sul do Maranhão.

A afirmativa sobre uma provável inserção em Timon pelo lado piauiense encontraria certos problemas relacionados em estabelecer essa afirmativa. Essa percepção se fazia baseada na compreensão de que, para que a Coluna adentrasse em Timon pelo estado do Piauí, os Revoltosos teriam que dar cabo de uma eventual invasão à capital do Piauí, Teresina, pelo óbvio fato da capital do Piauí ser o único território piauiense fronteiro com a cidade maranhense. Em outras palavras, a entrada efetiva da Coluna Prestes em Teresina teria que ser um fato concreto para depois os Revoltosos entrarem no domínio territorial de Timon pelo lado do Piauí.

Porém, ao se que consta, essa inserção não foi um ato consumado pelos revolucionários. Não há nenhum registro ou qualquer prova substantiva que comprove a invasão da Coluna Prestes na esfera central e urbana da capital²⁷, sendo que os rebeldes estiveram limitados às proximidades de seus possíveis pontos de invasão, os quais eram delimitados por trincheiras resguardadas por soldados Legalistas. Infelizmente, é praticamente impossível pensar em referências que carreguem informações sobre a Coluna

²⁷ É necessário esclarecer ao leitor que o intuito que alimentava ao lançar tais conjecturas, estava associado em pensar na possibilidade dos Revoltosos terem invadido de forma efetiva a cidade de Teresina, uma eventualidade bastante especulada tratando-se da passagem dos Revoltosos pela região.

Prestes nessas cidades munidas com esse tipo de detalhe. Os referenciais memorialísticos, em um primeiro momento, pouco acrescentaram em relação a indicações precisas sobre essa questão.

Entretanto, de acordo com as informações sobre os freqüentes deslocamentos feitos pelos rebeldes, observei que os principais pontos de percurso da junta revolucionária, tanto no Piauí quanto no Maranhão, foram, em grande parte, as esferas rurais. Esses domínios se tornaram espaços de inserção mais intensas dos Revoltosos por motivos até mesmo dedutíveis. Eram nas zonas rurais onde supostamente se encontraria pessoas que, por assim dizer, compartilhariam de maneira mais intensa com o propósito pelo qual a Coluna Prestes incorporou substancialmente uma causa revolucionária. Ou seja, nesses domínios se encontraria pessoas que sofriam com as dificuldades do campo, com o modelo patriarcal e mandatário que residia na figura dos coronéis, em meio à exploração pela qual eram cotidianamente submetidas.

Essa seria uma situação que, em teoria, poderia incidir no fato de pessoas que vivessem nessas condições abraçarem a causa revolucionária, e militar contra um regime de exploração, contribuindo desta forma com a “utopia” da realização de uma revolução social, a qual era supostamente propagada pelo movimento rebelde. Entretanto esse projeto demonstrou ser uma proposta inviável devido às relações entre camponeses e coronéis serem sistematicamente constituídas a partir uma condição clientelista muito mais complexa do que os rebeldes imaginavam. Mais que isso, essa relação resguardava elementos pelos quais as camadas populares se encontravam sujeitas pelas dinâmicas das relações de poder. Contudo, essa será uma discussão a ser argumentada em outro momento. Voltemos ao levantamento do itinerário que fiz em relação à inserção da Coluna Prestes em Timon.

Como mencionei anteriormente, as zonas rurais eram as principais áreas de trajeto dos Revoltosos. Outro ponto que valida às intensas investidas dos revolucionários nas tramitações rurais está ligado ao fato desses ambientes serem naturalmente constituídos de maior dificuldade ao acesso em grande escala, e essa, até onde se sabe, era a forma como as tropas Legalistas andavam freqüentemente em perseguição atrás dos revolucionários da Coluna Prestes.

Logo, seria muito mais fácil de serem perseguidos nas tramitações urbanas, onde se poderia até mesmo ser usado automóveis para se promover a caça aos Revoltosos (como já

tinha acontecido em outras regiões do Brasil²⁸) que em trilhas estreitas ou mesmo em matas fechadas, ainda mais quando a Coluna tendia a investir em grupos fragmentados (os destacamentos), o que facilitava de forma mais rápida e eficaz a progressão de suas investidas territoriais.

Tendo em vista a tática comum em meio ao deslocamento dos revolucionários, percebi que havia uma possibilidade de inserção de Teresina para Timon, via suas localidades rurais, sendo essas ribeirinhas ao rio Parnaíba. Tal percepção adquiriu determinada consistência ao se estabelecer uma investigação voltada em saber por qual povoado os Revoltosos deveriam ter entrado advindos do lado piauiense. Logo, propus-me em analisar quais os povoados ribeirinhos ao rio Parnaíba que os soldados da Coluna Prestes estiveram presentes.

Após algumas investidas desenvolvidas através de relatos orais, cheguei ao povoado Varjota, do lado timonense. Esse é um povoado fronteiro com a cidade de Matões, no Maranhão, e paralelamente a ele, do outro lado do rio, se encontra o povoado de Nazária, em Teresina. Uma informação que não tinha conhecimento até então, e que foi adquirida através dos relatos mencionados pelos moradores dessa localidade, é que nesse povoado havia um dos principais portos de tráfego entre Timon e Teresina.

Ora, algumas fontes parecem conspirar favoravelmente para a materialização de determinadas hipóteses. O que sustentou com certa propriedade o postulado relacionado aos soldados da Coluna Prestes transitarem entre as cidades de Timon e Teresina, através dos seus limites territoriais – já nas zonas rurais – diz respeito à exposição de uma carta de Juarez Távora, direcionada a Luiz Carlos Prestes, que no momento em que foi escrita se encontrava em Natal²⁹ ao sul do Piauí. Tive a oportunidade de me deparar com o fragmento dessa carta ao fazer um levantamento empírico na obra do pesquisador teresinense José Camillo Filho.

Segundo Camilo Filho (1996), essa carta data do dia 30 de dezembro de 1925 e se refere a um eventual encontro que deveria se realizar posteriormente entre todos os destacamentos da Coluna, o qual iria acontecer do lado maranhense, em Timon. Em grande parte, esse evento não obteve efetividade devido a um dos memoráveis fatos

²⁸Em Mato Grosso os soldados da Coluna Prestes passaram por um dos momentos mais difíceis de suas jornadas devido à caçada liderada pelo Major Bertoldo Klinger, que além de contar com um forte aparato armamentício fez uso de caminhões para perseguir os rebeldes.

²⁹ Localidade que corresponde atualmente à cidade de Monsenhor Gil, no Piauí a cerca de 65 km de Teresina.

acontecidos no Piauí, relacionado aos embates entre as tropas Legalistas e levante revolucionário. Provavelmente esse evento seja o mais marcante em relação à Coluna Prestes no Piauí, o qual foi comemorado como uma vitória sem precedentes pelas forças Legalistas locais: a prisão de Juarez Távora em Coivaras³⁰. Esse fato se sucedeu no mesmo dia da emissão de tal carta.

O que chama a atenção no conteúdo expresso em tal escrito está vinculado ao fato de Juarez Távora descrever, com certa minúcia, para Carlos Prestes os pontos de passagem que eram eventualmente usados pelos Revoltosos para virem à cidade de Timon através dos portos que trafegavam entre as cidades nessa época. Vejamos a reprodução do fragmento em que Távora indica os portos que eram usados para a passagem de Teresina a Timon ou vice-versa:

Mando-lhe um cróqui deste e do outro lado do Parnaíba, com as distâncias em quilômetros, ou em léguas.

Os pontos para a passagem da tropa são: 1º, São João – Cana Brava, daqui a 7,5 Km, onde há três pequenas canoas; 2º, Varjota – Nazária, daqui a 05 léguas, onde há duas canoas regulares; 3º, Santo Antônio, daqui há 08 léguas, onde há 01 ótima chalana (TÁVORA *apud* CAMILLO FILHO, 1996, p. 24).

Observa-se que, dentre os portos de onde se transitavam de Teresina para Timon, se encontra reproduzido na carta de Távora um ponto de conexão paralelo entre os portos dos povoados Varjota (Timon) e Nazária (Teresina). Convém ressaltar que mesmo com a prisão de Távora, e até antes dessa prisão, os Revoltosos transitavam, e não deixaram de transitar, para o outro lado do Parnaíba. Pois os relatos orais sobre a presença da Coluna Prestes por essa região se demonstram mais vívidos a alguns eventos ocorridos no ano posterior – 1926 (“Ano da Revolta”).

Possivelmente, essa passagem era feita de maneira constante, ocorrendo idas e voltas protagonizadas pelos Revoltosos entre as cidades de Teresina a Timon. No fragmento abaixo podemos observar o que foi descrito por Higino Cunha na época em relação às constantes tramitações feitas pelos destacamentos dos rebeldes:

Atravessavam o Parnahyba com maior facilidade, de um lado para o outro, de dia ou de noite, com o tempo claro ou escuro, secco ou chuvoso,

³⁰ Na época se chamava Areias. Além de Coivaras essa localidade também é conhecida atualmente como Angelim. Nessa época, assim como Nazária, essas localidades eram zonas rurais de Teresina. Atualmente Angelim encontra-se incorporada à cidade como bairro teresinense.

em constante “ligações” em um zig-zag funambulesco, mas sempre rumando para Theresina, o alvo estratégico nessa estranha peregrinação (1926, p.199).

Outro relato que pode servir para ilustrar essa prática empreendida pelos soldados da Coluna Prestes foi mencionado no depoimento de uma testemunha “ocular” da presença dos Revoltosos nessa época: o senhor Justino Capistrano de Oliveira. Esse senhor foi morador do povoado Varjota por mais de 90 anos. Em seu depoimento, o senhor Justino Capistrano mencionou a chegada dos Revoltosos através da travessia do rio Parnaíba. Em meio à sua narrativa ele também relatou o alvoroço que ocorreu com a chegada do movimento nessa ocasião, quando aportaram.

Esta travessia, segundo sua menção, foi executada e comemorada como uma passagem triunfal, festejada pelos soldados da Coluna Prestes carregada de muita euforia. Através de suas lembranças o depoente recorda dos brados calorosos que foram ecoados refletindo a satisfação dos revolucionários no êxito de suas investidas ao transladar do Piauí (Teresina) para o lado do Maranhão (Timon).

Porém, algo que causa bastante curiosidade relacionada ao seu depoimento se trata justamente do fato desse depoente lembrar determinados detalhes associados aos brados que eram entoados pelos Revoltosos nesse contexto. De acordo com o que foi mencionado pelo senhor Justino Capistrano, os Revoltosos comemoram a travessia de Teresina para Timon aos berros, nos quais gritavam euforicamente as seguintes palavras: “viva ao capitão Isidoro, viva ao capitão Isidoro, viva o pai Isidoro”.

Certamente esse brado se referia ao General Isidoro Dias Lopes. Como referido na introdução desta pesquisa, o General Isidoro Dias liderou junto com Miguel Costa o levante revolucionário insurgente em São Paulo, no ano de 1924. Essa eventualidade é reconhecida como uma manifestação “contínua” à revolta promovida pelos oficiais do clube militar no Rio de Janeiro, em 1922, e que daria origem à Coluna Prestes – ao ser anexado aos insurretos do Rio Grande do Sul, em 1925. Observemos com maior minúcia o relato do depoente, no qual ele procura reproduzir à comemoração triunfante da chegada dos Revoltosos a Timon pelo povoado Varjota ao atravessar o rio Parnaíba:

...Aí, os Revoltosos, quando chegaram aqui, começaram a fazer festa. Aí eles começaram a cantar, gritando alto: “viva papai Isidoro, viva capitão Isidoro, viva ao capitão Isidoro, viva o pai Isidoro”, que era o dono da revolta que esse pessoal vinha fazer pra cá. Aí, quando os outros souberam que eles estavam fazendo festa, quando eles chegaram do Piauí

– porque eles vieram foi de lá do Piauí, os outro chegaram e arruiliaram o lugar onde tava acontecendo a festa...³¹ (2007).

Pode-se ainda acrescentar algumas informações significativas à menção que foi feita: devemos primeiro levar em conta que Isidoro Dias Lopes³² afastou-se do movimento muito antes de se deslocarem ao nordeste. O “dono da revolta” se exilou na Argentina após a saída do levante de São Paulo rumo ao sul devido a seus problemas de saúde. É importante saber também que o enunciador desse depoimento é uma figura simples do campo, ex-agricultor de pouca instrução educacional, não sabendo ler, nem escrever, e morou nesse povoado toda a sua vida.

A partir dessas informações iremos deduzir que a maneira pela qual ele carrega tais informações seria em virtude dele ser, se não um presenciador dos fatos sucedidos nesse povoado (como o mesmo alega), no mínimo um contemporâneo dos mesmos, que abstraiu informações através da oralidade. Essas observações acabam mais ainda por corroborar com as narrativas sobre presença dos Revoltosos em Timon, através das conjecturas que foram lançadas inicialmente.

Podemos dar arrimo maior às menções do Senhor Justino Capistrano quando se compara as características dessas ações com aquelas descritas por Lourenço Moreira Lima (1979), jornalista que se incorporou à Coluna Prestes, tornando-se o relator oficial das incursões diárias dos revolucionários. Em sua obra, posterior ao movimento e uma das grandes referências de pesquisas voltadas a esse levante, o autor menciona que era comum aos Revoltosos sempre comemorarem aos gritos, saudando o nome dos líderes do movimento, ato que estabelece certa consonância ao que foi dito no relato do depoente.

Nessa época já se encontravam os destacamentos de Cordeiro de Farias e Djalma Dutra em Timon, advindos do lado sul do estado. A cidade maranhense, dessa forma, se encontrava ligada às determinadas pretensões vislumbradas pelos Revoltosos. Mas que

³¹ O depoimento do Senhor Justino Capistrano de Oliveira foi cedido a Francisco Chagas Oliveira Atanásio no dia 07 de setembro de 2007, no povoado Varjota, em Timon - Ma

³² Isidoro Dias, na época da “revolta” já era um homem de idade avançada, 60 anos, e se reconhecia como impossibilitado para grandes investidas frente ao movimento revolucionário, como as que ocorreram no seguimento do levante. No entanto, mesmo afastado da Coluna não perdera o contato com os rebeldes e se tornou uma espécie de “conselheiro” do movimento. A trajetória de Isidoro Dias foi marcada por sua militância em questões sociopolíticas que incidiram no país desde os fins do século XIX. Além de encabeçar a Revolução Paulista de 1924, junto a Joaquim Távora (pai de Juarez Távora) e Miguel Costa, também participou da Revolução Federalista, em 1893, no Rio Grande do Sul, contra o governo de Floriano Peixoto. Posteriormente à Coluna também apoiou da Revolução de 1930, sendo nomeado por Getúlio Vargas, a comandante da 2ª Região Militar em São Paulo. Para maior conhecimento sobre a trajetória de Isidoro Dias Lopes, ver: OLIVEIRA, Nelson Tabajara de, **1924 – A Revolução de Isidoro**, Companhia Editora Nacional, 1971.

pretensões seriam essas exatamente? De antemão posso dizer que mais uma vez via-se manifestar o estreito relacionamento histórico que ambas as cidades comungam desde suas formações.

Timon e Teresina são indiscutivelmente cidades aparentadas, cidades irmãs. Irmãs quase siamesas tanto histórica quanto geograficamente, por assim dizer, ao mesmo tempo separadas e ligadas apenas por um “Velho Monge³³”, que ainda sobrevive agonizante às agruras dos tempos e aos despreços dos homens. Irmãs que hora e outra partilham das mesmas emoções. Se nessa época Teresina entrou em desespero pelo cerco rebelde que a ameaçava, a tensão em Timon ultrapassou o simples fato da expectativa de invasão quando os Revoltosos transpuseram-se para o outro lado do rio.

1.3. Do outro lado do rio: a Coluna Prestes em Timon

A escassez de documentos escritos que de alguma forma pudessem expressar o contexto social, político ou cotidiano da época na cidade de Timon, na década de 1920, ou mesmo precisamente nos anos de 1925-1926, demonstra-se dotado de certa carência. Em virtude dessa dificuldade ocorre certa impossibilidade de discutir elementos detalhados em relação à configuração sócio-política local da época, a não ser devido a algumas observações relatadas oralmente, referentes a esses aspectos.

Apesar disso, ao discutir sobre uma caracterização de maior amplitude, não seria tão difícil pensar a condição espacial, social e mesmo política de Timon naquele momento. Praticamente a maioria das pequenas cidades emergentes do meio-norte brasileiro tem suas raízes fincadas em terrenos, nos quais suas erosões exibem um teor ruralizante e provinciano. Timon, nesse aspecto, não deixa de revelar sua essência. O próprio nome que carregava na época – Flores – simbolizava bem esse caráter ruralista como é relato nas histórias sobre a cidade.

Segundo a professora Raimunda Carvalho de Sousa (2005), uma das maiores educadoras da história da cidade e ávida pesquisadora, o nome surge em homenagem homônima ao engenho de cana-de-açúcar. O engenho “Flores” era o mais próspero e mais afamado da cidade, nessa época. O nome da cidade foi alterado para o que lhe é de

³³ Esta é a maneira coloquial pela qual os moradores das cidades de Timon e Teresina tratam o Rio Parnaíba. Uma forma de reconhecê-lo não só como um agente geográfico, mas, implicitamente, também o destaca como um marco memorial que se insere no contexto histórico das cidades, sendo referência constante para as histórias e estórias que foram agenciadas e descritas do decorrer do passado de ambas as cidades.

conhecimento até os dias de hoje em 1943³⁴. O nome atual – Timon – foi colocado em homenagem ao literato maranhense João Francisco Lisboa, autor dos textos que deram origem à obra: *O Jornal de Timon*, o qual inspirou o nome da cidade (FONSECA NETO, 2003).

Por essa premissa logicamente se pressupõe a ligação íntima da cidade, em seu contorno histórico, ao universo rural existente, característico dos espaços campestres nos sertões brasileiros. A partir dessa perspectiva, vemos que o nome da cidade se constituía como uma espécie de referência apolítica ao elemento que melhor representava a prosperidade dessa localidade maranhense, um engenho instituído no campo. Outro aspecto que reitera essa percepção leva em conta algumas informações adquiridas em conversas informais com os entrevistados para essa pesquisa. Esses costumavam dizer que, nessa época, o diferencial do ambiente “citadino” de Timon do ambiente ruralizante de seus povoados era justamente a proximidade com pólo urbano de Teresina, a capital do Piauí.

Logo, se presume que os elementos ideológicos que compunham estrutura do clientelismo político faziam-se existentes, naquele contexto, tanto no espaço urbano como na esfera rural, Tem-se, por exemplo, o conhecimento de figuras que ostentavam uma posição de considerável respaldo político e se apropriavam, se não das atitudes, pelo menos do título de coronel, (in)conscientes do quanto a nomenclatura plainava como um termo que representava a sinonímia do poder local, um vetor imagético-discursivo de distinção identitária.

Observa-se também que os principais “coronéis” dessa época eram oriundos de lugares sociais privilegiados, sempre mostrando uma determinada importância em relação ao status que ocupavam na cidade. Temos entre essas figuras pessoas como o Coronel Falcão (um dos maiores latifundiários da cidade desde o início de século XX). Havia também o Coronel Ribeiro Albuquerque (que chefiara a vila em 1924 quando passou à categoria de cidade) e Coronel Firmo Pedreira (ancestral direto de uma das primeiras

³⁴ Segundo a autora, essa alteração foi obrigatória devido a um decreto de lei federal sancionado no mesmo ano – 1943 – em que nenhuma cidade poderia ter o nome idêntico à outra. Esse era o caso de Flores, que coincidia com o mesmo nome de uma cidade situada no Rio Grande do Sul. A partir desse ano deram o nome que hoje é conhecida, homenagem ao, já mencionado, literato, historiador e jornalista maranhense João Francisco Lisboa. Além de escrever a obra que inspirou o novo nome a cidade, outro trabalho interessante foram suas contribuições com as pesquisas historiográficas desenvolvidas pelo mesmo sobre o estado do Maranhão designadas pelo IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Lisboa também era um apaixonado pela política e por muito tempo foi militante republicano-liberal pelo partido maranhense dos *Bem-te-vis*.

famílias a povoarem a cidade e doador das terras onde foi construída a primeira capela católica de Timon). Esses são os nomes de alguns coronéis que se destacavam na cidade de Timon.

Notoriamente é possível mencionar uma caracterização eminente na descrição da trajetória dos personagens supracitados. Em torno das memórias e dos discursos sobre os mesmos, freqüentemente nos deparamos com um enquadramento informativo que os posicionam como os *pioneiros* (os primeiros povoadores, os primeiros donos de terra, os primeiros...). O discurso do pioneirismo também se demonstra uma estratégia narrativa voltada em reiterar toda uma imagem instituída e voltada em arvorar seus *status*, seus lugares sociais, suas imagens e as relações de poder articuladas a partir do que representavam. Por esses mesmos aspectos, é necessário que, enquanto figuras pioneiras, sejam problematizadas, não para que sejam rejeitados plenamente, mas, principalmente, para que sejam “esclarecidos”. No entanto, essa é uma outra história...

Por outro lado, o que se torna mais notório envolto do lugar social que esses homens “ilustres” se encontravam, estava vinculado, não exatamente à origem abastada de onde supostamente vieram enquanto *pioneiros*. Há também de se perceber – e isso talvez seja um indicativo visceralmente importante – o *capital simbólico*³⁵ em torno da nomenclatura “Coronel”. Percebe-se essa importância, tendo em vista o poder de significado e sentido impresso em envolto dele a partir de sua prática discursiva. Somos levados a compreender esse aspecto quando analisamos a forma como esse nome foi instituído e solidificado em sua historicidade.

Primeiramente, deve-se entender que o *coronelismo* se elencou como um dos fenômenos fundamentais para que a engrenagem do sistema oligárquico adquirisse ritmo intenso e contínuo, capaz de arregimentar as elites locais, da qual naturalmente fazia parte, no domínio sólido e no exercício de um determinado poder. Dessa forma, o *coronelismo* se manifestava através de um conjunto de ações políticas e locais promovidas por parte das ordens imperativas do coronel. Através de um conjunto de ações, o coronel e a condição

³⁵ Esse é um termo conceitual que adquiriu grande notoriedade a partir das reflexões do sociólogo Pierre Bourdieu (1998). De acordo com sua concepção, o capital simbólico se expressa como uma forma de medida do prestígio que um indivíduo ou instituição possui, o qual certa notoriedade em determinado campo social. A partir de um exercício implícito ele permite que um indivíduo desfrute de uma posição de proeminência frente ao seu lugar social. Tal proeminência é reforçada pelos distintivos que reafirmam a posse deste capital. O capital simbólico poder ser assim usado como instrumento de exercício da violência simbólica, ao impor seu peso sobre os que não o possuem. Para uma visão mais ampla desse conceito, consultar: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

incorporada à sua imagem se legitimavam como um artifício extremamente significativo para a *Política dos Governadores*.

Para melhor entendê-lo temos que observá-lo como uma espécie de tecnológica política que “não pode ser visto nem como um sistema autônomo nem dissociado da política do café com leite, ele é o primeiro degrau de uma estrutura política projetada de baixo para cima” (LEAL, 1997, p.39). Algo importante de mencionar sobre essa tecnologia política ramificada da *Política dos Governadores* é que ela era também um fenômeno sociológico de bastante impacto sobre a sociedade e esse é o ponto pelo qual demonstra seu pleno funcionalismo.

De acordo com Vitor Nunes Leal (1997), o título de “coronel” tem suas raízes históricas fincadas desde a monarquia. A titulação poderia ser recebida ou comprada e ela teria se originado exatamente no período da regência monárquica como um título que equivalia a uma patente da Guarda Nacional. Desde essa época, o termo revelava-se como sinônimo de poder e prosperidade. Por isso, o comerciante, os donos de terras bem sucedidos, ou os senhores de engenho eram chamados assim, mesmo não comprando ou não sendo condecorados com essa titulação.

As próprias condições precedentes que iam surgindo sobre a política da regência monárquica, a qual ia se tornando localista no decorrer dos anos de ausência de um monarca que pudesse governar o império, favorecia o reconhecimento micro-esférico dos mais abastados. Esse reconhecimento automaticamente os convertia em lideranças imponentes da comunidade, e, por esse motivo, os mais bem sucedidos, que já agiam com bastante autonomia, criavam suas próprias leis em seus domínios, e eram intitulados popularmente com essa nomenclatura, expressando uma posição de respeito mediante a sua comunidade.

Como uma espécie de “legado” da monarquia, o coronel, que emergente no início do século XX, caracterizou-se por sua ascensão no meio rural. Sujeito a qual sua imagem foi sendo esculpida no imaginário social sobre o estereótipo de um homem pouco culto, viril, meio hostil. Tornou-se símbolo de liderança política, nas vilas, cidades e interiores, sua imposição tornava-se lei e vinculava a todos em seu cerco político à sua influência. Envolvido por uma imagem entalhada a partir desses traços, o povo sujeitava-se à figura do homem prático em que a última palavra era sempre a sua. Raymundo Faoro, ao reler a instauração histórica da imagem do coronel, nos proporciona um panorama de apreensão que mostrava como o poder que emanava imagem reduzia às leis à sua vontade:

O senhor da soberania, o povo que vota e decide, cala e obedece, permanece mudo ao apelo à sua palavra. O bacharel reformista, o militar devorado de ideais, o revolucionário intoxicado de retórica e de sonhos, todos modernizadores, nos seus propósitos tem os pés embaraçados pelo lodo secular. Os extraviados cedem ao lugar, forçados pela mensagem da realidade, aos homens práticos, despidos de teoria, e, não raro de letras. No campo, no distrito, no município, o chefe político o *coronel* tardo e solene, realista e autoritário, amortece na linguagem corrente o francês mal traduzido e o inglês indigerido. Ele municipaliza a expressão erudita comunicando-lhe, de seu lado, sentido e conteúdo, converte o freio jurídico do governo no bucal caboclo. (FAORO, 2001, p.697).

Ao observar as incursões tomadas pelo termo à ocasião do seu uso, vemos se revelar a naturalização conceitual pela qual a nomenclatura *Coronel* passou, implicando em dizer que o coronel – herança do império – transcendera de patente militar para elemento simbólico representante do poder local na *Política dos Governadores*. Da mesma forma o termo, o nome, a literalidade da palavra convertia-se da condição de substantivo comum (coronel) para substantivo próprio (Coronel), revelando de maneira implícita, a construção de uma *identidade sociológica*³⁶ – uma insígnia de valor tributário, dados pelos outros, àquele que se apropriava do nome.

A imagem do coronel se estabeleceu sobre a condição de “permanência” atualizada do passado político monárquico para o regime republicano. A estrutura social do país, nesse determinado momento, favoreceu grandiosamente a ostentação dessa imagem, afinal de contas, nas primeiras décadas do século XX o Brasil era um país marcado pelos traços da ruralidade, ainda mais se nos referirmos às regiões nordestinas do Estado brasileiro, como o caso de Timon e Teresina.

Outro aspecto que reforçava a imponência de tal imagem está associado ao fato de se ter nas culturas rurais a base da economia nacional o que caracterizava bem a forte ligação da ordem política vigente com os senhores do campo. O setor agrário era encarado como o setor de maior potencial econômico do Brasil na época. Agricultura (principalmente nas grandes lavouras do café) tinha grande importância como núcleo central para a produção capital. No caso de Timon, além da agricultura de subsistência baseada na policultura (que ainda hoje é extremamente comum nas zonas rurais), ainda havia um significativo empreendimento em produções de engenho, voltados para o tratamento da cana-de-açúcar (SOUSA, 2005).

³⁶ De acordo com as análises de Stuart Hall (2005), a *identidade sociológica* se refere a uma identidade balizada sobre a elaboração de uma imagem social que é autenticada pelos pares, os quais compartilham da mesma esfera de vivência sócio-cultural do sujeito ao qual essa identidade é atribuída.

Toda essa situação favorecia naturalmente o “Senhorzinho”, o coronel que fazia de sua localidade, seu o reino. Seu poder se estabelecia através de aparatos simbólicos e “práticos”, elementos que se evidenciavam como formas de auxílio e que reiteravam sua imagem como homem de autoridade soberana mediante aos demais. Elementos que, por hora, exprimiam imposições através da força bruta ou que, por hora, exprimiam imposições através ações sutis, as quais tinham a capacidade de residir nas dimensões psicológicas dos sujeitos ao seu meio³⁷.

A forte ligação dos moradores rurais com a terra, voltada a produzir o necessário para subsistência e a própria moradia, muitas vezes direcionava esses sujeitos a uma posição de subordinação. Nas falas dos depoentes percebe-se que a necessidade da terra para se manter era um elemento fundamental. Uma característica comum que levava a essa situação derivava do fato das terras dos povoados pertencerem a uma única pessoa. Com isso, a moradia muitas vezes estava condicionada a várias obrigações, pois na condição de agregados esses faziam acordos que envolviam não apenas pagar pelo seu uso com parte do que se produzia³⁸, mas também empregar sua força de trabalho para os donos dessas propriedades quando necessário.

Essa análise evoca uma discussão feita por Maria Margarida Moura (1988), em sua obra *Os deserdados da terra*³⁹. Trata-se de analisar as formas de exploração constituídas nas relações entre os donos das terras e seus agregados. Nesse trabalho a autora estuda casos similares, em outras regiões, à situação supracitada: as “moradas de favor”. Podemos através de tal estudo extrair uma lição significativa presente em sua análise; pois a autora percebe que a forma de dominação não se delatava apenas pela exploração do trabalho no

³⁷ Podemos citar como exemplo uma prática social discutida de forma bastante esclarecedora por Raymundo Faoro (2001). O *compadrismo* se evidenciou como uma espécie de elemento ritualístico pelo qual se intensificava o processo de sujeição e subserviência do sertanejo ao coronel, através de uma aliança compactuada simbolicamente. Essa provavelmente era a prática relacional que melhor caracterizava essa condição de “prisão” e “endividamento”, de fidelidade dos sujeitos com o Coronel. Através da doação do filho a um segundo tutorado, se constituía basicamente uma relação de “parentesco”. O coronel, que seria “coronel-compadre”, iria integrar a família, a qual poderia contar com ele nas horas de necessidades, da mesma forma esses jamais poderiam negar-lhe a palavra. O *voto de cabresto* era o voto de honra para eles, o ato de sinalização e prova da palavra comprometida. Desse pacto, se constituía uma condição de fidelidade hereditária que era transmitida e que dificilmente poderia ser quebrada.

³⁸ Pelo que se consta nas informações, o uso da terra era pago com uma determinada quantidade do que era produzido. Não havia exatamente um padrão de quanto deveria ser repassado ao dono da terra. Poderia ser a décima parte daquilo que era produzido ou mesmo metade do que se produzia. Os moradores chamavam essa cota de produção de “renda”

³⁹ Essas são questões levantadas por Margarida Maria Moura ao estudar o caso das *moradas de favor* no Vale do Jequitinhonha. Para o aprofundamento no estudo de caso, Ver: MOURA, Margarida Maria. **Os deserdados da terra**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1988.

sentido estrito, mas nos controles dos movimentos, no fato dos subalternos estarem sempre à disposição dos seus eventuais senhores, os donos da terra.

Essa visão também foi compartilhada pelos representantes do movimento rebelde. Em seus trajetos, os Revoltosos perceberam que as relações estabelecidas em meio ao universo cotidiano desses sujeitos velavam, de certa forma, a percepção dos artifícios de exploração e dominação promovidos e intercalados até mesmo em um nível psicológico. Ou seja, os moradores rurais muitas vezes se encontravam sujeitos a uma violência tão repressiva quanto à violência física, porém mais sofisticado e “sutil” em seu exercício: uma violência simbólica⁴⁰.

De acordo com Anita Prestes (1997), mesmo a Coluna tendo ciência da pouca mobilização no apelo popular, em certos casos, não abria mão do confronto com as tropas inimigas. O caso de Timon, por exemplo, não se tem qualquer registro de adesão ao movimento, e nessa cidade ocorreram intensos conflitos armados. Os núcleos urbanos da cidade foram espaços de acessos menos intensos aos Revoltosos, se comparado às suas andanças nos povoados da cidade, pois os campos de atuação mais presentes e incisivamente protagonizados pelo levante rebelde, como dito antes, consumaram-se na zona rural.

Há relatos, por exemplo, da presença da Coluna tanto do lado sul, em lugares como Varjota, Garapa, Cão Açu (Canhançu), Passagem Santo Antônio, Olho D’água, Vertente, Buriti, Mocambo de Ferro, Fazenda Nova, quanto ao norte e leste, nos povoados Campo Grande, Carnaúba de Pedra, Malhada d’Areia. Esses foram alguns dos povoados da cidade dentre muitos outros que estiveram.

Chamo atenção para o fato de que as tramitações dos rebeldes estão plenamente associadas, de acordo com os depoimentos, aos últimos dias de 1925 e aos primeiros dias de Janeiro de 1926. Inclusive, não seria tão incomum ver entre os antigos moradores desses povoados, mesmo sendo de gerações mais recentes, posteriores às passagens dos Revoltosos em Timon e Teresina, classificarem o ano de 1926 como o “ano da revolta”. Essa nomenclatura demonstra o período mais presente na memória desses moradores.

⁴⁰ Intelectuais como Raymundo Faoro (2001) e Vitor Nunes Leal, dedicaram uma leitura expressiva na qual abordaram os mecanismos empregados no regime do *coronelismo*, o qual seria o primeiro degrau constituído hierarquicamente no regime da *Política dos Governadores*. Muitos dos mecanismos operavam sobre um exercício coercitivo e simbólico acionado através de determinadas práticas e ritualizações. Para maior esclarecimento ver as obras: FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: Formação do patronato político brasileiro**. São Paulo: Globo, 2001. & LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o coronelismo e o regime representativo no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Algo bem característico, descrito em praticamente todos os relatos locais referentes às investidas dos Revoltosos em suas passagens nessas localidades, está associado ao ato de freqüente apropriação dos pertences dos moradores dos povoados por onde passaram. Na maioria das vezes, essas apropriações delimitavam-se a poucos itens, basicamente animais (cavalos, bois, galinhas, porcos) e armas de fogo.

Também se menciona que, para cometer esses atos, os soldados muitas vezes escolhiam as pessoas mais providas de recursos. Muito do que era tomado por eles pertencia a sujeitos detentores de uma considerável quantidade de bens. Nessas ocasiões sempre ocorria certa distribuição daquilo que excedia às necessidades do movimento. Geralmente essas distribuições eram feitas especialmente tratando-se de comida, o que fazia com que muitos dos camponeses das localidades atribuíssem certa simpatia aos soldados rebeldes. Um exemplo era o caso dos animais de criação, que eram compartilhados com as pessoas das comunidades locais.

O morador do povoado Fazenda Nova, José Basílio Oliveira, 84 anos, relata os depoimentos herdados de seu pai em relação aos Revoltosos, quando passaram por esse povoado. De acordo com o seu depoimento, os revoltosos dividiam os espórios de seus saques com a comunidade, até mesmo para minimizar às dificuldades que esses moradores tinham referentes à alimentação:

Se eles chegassem assim num terreiro na casa de uma pessoa que tivesse gado, porco, papai disse que eles atirava num, aí derrubava e mandava tirar a carne pra comer, então o pessoal diz que eles era bom nessa parte... Quando eles chegava numa casa rica eles entrava casa adentro e jogava tudo pra fora pro povo pegar. O que tivesse eles jogava e ninguém podia dizer nada. Quando eles via um barril de cachaça eles derramava eles todim que era pra ninguém bebê. Isso aí, é que o papai me contou⁴¹. (2007).

Outro relato próximo a esse é descrito por Dona Manoela Lopes Bispo, 93 anos, que rememora o período de dificuldade existente naquela época, em que ela tinha apenas 11 anos, e como os soldados da Coluna Prestes em parte contribuíram para que a situação de dificuldade que os moradores passavam no período fossem abrandadas por meio das “ajudas”. Segundo ela:

⁴¹ Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 16 de janeiro de 2007.

Aqui tudo nesse tempo era difícil, até pobre comer carne. A gente mesmo passava era de mês, só comendo arroz e feijão, as vez com ovo, as vezes só arroz mesmo, tudo aqui era difícil. Mas no tempo dos revoltoso se viu fartura, viu? Eles num queria nem saber, eles pegava os boi matava e dava pro pessoal, era boi, era galinha, era porco, tudo eles matava pra comer, mas num comia sozinho não, dividia com os pobre aqui desse lugar. Fazia era fila, os corajoso que ia comer dos bicho que eles matava⁴² (2005).

Tais iniciativas, de certa maneira, faziam com que os rebeldes figurassem como a esperança para a possível ascensão de melhores tempos entre as camadas populares, as quais, em certa parte, se encontrava em uma condição de penúria. Essas atitudes eram denominadas pelos próprios Revoltosos como *requisições populares*. Houve casos, em suas peregrinações, que os seus saques eram direcionados para comércios sortidos e tudo que era saqueado distribuía-se entre as massas.

No Piauí, por exemplo, ocorreu um caso similar em Floriano – cidade que se tornou um dos maiores núcleos de fatos registrados associados aos soldados da Coluna Prestes no Piauí⁴³. Nessa cidade houve um verdadeiro amontoamento de pessoas, inclusive de cidades vizinhas, para receber as requisições. Nesse episódio surgiu um contingente tão intenso, no qual “aglomerou-se tanta gente que tornou obrigatória a interrupção da distribuição. Mandaram mercadorias à igreja matriz para distribuir entre cegos e aleijados. Atos, diga-se, que nos reportam à lendária vida do inglês Robin Hood” (SOARES, 2003, p. 135).

Outro caso curioso ocorreu no Maranhão entre os primeiros dias da Coluna Prestes pela região do meio-norte. De acordo com Moreira Lima (1979), na cidade de Carolina-MA, a primeira cidade maranhense onde os Revoltosos adentraram, o Estado Maior da Coluna publicou um manifesto no jornal *A Mocidade* orientando as camadas populares a se destituírem de suas dívidas. Nesses escritos os rebeldes mandavam o povo “queimar na praça pública os referidos talões e listas de cobranças de impostos, o que deverá ser feito amanhã, ao meio dia, em frente ao edifício da intendência municipal dessa cidade...” (MOREIRA LIMA, 1979, p.214)

Esse ato fez com que houvesse certa proximidade e ocorresse um bom relacionamento entre os Revoltosos e os grupos locais que se propuseram a ajudar o movimento. Ocorreram também nessa localidade a libertação de presos, a distribuição de

⁴² Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 05 de fevereiro de 2005.

⁴³ Foi inclusive em Floriano onde os revoltosos editaram dois números de *O Libertador*, jornal oficial da Coluna Prestes produzido em suas andanças em todas as cidades onde encontravam gráficas. As edições desse jornal foram feitas em dezembro de 1925 e agosto de 1926, o último quando retornaram ao Piauí.

alimentos. Em virtude do bom relacionamento estabelecido através dos atos dos Revoltosos. A gráfica da cidade cedeu suas máquinas para a impressão da 8ª edição do Jornal oficial da Coluna Prestes: *O Libertador*. Assim também como o Bispo da cidade se propôs a fazer uma missa em memória dos mortos. Dentre o nome de maior ênfase foi Joaquim Távora (pai de Juarez Távora), que havia sido morto ainda nos conflitos da Coluna em São Paulo.

Se havia exceção de saques referentes aos bens das pessoas pobres e com menos recursos, só se promovia geralmente em um aspecto: o recolhimento de armas e em alguns casos de exceção a posse de cavalos. No caso específico das armas, não se escapava nem agraciados nem destituídos de grandes bens; até mesmo porque era através destes saques que os revoltosos adquiriam o municiamento necessário para continuar com o empreendimento de suas campanhas e suas investidas, quando necessárias, às tropas legais e “não-legais” (particulares).

Algumas dessas localidades os Revoltosos, além de se depararem com os entraves das tropas legalistas, tiveram que se defrontar com outros grupos de resistência: organizações de milícias locais, às quais eram grupos de confrontos particulares, formados sobre a orientação e financiamento de coronéis e proprietários de terras, muitas vezes eram avisados do “perigo” que os rondava.

Justino Capistrano de Oliveira, que na época da passagem da Coluna tinha 14 anos, revela que no povoado Varjota, formou-se insurgira uma milícia de enfrentamento aos soldados da Coluna Prestes, nesse perfil, comandada pela lendária figura de Zezé Leão⁴⁴. Devo ressaltar que essas milícias locais não foram fatos munidos de peculiaridade às cidades de Timon e Teresina. Nelson Werneck Sodré (1985), por exemplo, demonstra o quanto essa tecnologia alternativa de repressão era usada com intensidade. Fatalmente se tornou costume para os soldados da Coluna Prestes se depararem com o que o autor denominou de *tropas de latifúndio*. Os rebeldes estabeleceram vários confrontos em diversos cantos do Brasil. Assim descreve o pesquisador:

⁴⁴ Zezé Leão é uma das figuras mais temidas e presentes no imaginário popular. Pertencente à tradicional família Arêa Leão, sua trajetória foi marcada por intensos conflitos e muito cedo organizou um grupo de jagunços que atuavam como seus homens de confiança nos mais diversos confrontos. Muitos compararam suas ações, frente ao seu bando comandado, com as ações promovidas pelos cangaceiros comandados por Lampião, sendo muitas vezes retratado como “O Cangaceiro do Piauí”. No decorrer da pesquisa, não tive contato algum sobre documentações da época que evidenciem um conflito armado sobre o bando de Zezé Leão e a Coluna Prestes, no entanto, os discursos memorialísticos reiteram tal eventualidade. Para adquirir certo esclarecimento sobre Zezé leão, ver: CARVALHO, Arimatéa. Vida e Morte de Zezé Leão. In: **Jornal Meio Norte**: Caderno alternativo, Teresina, p.1, 09 de agosto de 1998.

Longamente, o latifúndio sentia a ameaça que a Coluna representava. Seu combate, pois, e a forma de que se revestia, raiando sempre a crueldade mais desmedida, era conseqüente. Longamente, o latifúndio gerara a organização que o serviria. Tais a contecimentos viriam revelar, entretanto, a forma nova de organização militar irregular de que as oligarquias lançavam mão, e que substituiria a velha tropa da Guarda Nacional, que haviam utilizado tanto em outros tempos: os bandos de jagunços, recrutados em regiões em que predominavam absolutas as relações feudais⁴⁵ (SODRÉ, 1985, p.40).

Dessas organizações se tem o conhecimento, em outros estados, que muitas foram financiadas pelos governadores estaduais junto aos coronéis, os grandes latifundiários. Às vezes, na falta de um contingente que pudesse ser constituído por um alto efetivo de homens, eram contratados mercenários profissionais, assassinos, saqueadores, bandidos. Muitos desses eram vistos como inimigos do próprio sistema agora os “empregava” para confrontar com os soldados do levante revolucionário. Pode-se nesse aspecto citar o caso dos cangaceiros no nordeste⁴⁶.

Em outros casos, nem sempre era necessariamente adversa a relação entre os Revoltosos e os proprietários de terra. Ocorria, por exemplo, incentivo, ajuda e acolhida por parte dos latifundiários. No Piauí, diversos foram os lugares em que ocorreu essa maleabilidade entre figuras potencialmente avessas política e ideologicamente – Revoltosos X Coronéis.

Um caso que pode ser apontado nesse perfil foi o de Oeiras, onde os soldados da Coluna Prestes foram acolhidos pelo Col. Nogueira Tapeti, representante na época de uma das maiores oligarquias, não só da cidade como também do estado do Piauí, uma presença historicamente tão forte que ainda hoje se percebe a intensa influência dos Tapeti nos setores político e econômico, do estado piauiense e da cidade de Oeiras.

Em relação a Timon, foram relatados alguns casos de boa receptividade entre Revoltosos e os proprietários. No povoado Campo Grande, por exemplo, os soldados da

⁴⁵ O termo *feudal*, usado por Sodré é fruto de contestação relacionado à historiografia brasileira. Sodré parte de uma interpretação “pessoal” do marxismo, no qual todas as sociedades tendem a passar, em determinado momento, pelos sistemas político-econômicos desenvolvidos na dialética marxista. Entretanto, a vertente revisionista da historiografia brasileira defende que o uso do termo referente à história do Brasil acaba por construir uma feição anacrônica, já que o feudalismo foi um regime político-econômico, ou modo de produção, da Idade Média, na Europa, não podendo caracterizar uma outra realidade diferente daquela nos aspectos temporais, estruturais e conjunturais de outra espacialidade. Onde soa como feudal podemos interpretar como rural.

⁴⁶ Vide o caso da célebre figura de Lampião que chegou a ser condecorado pelo Estado para enfrentar, junto ao seu bando, a Coluna Prestes.

Coluna foram arranchados na casa do Sr. Augustinho Campos de Araújo, proprietário das terras do povoado na época. Também na distante e entocada localidade do Brejo, às proximidades do povoado Vertente, ao sul de Timon, os homens da Coluna Prestes se hospedaram nas terras do seu dono, Col. Pascoal Duarte.

Nessa ocasião o Coronel Pascoal não se encontrava, já que morava efetivamente em Teresina. Com isso, os Revoltosos se alojaram sob aceitação de seu encarregado e braço direito Francisco Gaú de Oliveira Costa, figura conhecida e respeitada na época como Capitão Chico Gaú, aparentado da família Gaú, muito conhecida na região pela forma viril a qual encarava situações tensas. Nesse povoado, eles se hospedaram na emblemática e já extinta *Casa Grande*, que era a maior casa nas proximidades dessa região.

FIGURA 04: Casa que ocupa parte do espaço da extinta *Casa-Grande*, onde os revoltosos se hospedaram



Fonte: Autor/2007.

Segundo seu José Rodrigues Bezerra⁴⁷, que foi filho de um encarregado posterior ao Cap. Chico Gaú, e que até onze anos atrás era o encarregado do povoado, essa casa media aproximadamente 77 palmos, levantada em adobe e nos fundos da casa transcorriam as águas de um brejo onde se haviam construído fontes feitas de pedra⁴⁸, rodeadas por pés

⁴⁷ Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 02 de março de 2007.

⁴⁸ A respeito dessas fontes o depoente confirma que elas foram feitas em 1924. O que chama a atenção relacionada à construção dessas fontes trata-se da criação de uma lenda. Essa estória menciona que ela teria sido feita supostamente por escravos, fato esse que se encontra como uma conjectura que dificilmente poderá

de buriti, as quais ainda hoje podem ser vistas e há pouco tempo deixaram de ser usadas. Há mais de três décadas a casa foi desfeita e em seu lugar construíram duas casas mais modestas – de taipa e cobertas de palhas – além de um curral.

O que esses exemplos demonstram se relaciona em perceber uma outra relação dentro dessa condição de maleabilidade. Esse fato, por sua vez, imputa uma determinada fratura dentro da visão construída em torno da oposição binária historicamente situada entre os rebeldes e os latifundiários. Certamente, esses casos foram exceções dentro da regra geral; ainda mais quando se pensa num evidente pressuposição em que essas atitudes foram psicologicamente induzidas através do receio que a presença dos rebeldes despertava. Esse sentimento estaria conjuntamente relacionado a outros sentimentos que compuseram o universo simbólico associado às suas imagens. Tais simbologias serão discutidas nos próximos capítulos.

No que se refere às suas tramitações urbanas, Higino Cunha (1926) ressalta que a cidade de Timon, quando invadida pelos soldados da Coluna Prestes, ficou sob o comando de defesa do Major Gustavo Bents Müller, que fora designado pelo Governo Federal para combater os rebeldes no Piauí. Nesse período a cidade ficou, assim como a vizinha Teresina, totalmente sitiada. Com essa situação, foi vetada a saída incondicional de homens da cidade, pois esses poderiam servir de braços fortes para as tropas legais do governo em eventuais combates. Crianças, idosos e mulheres foram liberados para que pudessem procurar guarida no intuito de adquirir refúgio durante os embates. Dessa forma poderiam se precaver dos possíveis estragos bélicos entre a força Legalista e os soldados da Coluna Prestes.

Os conflitos que eram esperados entre Revoltosos e Legalistas não tardaram e logo tiveram início. Nos fins de dezembro, em pleno natal de 1925 os atritos entre Revoltosos e Legalistas ganharam proporções bem mais agudas e diretas⁴⁹. Timon, tanto em seu núcleo urbano quanto em suas localidades rurais tornou-se um fragmentado campo de batalha. Sobre esses atritos, ocorrem relatos orais e escritos de vários eventos em espaços distintos. Algumas dessas investidas foram descritas por Higino Cunha. Na citação a seguir, por exemplo, o autor descreve um conflito que aconteceu simultaneamente nas cercanias de

ser desvendada. Até há aproximadamente quatro anos essas fontes artificiais eram freqüentemente usadas pelos moradores, mas com a chegada do encanamento de água, as mini-fontes foram relegas ao ostracismo.

⁴⁹ De acordo com os registros feitos nesse período, relacionados às narrativas memorialísticas que retratam esses conflitos, os embates dos Revoltosos e Legalistas em Timon e Teresina se fizeram do dia 25 de dezembro aos primeiros dias de janeiro de 1926, aproximadamente até ao décimo dia desse mês.

Teresina e Timon, datado da passagem do dia 27 ao dia 28 de dezembro, uma provável tática colocada em prática pelos Revoltosos:

O fogo começou às 08 horas desse dia, não só nas trincheiras de Flores como também em todas as de Theresina. As balas choviam zunindo por cima das casas da cidade. Tinha-se a impressão de que as descargas eram feitas de dentro das ruas. Todas as trincheiras, sem exceção alguma, davam fogo ao mesmo tempo indefinidamente (CUNHA, 1926, p. 62).

Um caso desses conflitos na zona rural, que é bem conhecido, trata-se do confronto direto dos Revoltosos e Legalistas no povoado Campo Grande. Nesse embate, os Revoltosos cortaram os fios do telégrafo que passavam pelas proximidades do povoado. Fizeram tal ato provavelmente com o intuito de reter possíveis comunicações das tropas Legalistas com outras regiões, inclusive Teresina, onde pudessem pedir reforços para o auxílio no embate.

Em outro caso, horas após os rebeldes aportarem no povoado Varjota, as *Tropas de latifúndio*, comandadas por Zezé Leão, entraram também em atrito com os soldados da Coluna Prestes que ainda se encontravam delirantes em seu triunfo da passagem do lado piauiense para Timon. Na entrada das delimitações urbanas de Timon pelo lado sul, já nos atuais domínios que hoje pertencem ao Bairro Pedro Patrício, as tropas legais armaram trincheiras para se confrontarem com os rebeldes que vinham desse lado, saindo dos povoados rumo à cidade. Os mesmos foram recebidos com tiros dessa primeira resistência.

Em Timon, nos seus domínios urbanos, outro conflito costumeiramente mencionado foi o que ocorrera na parte da cidade onde atualmente é conhecida como Bairro Formosa, já próximo ao centro da cidade. Algumas dessas ações foram formalmente registradas através de discurso escrito. No caso desses intensos conflitos é descrito uma ação dos Revoltosos em que esses tentaram tomar a estação da estrada de ferro de Timon, visando se apropriarem de mantimentos e armas, como relata Higinio Cunha:

A cidade de Flores sofreu então sérias investidas com o fim de ocuparem a estação da estrada de ferro, depósito de armas e coações. Ali elles soffreram muitas perdas, porque ousaram atacar o reducto pela retaguarda e algumas vezes em pleno dia, provocando renhidos tiroteios, em campo aberto. Consta que conseguiram arrebatar duas metralhadoras em luta corpo a corpo (1926, p. 70).

Muitos outros conflitos entre Revoltosos e Legalistas são noticiados informalmente, através de diálogos com os poucos interessados no assunto em Timon. Todavia muitos dos

casos mencionados não puderam ser averiguados com maior proximidade, e, por isso, não há como se estabelecer informações, por mais remotas que essas pudessem ressoar. As lacunas que ficaram no processo de investigação, impresso para esta pesquisa, poderiam apontar ou mesmo proporcionar maior substancialidade aos eventos mencionados nos povoados de Teresina e nos vários bairros de Timon como fatos plenamente sucedidos.

Um desses casos, por exemplo, refere-se a um suposto confronto, mencionado por terceiros, em uma localidade chamada Passagem Santo Antônio, ao sul de Timon. Em outras ocorrências, mesmo com averiguações nos locais supostamente considerados, não se encontrou qualquer registro, mesmo que relatados oralmente, como foi o caso dos domínios do atual bairro *Parque União*, em Timon, nas proximidades do Cemitério “São Miguel”.

Em às várias narrativas dos eventuais confrontos ocorridos entre Revoltosos e Legalistas, se percebe que as cidades de Teresina e Timon provavelmente passaram por um dos momentos mais tensos de suas histórias. Os Revoltosos com suas constantes manobras, e com a promoção desses conflitos, conseguiram gerar um caos raramente visto até então. A ênfase a esse fato é feita porque algumas abordagens, ou melhor, algumas finalidades ainda hoje estão pouco esclarecidas em relação às propostas da Coluna Prestes nessas cidades.

O cerco a Teresina ganhou a atenção de estudiosos da época, como também posteriormente. Esses pesquisadores articularam conjecturas nas quais defendiam que a cidade, após ser tomada, se tornaria uma espécie de quartel-general, sede da junta revolucionária, já que suas características na época favoreciam essa situação. Pois Teresina, além de ser uma capital, se encontrava em uma das regiões mais pobres do país, onde o atraso e as intempéries do *coronelismo* se constituíam como entidades presentes, e a comunidade geral, se encontravam entregue descaso.

Essas condições geraram a hipótese de que a tomada da capital pelos Revoltosos, além de ser uma possibilidade concreta, fora colocada em prática, mas resultou em um ato “mal sucedido”. Higino Cunha, como narrador de seu tempo, não poderia deixar de refletir sobre o intuito da campanha revolucionária pela região. Com isso, expressou sua percepção baseada nesse sentido. Para o intelectual, a tomada da capital, além de sanar as necessidades elementares para a sobrevivência do movimento, seria um empreendimento fundamental para as pretensões políticas vislumbradas pelos Revoltosos:

A conquista de Theresina obedecia a dois objectivos principaes: o primeiro, technico-militar – obter armas, munições e medicamentos, de que vinham desfalcados; o segundo, político-moral – o prestígio que lhes adveria da posse de um Estado, tornando-os invencíveis e capazes de entendimentos pacificadores com o governo intransigente da União. Infelizmente para elles a tentativa deu resultado contraproducente. (CUNHA, 1926. p.71)

Por outro lado, essa poderia ser uma hipótese que não passaria de uma alegoria esquematizada para justificar com mais consistência – se é que seria possível ser feito através dessa concepção – às ações da junta revolucionária mediante o cerco à cidade. A “resposta” que se tem em relação à investida dos revolucionários, associada à tentativa de invasão, contradiz essa concepção de que Teresina pudesse se tornar o centro radiador de comando chefiado pelos líderes do Estado Maior da Coluna Prestes.

Os depoimentos dos representantes maiores dos Revoltosos negam até mesmo a própria possibilidade de invasão à capital. Esse posicionamento faz com que se torne ainda mais obscuro o conhecimento referente à finalidade do cerco promovido à Teresina pelos rebeldes. Um exemplo de tais prerrogativas é encontrado nas palavras de Prestes a respeito dessa questão. Uma vez foi perguntado ao líder do movimento o que representava o cerco à Teresina do ponto de vista político e tático para os propósitos da Coluna Prestes. Este respondeu da seguinte forma:

Eu não falei do cerco em Teresina. Essa pretensão não existia. Só nos aproximarmos parou... Não pretendíamos de forma alguma sitiarmos Teresina. Houve a decisão do General João Gomes, cujo quartel general estava em São Luís, de retirar o governo, sair de Teresina, para que a tropa revolucionária entrasse, para eles fazerem sítio e atacar Teresina. O que era, sem dúvida alguma, um absurdo, entregar a capital do estado à uma força inferior a que eles dispunham (1985).

Em Timon a posição incógnita se estabelece da mesma forma. Não se tem, por exemplo, conhecimento de qualquer divulgação, oral ou escrita, das propostas sócio-políticas que expressassem os ideais das posições ideológicas aspiradas pelos Revoltosos em meio às suas investidas nos povoados por onde andaram. Esse fato alimentou, em certas proporções, a posição avessa das comunidades locais em relação a essas figuras desconhecidas que vagavam como espectros em danação. Saqueando, armados, prontos para guerrear com aqueles que se colocassem como objetos de estorvo em seus caminhos, causando, com isso, um certo estranhamento às pessoas que estiveram próximas, nesse curto período, a eles.

Por outro lado, também não se poderia deixar de expor uma possibilidade vinculada ao propósito ou a função de Timon mediante os interesses mais imediatos da Coluna Prestes. Ainda mais quando se tem conhecimento dos destacamentos que se encontravam no Piauí, em Teresina e atravessavam o rio Parnaíba, vindo para a cidade maranhense com certa frequência.

É necessário ressaltar que essa possibilidade nada mais é que uma conjectura pressuposta perante o que foi proferido no depoimento do líder da Coluna, podendo, como discurso registrado, ser eventualmente passivo de análise e subentendimento em proporções distintas da qual foi aqui estabelecida ao ser interpretado. Observemos o que foi mencionado por Luiz Carlos Prestes a respeito das únicas possibilidades de remuniamento nessas cercanias:

O nosso remuniamento era feito da seguinte forma: quando nós atacávamos forças inferiores à nossa, tomávamos armamento e munição. Mesmo em Flores nós saímos com mais munição do que quando iniciamos o ataque, quer dizer, atacamos o inimigo, prendemos alguns, apreendemos a munição e depois passamos para o lado do Piauí. Essa era a única fonte de remuniamento que tínhamos (PRESTES, 1985).

Não seria aqui uma colocação definitiva, muito menos poderia dizer resumidamente – e até mesmo de forma leviana – que esse aspecto seria a única relevância da cidade dentro dos interesses da junta rebelde. Porém, valendo-se diretamente do que foi dito acima, Timon adquiria certa importância, diga-se até mesmo fundamental, referente ao aspecto tático para a Coluna Prestes, a partir do princípio da necessidade de recomposição de seu armamento e remuniamento.

Como referido anteriormente nas citações de Higinio Cunha (1926), a travessia do rio Parnaíba para o lado maranhense era um ato “habitual”. Fazendo relação a esse fator mencionado, vê-se uma possível inclinação para a afirmativa de que Timon também se tornou, na época, uma espécie de porto seguro para onde os soldados do levante poderiam recorrer quando se encontrassem com dificuldades em Teresina.

Partindo desse pressuposto, os ideais de mudança que compunham os princípios sociais e políticos e que foram historicamente reconhecidos como premissas que regeram a longa marcha da Coluna Prestes, pelos interiores do Brasil, não foram destacados com clareza nessas instâncias. Os ideais libertários, que impulsionaram o movimento

desafiando o domínio político do regime, não foi sobreposto claramente como um programa de reforma social transmitido pelos Revoltosos às comunidades locais.

Anita L. Prestes faz uma significativa observação – a partir das ponderações escritas por Lourenço Moreira Lima – sobre a existência do hiato constituído entre os Revoltosos e as propagações de seus ideais às camadas populares:

Em relação às populações rurais, a distância era ainda maior. Lourenço Moreira Lima, em seu diário da Coluna, expressaria claramente a descrença no homem do campo, em particular no sertanejo, visto como um ignorante, desprovido e espírito patriótico. O que poderia significar, entretanto, a “pátria” para o trabalhador rural?, inteiramente submisso ao poder do “coronelismo”? (1997, p.337)

Como se pode pressupor, essa compreensão não está apenas centrada na ausência de informações dessas questões nos depoimentos orais. Mas também os poucos escritos da época não fazem referência aos motivos que incitaram o movimento a traçar todo esse percurso pelo meio-norte do país. Nas dispersas obras locais da época – vide o caso dos escritos de Higino Cunha – podemos ler termos atribuem freqüentemente a imagem de “desordeiros”, “saqueadores”, “inimigos”, dentre outras adjetivações que estabeleciam uma identificação aversiva aos Revoltosos.

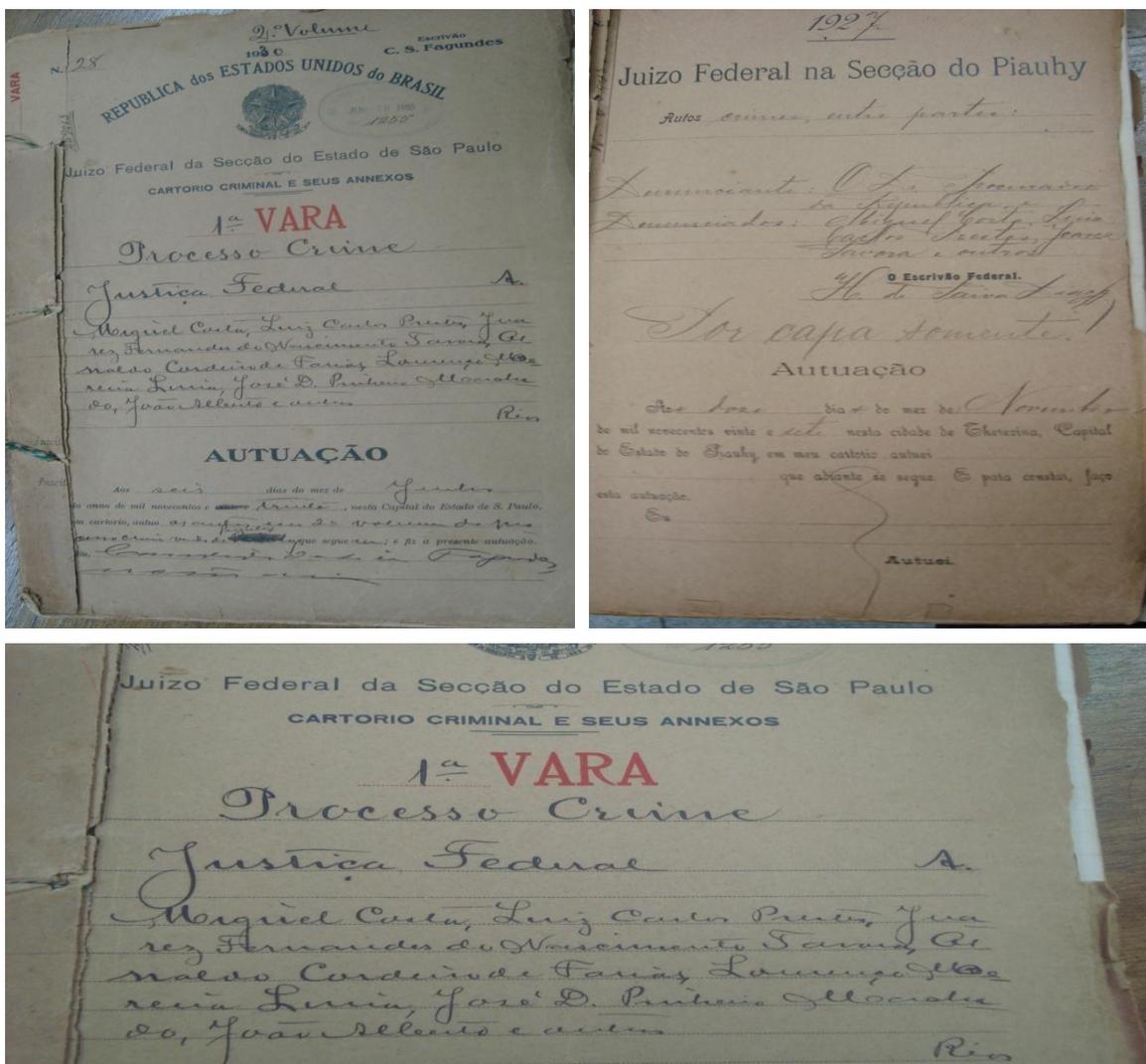
Essa imagem adquiriu uma maior intensidade em virtude de propagações feitas por parte dos órgãos do poder público federal. O governo do estado investiu fortemente na divulgação dessa imagem. Isso fez com que muitos moradores fugissem apavorados de suas moradias, mesmo antes dos Revoltosos chegarem a tais localidades. E mesmo não tendo contato direto, esses moradores alimentavam uma imagem de terror em relação aos soldados da Coluna Prestes. Posteriormente, o poder jurídico tratou de reiterar essa compreensão. Em São Paulo, por exemplo, já em 1927, foi aberto, pela 1ª Vara Federal do Estado, um processo criminal contra os rebeldes da Coluna Prestes⁵⁰. Em virtude desse mesmo processo seria aberto um inquérito no estado do Piauí, aproximadamente um ano após a passagem do movimento.

Tal processo valeu de depoimentos dos moradores rurais oriundos das localidades por onde os Revoltosos andaram no Piauí. Em meio aos levantamentos de materiais empíricos feitos para essa pesquisa, tive a oportunidade de me deparar com tal

⁵⁰ Esse processo foi aberto nos nomes dos líderes da Coluna. Nas atas estão descritas os nomes de: Luiz Carlos Prestes, Miguel Costa, Juarez Távora, João Alberto, Lourenço Moreira Lima, Cordeiro de Farias, e José D. Pinheiro.

documentação no Arquivo Público do Piauí, em Teresina. O inquérito desse processo, feito no Piauí, contém mais de 600 páginas divididas em 02 volumes. Nele se encontram vários depoimentos de moradores do Estado que mencionaram as situações protagonizadas com a presença dos Revoltosos. Lamentavelmente, esse material se encontra em determinada dificuldade de manuseio, fazendo com que houvesse certos problemas para analisar os depoimentos que o estrutura enquanto documentação jurídica.

Figura 05: Foto do processo criminal encontrado no Arquivo Público do Piauí.



Fonte: Autor/2009.

Por outro lado, sua existência é uma prova material do caráter marginalizante atribuído pelo poder público (especificamente o poder jurídico) aos Revoltosos. A prova concreta de uma produção discursiva de demonização lançada aos rebeldes. Uma imagem

que de certa forma contou com diversas óticas em meio à sociedade, uma vez que contou com o auxílio de várias narrativas de moradores do Piauí.

Através dessa observação se torna perceptível mencionar que as pessoas, de uma maneira geral, se sentiram distantes do significado da tentativa de revolução que era impressa até então pelo levante, adotando um discurso propagado pelo poder público, o qual fora reproduzido e registrado na posteridade (como no caso do processo criminal). Não se tinha uma noção ampla de quem eram, nem do que queria. Enfim, os moradores rurais tanto no caso do Piauí (tomando principalmente os casos de Teresina) quanto no Maranhão (em Timon) sequer sabiam quem eram.

Se fosse possível ilustrar tal situação, poderia dizer que a presença dos Revoltosos, proporcionou aos moradores rurais um sentimento cujo termo que melhor refletiria essa impressão seria o neologismo: *bestializado*. Esse termo que fora imortalizado na obra homônima de José Murilo de Carvalho (1999), quando esse autor reproduz as menções de um intelectual – Aristides Lobo – o qual lançava um olhar de desconfiança ao se sentir – equivocadamente – crente que o povo não estava a par do novo regime – republicano – que se estabelecia no país nos fins do século de XIX⁵¹.

Abstendo-me de suas condições historicamente dicotômicas, tendo em vista duas situações totalmente distintas, a *bestialização* é referente ao fenômeno que é desconhecido por parte das massas o que faz com que ocorra um sentimento de estranhamento. No caso da Coluna Prestes nos povoados de Timon e nas cercanias de Teresina, foi possível ver que, curiosamente, como resultante dessa posição de desconhecimento, os próprios moradores lançaram mão de mecanismos simbólicos construídos sobre o intuito de estabelecer “justificativas” à presença dos Revoltosos.

Muitas dessas representações são frutos de concepções que carregam consigo aspectos da própria cultura local e que expressam sentimentos constantemente presentes no seu universo imaginário. O imaginário social em suas propriedades epistemológicas carrega consigo a alusão das impressões e percepções coletivas. Por esse motivo se pode entender que “é por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça, mas, de

⁵¹ Carvalho (1999) analisa a maneira como as camadas populares reagiram a instituição do regime republicano no Brasil. Um dos motes mais expressivos de sua análise incide da discussão do artigo de Aristides Lobo, publicado em forma de carta ao “Diário Popular”, no Rio de Janeiro. Pelo qual descreve assistiu à proclamação da República de um modo *bestializado*, sem ter noção do que acontecia. Essa afirmativa é problematizada na obra do autor. Para maior conhecimento da discussão, consultar: _____, **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um novo.” (CARVALHO, 2000, p.10).

Essas apreensões do imaginário constroem-se em um nível de conflito entre o inconsciente e o lógico, entre o que é compartilhado e o que é idiossincrático, o que leva, por sua vez, a ter como resultante final uma mescla de impressões subjetivas compostas por elementos do real e do fantástico. Esse jogo simbólico que transborda sobre os pontos de junção do senso comum abre consigo uma janela pela qual é possível observar mais que simples associações representativas às figuras “anônimas”.

Tais representações evidenciam noções de um mundo construído para dar coerência a questionamentos existenciais e filosóficos, revelados em proporções diversificadas, que estão condicionadas pelos significados que as constituem. Irei discutir esse universo imaginário em que residem as simbologias que compõem o jogo de representações atribuídas aos Revoltosos no capítulo que se segue.

CAPÍTULO 02

O(S) DIABO(S) DO CAMPANÁRIO: A COLUNA PRESTES E AS ATRIBUIÇÕES SIMBÓLICAS

O grande relógio tem sete faces, uma para cada um dos sete lados da torre, de modo que pode ser prontamente visto de todos os quarteirões. Seus mostradores são largos e brancos e seus ponteiros grossos e negros. Há um sineiro, cuja única obrigação é cuidar do campanário, obrigação esta que é mais perfeita das sinecuras, pois o relógio de Vondervotteimittiss nunca, que se saiba, precisou de conserto.

Até recentemente, a mera posição de tal coisa era considerada herética. Desde a mais remota antigüidade, a que se referem os arquivos, as horas tem sido regularmente batidas pelo grande sino. E, na verdade, a mesma coisa acontecia com todos os outros relógios de parede e de bolso do burgo. Jamais houve um lugar onde se marcasse tão bem a hora certa. Quando o grande badalo achava conveniente dizer "Doze horas", todos os seus obedientes servidores abriam suas gargantas, simultaneamente, e respondiam, como um verdadeiro eco. Em suma, os bons burgueses eram loucos pela sua chucrute, mas orgulhavam-se também dos seus relógios...Que pena que tão lindo quadro tivesse algum dia de apresentar um reverso! Um velho ditado corria, há muito, entre os mais sábios habitantes: que "nada de bom pode vir de além das colinas"; e realmente parece que essas palavras contêm algo do espírito profético.

Edgar Allan Poe (O diabo no campanário, 2005)

Os olhos lêem à vida e o mundo. Definem suas cores, traçam suas forças, dimensionam seus movimentos. Os olhos e o visível. Mas é o coração que percebe o invisível da vida e do mundo. Penetra os seus mistérios, aprofunda suas tramas, inventa seus sentimentos, descobre a magia talvez absurda que envolve a aventura humana. O visível e o invisível fazem parte da História, são inseparáveis, se o historiador quiser tentar compreender os labirintos, construídos pelos homens, não deve fechar os olhos, nem tampouco o coração.

Antônio Paulo Rezende (Des-encantos modernos, 1997)

2.1. Literatura, alusão e ilusão: da descrição do evento à explicação do fato

O macabro título que nomenclatura esse capítulo recorre ao inventariante e fértil universo imaginário do genial, e não menos macabro, escritor norte-americano Edgar Allan Poe (2005), que em um de seus contos remete à estória de uma pequena e pacata cidade de modos muito peculiares. Esse lugarejo, que tinha cerca de sessenta moradores e cujo nome *Vondervotteimittis*, constituía em seu pequeno *locus* um ambiente mecânico, lógico, em que todas as coisas que ali se faziam funcionavam numa pontualidade impecável, onde nada mudava.

Até as casas constituíam uma arquitetura idêntica, as quais se encontravam separadas umas das outras por um espaço milimétrico, em sentido esférico, fazendo um círculo em torno delas mesmas. Todos os atos e práticas habituais de seus pequenos e lacônicos moradores eram simetricamente acionados de acordo com as horas marcadas por um objeto venerado aos olhos de todos: um relógio que ficava em destaque, visível a todos, em um campanário⁵². Esse objeto era responsável não apenas por marcar o tempo, mas também por territorializar e propor disciplina aos hábitos dos moradores da cidade, um modelador de ritmo impresso ao itinerário uniforme e “certinho” das pessoas que viviam nesse lugar.

O conservadorismo da cidade era tamanho e merecia tanto destaque que a antiguidade presente ao ambiente constitutivo dos espaços proporcionava uma atmosfera plenamente exótica, pois seus moradores nem sequer ousavam mudar a decoração de suas casas, o modo de vestirem-se e de se relacionarem. O roteiro das andanças desses moradores pela cidade era o mesmo todos os dias e sempre no mesmo horário de seus relógios de bolso – um acessório que, inclusive, era considerado inerente a todos que ali moravam. Os relógios dos moradores deveriam estar em perfeita contagem com o relógio presente no campanário do Conselho Municipal da cidade.

O caráter monótono era tamanho e tão valorizado que até mesmo a casta mais antiga da cidade chegou ao ponto de elaborar três resoluções de conduta para os moradores, na qual a primeira regra das três resoluções manifestava-se na devida norma:

- *Não está direito alterar o bom e velho curso das coisas;*

As seguintes resoluções acompanhavam o tom conservador da primeira.

⁵²Parte aberta da torre de uma igreja, onde estão os sinos.

O caráter rotineiro se fazia explícito em uma prática ritual executada diariamente, a qual os moradores iam, ao mesmo tempo, conferir suas horas com a hora do relógio do campanário, ouvindo as treze badaladas que eram diariamente entoadas ao meio-dia. Assim, aquele povo vivera por muito tempo até que um dia aconteceu algo objetivamente sutil, mas, por outro lado, fez com que as estruturas daquele lugar fossem visceralmente abaladas.

Nesse determinado dia os moradores, ao fazerem sua diária rotina de acertarem seus relógios com aquele presente no campanário, levaram o maior susto de suas vidas; viram algo incomum àquela realidade que até então previsivelmente os cercara: um sujeito estranho, de roupas muito estranhas; o tipo, o tamanho, o riso, e até mesmo sua coordenação motora, eram totalmente estranhos. Sujeitinho tosco, excêntrico, que causava medo de tão incomum que era. Parecia um anormal. Por seu ato, credenciou-se rapidamente como imoral, e, pelo receio de todos, também se arvorou ao *status* de abjeto.

Tudo isso porque aquela entidade pavorosa estava perto de um objeto sacro para aqueles moradores: o relógio do campanário. Esse foi o fator que fez com que o sentimento de alarde e desespero tomasse conta daquele povo. E o terror tornou-se figurativamente manifesto quando aquilo que eles mais temiam aconteceu: a fuga da ordem e da normalidade das coisas que eles conheciam. A irrupção de uma certeza. Pois de alguma forma, aquele relógio, que sempre no mesmo horário, entoara treze badaladas, naquele momento soara apenas doze.

Um badalo a menos no relógio do campanário foi o suficiente para que todos perdessem sua orientação e entrassem em pânico, desespero e caos se estabeleceram na lúdica e imaginária Vondervotteimittis. Enquanto todos saíam correndo, trombando uns nos outros, sem saberem o que fazer sobre uma situação nunca imaginada na história daquela cidade, aquele sujeitinho excêntrico saía dançando e assobiando como uma forma de desdenho da situação que aquele povo passava.

Um dos moradores da cidade gritou:

- *É o diabo!!!*

Alguns tentaram correr atrás dele; outros saíram correndo para suas casas vendo se nada tinha se alterado. Já outros ficaram tão estarecidos com uma experiência nunca vivenciada que saíram correndo feito loucos por velas quase nunca utilizadas. Os mesmos nunca mais foram vistos em Vondervotteimittis, assim também nunca mais foi visto o tal sujeito que foi considerado o pivô de toda a confusão. Daquele dia em diante

Vondervotteimittis jamais foi a mesma devido à presença de um certo “diabo no campanário⁵³.”

Essa estória poderia fazer alusão à famigerada *Teoria do Caos* que os postulados da física moderna tanto propagam – na qual se enuncia que qualquer alteração dentro de nossa ordem física-padrão, por menor que for sua sutileza (até mesmo tão insignificante quanto o bater de asas de uma borboleta), seria capaz de alterar a ordem de todo o universo. Nesse caso, seria até um exemplo cabível e coerente de como a simples presença de um sujeito ou fenômeno foi capaz de alterar toda ordem “lógica” vigente no espaço local. Mas, no caso da pesquisa em questão, alguém já pode estar se perguntando: sim, mas como isso pode se associar à Coluna Prestes não se desvirtuando da discussão que se procura fazer sobre esse movimento?

Primeiramente, minha resposta parte de um princípio proposto pela historiadora Sandra Jatahy Pesavento no qual sentencia, de maneira bastante sugestiva, que a “literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo.” (2006, p.03). Compartilhando dessa percepção, também entendo que um dos grandes fascínios que a literatura tende a proporcionar quando se aproxima da história, em um processo interdisciplinar ou transdisciplinar⁵⁴, se encontra no fato de que esse contato pode nos levar a usá-la alusiva e\ou metaforicamente.

Concomitantemente, através desse exercício se encontra um meio para ilustrar exemplos de frações do real procurando “construí-lo” ou “ultrapassá-lo” – através do

⁵³ Para conhecer a narrativa fiel desse conto, ver: ALAN POE, Edgar. O diabo do Campanário. In _____ **Histórias extraordinárias**. Tradução: Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro. 2005.

⁵⁴ A compreensão de história e literatura enquanto propriedades intelectuais constitutivas de um mesmo campo de reflexão intelectual são defendidas por vários pensadores da crítica literária anglo-americana, tendo em Hayden White um dos seus principais destaques. Em sua principal obra “Metahistória”, White defende a idéia de irrupção entre os limites que as separam, entendendo-as dentro desse caráter transdisciplinar (a fusão de duas disciplinas que formam uma única). Pessoalmente, sou contrário a tal idéia, pois percebo história e literatura instituídas em territórios distintos que por sua vez ofertam, automaticamente, compromissos distintos (história\verdade, literatura\ficção). Todavia, se deve enfatizar algumas relações pertinentes compartilhadas entre a história e a literatura que são propostas pelo autor, dentre essas a compreensão da narrativa como um processo inerente à composição de ambas disciplinas, assim como a “realidade” social percebida como principal referência para suas elaborações, a compreensão de uma essência subjetiva como componente de ambas, dentre outras questões. Para maior esclarecimento sobre essa discussão, ver: WHITE, Hayden. **Metahistória**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1992.

discurso ficcional – principalmente no que se refere à caracterização das sensações de ansia, angústia, temores e outros traços de expressões subjetivas.

O que procuro captar e repassar através dessa associação está relacionado em demonstrar como a presença de algo incógnito, diferente da realidade que se faz corriqueira a determinados sujeitos, pode abalar as estruturas compositivas do universo cotidiano, as certezas que são fabricadas na vivência. Ao tempo em que história e literatura articulam-se envolto de um profícuo diálogo, percebe-se que essas sensações de estranhamento, conflito, e outras sensações, se tornam uma espécie de subterfúgio capaz de fermentar um imaginário, construindo noções em torno de determinados fenômenos componentes de um plano cultural.

Se o “sujeitinho” excêntrico apareceu para desfazer a ordem na “imaginária” *Vondervotteimittis*, os Revoltosos também se apresentaram ou foram vistos como figuras ataviadas por algum *capricho diabólico* por onde passaram. O *diabo* ao qual remeto, especificamente, não se encontra de maneira exclusiva vinculado a uma figura maligna, como a que temos ciência sobre a cria da imagem de oposição binária, via a díade religiosa de Deus *versus* Diabo. O *diabo* ao qual faço alusão representa um fenômeno que ameaça a ordem, revela traços de subversão, transgressão, que causa confusão e desconcerto, espanto e uma posição “temerosa” com sua aparição.

No itinerário de minha pesquisa, pude perceber que os Revoltosos foram, em grande parte, compreendidos pelas pessoas que tiveram alguma forma de contato, ou detiveram algum tipo de informação, como integrantes de um movimento desconhecido. E através de sua “simples” aparição pôde despertar e exprimir sensações paradoxalmente interligadas em um conjunto de impressões, nos quais se encontram presentes elementos da cultura local.

Dessa forma, o que foi repassado sobre a maneira como foi entendida a passagem do movimento expõe uma manifestação empírica, e um conflito hermenêutico. Esse conflito interpretativo, por sua vez, resulta na exposição de emoções de caráter dúbio, nos quais os esses sentimentos de temor, admiração ou surpresa perante o novo se tornam aspirações que implicaram em extravasar certas definições inferidas a esses diabos – Revoltosos - uma vez que são agenciados pelo olhar das camadas populares.

Essas impressões são passíveis de análise quando observadas ao mergulhar no universo imaginário construído em torno das intuições aspiradas pelas pessoas que os presenciaram e que as transpuseram para posteridade via tradição oral. Impressões essas

que se caracterizam como referências de noções individuais e coletivas, sendo externalizadas a partir do jogo de atribuições simbólicas acerca dos Revoltosos nos povoados por onde andaram. Nesse capítulo, irei desenvolver, de maneira “prática”, esse postulado a partir de exemplos, das falas de pessoas que foram entrevistadas, assim como procurei fazer no primeiro capítulo. Também farei uso de alguns referenciais bibliográficos que façam relação com as questões exploradas nesse capítulo.

Antecedendo o enveredamento na discussão propriamente dita, mais uma vez considero necessário dar ênfase ao seguinte aspecto: a partir do processo interpretativo impresso na análise das representações atribuídas aos rebeldes, foi possível sintetizar as impressões associadas às figuras dos Revoltosos em variadas percepções. Por esse fato, procurei caracterizá-las sob três acepções subjetivas: temor, admiração e misticismo. Discutirei tais impressões a partir dos relatos e dos subsídios adquiridos para o desenvolvimento dessa pesquisa, expondo na seqüência como essas produções subjetivas povoaram a imaginação social.

2.2. Os homens dos lenços vermelhos: as impressões de medo sobre os rebeldes da Coluna Prestes

Como dito em certa passagem do capítulo anterior, a vitória dos Revoltosos na batalha contra as tropas legalistas em Uruçuí, no Piauí, foi um passo fundamental para que esses rebeldes, ao adentrarem em território piauiense, fossem vistos à sombra do medo. Essa visão foi alimentada tanto por parte das lideranças políticas como por parte das camadas populares. A sensação de medo talvez seja a impressão mais constante de ser observada em relação às reproduções associadas às figuras dos Revoltosos de acordo com as concepções que puderam ser constatadas nos relatos orais dos depoentes como também nos diálogos informais com determinados interessados no assunto.

Inicialmente, o que chama a atenção nesse sentenciamento da imagem dos Revoltosos, constituído como figuras temerosas, não se delimita apenas ao discurso do poder público na época, mas também foi algo constantemente mencionado pelos lugares por onde passaram. Dentre as localidades nas quais realizaram suas incursões houve essa costumeira associação em relação aos homens que fizeram parte do movimento.

Desde o início das campanhas do movimento, a Coluna Prestes frequentemente conseguiu, em meio aos seus destacamentos, integrar personagens às quais foram

atribuídas sensações de medo envolto dos mesmos. Algumas dessas personificações, além de serem resguardadas no imaginário social, tiveram o “privilégio” de serem registradas sobre o discurso escrito. Pode-se citar como exemplo a figura singular de um integrante do movimento que refletiu esse sentimento interior do terror sobre sua personificação: o “intrépido” João Cabanas. Esse fora um soldado que integrara a Coluna em São Paulo, antes mesmo da Coluna se anexar aos rebeldes do Rio Grande do Sul.

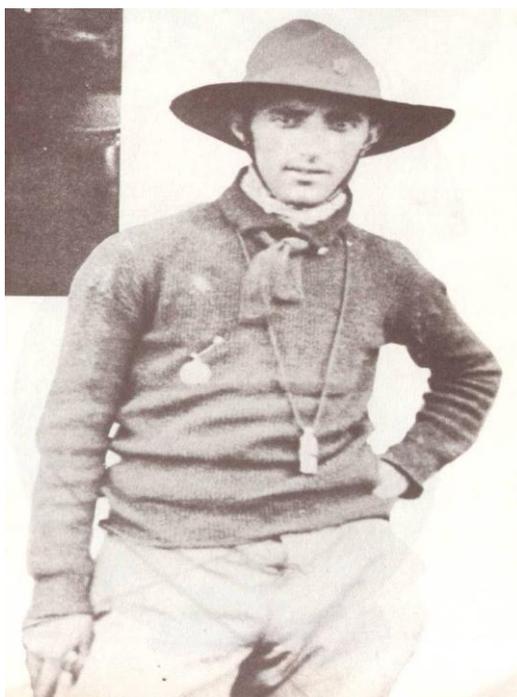
As peripécias desse sujeito foram acentuadas no imaginário social ainda no período inicial do levante revolucionário, quando se encontravam na região sudeste do país, deslocando-se de São Paulo rumo ao sul do Brasil. Em participação na campanha revolucionária, João Cabanas liderou um dos destacamentos mais violentos e temidos do levante rebelde, através do qual causou grande pânico pelos interiores e diversos domínios territoriais da região sudeste. A descrição abaixo, extraída da obra *As noites das grandes fogueiras*, procura denotar como era vista a imagem desse “diabo” que conduzia o temor por onde passava com sua milícia armada e aterrorizadora:

Seus rápidas aparições, envolto por uma grande capa preta que batia nos calcanhares, contribuíram para que logo em torno dele se esculpisse a imagem de que comandava uma coluna maldita. Alto, magro, sempre inquieto, espigado, Cabanas usava imenso quepe enterrado até as orelhas, o que emprestava ao seu rosto anguloso um aspecto assustador. Durante quase uma semana, Cabanas e seus homens infernizaram as pequenas cidades do interior, acrescentando a fama de violentos e corajosos à lenda de que nunca haviam perdido uma batalha. Assim que seu trem se aproximava das estações, ele e os soldados atiravam em todas as direções, contra inimigos imaginários. Não foi preciso muito tempo para que o grupo de rebeldes fosse batizado com uma expressão que simbolizava o pavor: *A Coluna da Morte*. Bastava ouvir o apito de um trem para que os soldados do governo corressem esbaforidos. No imaginário popular, o Tenente Cabanas, era um combatente que nunca saía ferido porque tinha *o corpo fechado*. Muitos atribuíam essa extraordinária proteção a um pacto com o demônio (MEIRELLES, 1995, p.193).

Essa citação traduz com certa ênfase parte daquilo que era fabricado e reproduzido ideologicamente pelas camadas populares, se fazendo, por vezes, denunciar, através da atitude das pessoas, um misto de narrativas sobre as eventualidades sucedidas nesse momento irrigadas por certo caráter “alegórico” e fantasmático. A crença de que um temido combatente da Coluna era inabalável por ter o “corpo fechado” em virtude de “um pacto com o demônio” referencia outra questão relacionada a essa sensação de temor: o misticismo em seu lado negativo e sombrio.

A imagem que João Cabanas representa de forma bastante alusiva esse caráter em que o humano e o sobrenatural se encontram entrelaçados pelo olhar socialmente atribuído para caricaturar o receio e o terror, o qual pairava sobre a imagem dos rebeldes através de uma entre outras formas possíveis de serem fabricadas. Posteriormente, voltarei a tratar de forma mais detalhada sobre esse caráter místico presente nas simbologias relacionadas à Coluna Prestes.

FIGURA 06: O “intrépido” João Cabanas



Fonte: MEIRELLES, Domingos. **As noites das grandes fogueiras:** uma história da Coluna Prestes. Record. 1995.

Na maioria das vezes, nas regiões onde se percebia uma condição mais humilde por parte dos moradores, as reações das pessoas que se defrontavam com a presença dos soldados da Coluna Prestes eram situadas, em certa medida, por esse olhar avesso. Em Timon, por exemplo, muitos foram os relatos que exprimiam o temor. Em alguns casos, ou melhor, em grande maioria dos casos, quando os moradores dos povoados ficavam sabendo da presença dos Revoltosos tratavam de procurar refúgio onde pudessem ficar escondidos para que não tomassem de encontro com os soldados da Coluna, com receio que alguma coisa de ruim pudesse acontecer consigo, causada pelos homens do levante revolucionário.

O senhor João A. Ventura das Neves (82 anos) relatou em seu depoimento que quando seu pai soube da presença dos rebeldes da Coluna Prestes nas proximidades do povoado onde morava, tratou de refugiar-se com sua família em mata fechada. Preocupado com o que poderia acontecer sua família, ficou por alguns dias escondido pela mata até quando teve plena certeza da saída dos Revoltosos do povoado onde morava. Segundo ele:

O pessoal todo corria com medo deles, meu pai, inclusive, foi um desses que não aventurou ficar aqui e fugiu com medo dos Revoltosos. Eu tinha dois anos quando eles tiveram aqui. Aí a gente foi se esconder dentro dos mato. Meu pai disse que me levou nas costa, lá pro Mororó. Nós ficamos escondido pra lá por três dia, dentro do mato eu e meu povo. A gente só voltou quando papai teve notícia que eles tinham ido embora daqui. Aí quando ele voltou, só se ouvia as notícia do que eles tinha aprontado por aqui, levaram aí um bocado de coisa: animal, arma, comida, o que aparecesse e interessasse a eles levavam mesmo. Aí daqui eles foram pro rumo aí de dento dessa estrada aí caçar outros lugar pra saquear⁵⁵ (2005).

Os freqüentes saques às casas e às fazendas nos lugares por onde perambulavam era, de maneira direta, considerada pelos líderes da Coluna Prestes, a base de sustentabilidade do movimento em aspectos fundamentais. Tirar do alheio era praticamente a única forma dos rebeldes adquirirem reabastecimentos referentes ao municiação, medicamentos, alimentação, e até mesmo no que se tratava aos meios de transporte – quando esses confiscavam os cavalos para montaria em suas viagens pelos interiores. Entretanto, em Timon e Teresina, se pôde perceber que esse ato emergencial às necessidades de sobrevivência da Coluna foi compreendido, com certa lógica, por parte das comunidades dos povoados, como uma atitude selvagem protagonizada por “revoltados” e desordeiros.

É evidente que o ato de abandono dos lares pelos moradores facilitava os saqueamentos dos bens pessoais que seriam de primeira necessidade para o movimento. Contudo, atitudes dessa natureza só reforçavam a visão de receio que era carregada pelos moradores dos lugares por onde passaram. A associação a uma espécie de vandalismo é mais incisiva, dentro dos relatos, recorrendo sempre ao exemplo dos constantes confiscos que eram executados pelos homens do movimento, principalmente citando a tomada de armas, munição e cavalos, além do sacrificio de “animais de criação” (porco, galinhas, cabras, gado, etc.), para alimentação.

⁵⁵ Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 16 de janeiro de 2007.

Há também notícias de casos relacionados a sujeitos que decidiram abandonar seus lares e não retornarem novamente para os recantos onde moravam. Ouviu-se esse período de passagem do movimento, relatos de pessoas que se foram e não voltaram mais para suas moradias com receio do que viesse a acontecer com a presença dos rebeldes nesses povoados.

Dos fatos com essas características, soube de um caso dessa época. Esse caso foi mencionado num determinado momento em meio ao depoimento do senhor José Basílio Oliveira, 81 anos. Nessa passagem da entrevista, o citado senhor menciona o caso do irmão de seu pai, que foi morar em uma região distante e que, algum tempo depois, acabou por se tornar um povoado em que pessoas de lugares distintos passaram a habitar:

Teve um tio meu – irmão de meu pai – que deu início a um povoado com medo dos Revoltosos. Você já ouviu falar no Maitá? Pois é, meu tio foi morar lá porque no tempo da revolta eles passaram por aqui. Meu tio nesse tempo era vaqueiro aí, sabendo da passagem dos Revoltosos por aqui e fugiu com medo deles fazer alguma coisa. Aí ele pegou a mulher e os meninos dele e foi se esconder no mato, ele se arranchou e ficou escondido por uns dias. Aí quando eles foram embora ele decidiu ficar por mais um dias, depois de dias... De dias fez mês e assim foi indo. Aí ele formou e criou os filho dele lá e hoje é um povoado grande e bonito, com muita gente, que só foi acontecer por esse fato do revoltoso⁵⁶.

No caso dessa fala, a narrativa do depoente faz com que entendamos que a presença dos rebeldes se caracterizasse como uma espécie de marco fundante de uma localidade que começou a ser povoada a partir de sua aparição. O povoado Maitá, ou Humaitá (como também é conhecido), mencionado pelo senhor José Basílio, ficava a aproximadamente uma hora e meia de viagem de automóvel, em relação ao lugar em que nos encontrávamos. Pessoalmente, tinha ficado interessado em saber se algum morador desse povoado poderia dar algumas informações sobre esse fato e outros mais. No entanto, era fim de tarde, o sol já estava se pondo e a penumbra resvalava anunciante, delatando o fim de mais um dia. Teria eu que esperar a noite passar para conhecer o dito povoado que incidiu com esse evento.

No dia seguinte, desloquei-me para conversar com o senhor Antônio Henrique de Oliveira, indicado pelo depoente do dia anterior. Este era filho do tio citado pelo senhor José Basílio, o mesmo que fugiu para o povoado sendo o primeiro a habitar aquela

⁵⁶ Entrevista cedida para Francisco Chagas Oliveira Atanásio, na residência do depoente, 17 de janeiro de 2007.

localidade. Esse senhor nasceu em Teresina e morou a vida toda em Timon. Na época da entrevista tinha 83 anos e se encontrava cego, com problema de catarata. Em seu depoimento ele reitera as falas do depoimento, de seu primo – José Basílio, que tomei um dia antes, e descerra uma outra questão, como podemos perceber no fragmento abaixo:

Meu pai, é tido como o primeiro morador daqui, depois veio gente de tudo enquanto foi lado morar aqui, viram que aqui era bom, calmo pra se viver, aí isso daqui cresceu rápido, viu. O pessoal diz que ele veio pra cá no tempo dos Revoltoso, ouvi muito ele dizer isso. Ele tinha medo desse povo aí, dizia que eles era mal, chagavam nas casa pegava os animal, as galinha, os porco, cavalo, pegava as arma. Chegava numa venda derramava as bebida. Ninguém encostava porque era tudo mal encarado, barbudo, de bota, de fala estranha diferente do pessoal daqui. Eles usava uns lenço amarrado no pescoço, eles eram assim, só o jeito deles causava medo, não precisava nem bater pra espantar⁵⁷.

Algo sintomático nessa fala, e que também é possível observar como aspecto subsidiário para a construção de uma impressão conceitual no imaginário das pessoas, diz respeito a uma espécie de *estranhamento* associado à postura dos Revoltosos, principalmente relacionado às suas vestimentas. Claro que as pessoas, levadas por uma pré-disposição a se sentirem amedrontadas e acuadas, em muito tiveram certa contribuição para que exprimissem um comportamento receoso a partir de qualquer detalhe visto e considerado como sendo algo “anormal” aos seus costumes.

Ora, uma vestimenta, grosso modo, nada mais é que um adereço simplesmente comum e necessário para o meio de vivência cotidiana, mas, por meio de certa semiologia, se pode afirmar que esse “adereço” não deixa de se expressar, de alguma maneira, como elemento decorosamente constituído de uma estrutura simbólica. Partido desse pressuposto afirma-se que um adereço contribui para o processo de personificação de determinada imagem, esculpida através de meros detalhes, indícios, os quais ganham dimensões maiores dentro da visão orgânica dada a um objeto, sujeito ou fenômeno em sua historicidade.

Um exemplo dessa observação é percebido num outro caso que evidencia o sentimento de temor aspirado nos povoados de Timon pelos moradores rurais. Essa percepção foi mencionada na fala de dona Felismina Feitosa da Silva⁵⁸, 98 anos, moradora do povoado Cão Açú. Sua narrativa retrata uma experiência pessoal, que além de descrever

⁵⁷ Depoimento cedido a Francisco Atanásio, na residência do depoente, em 17 de janeiro de 2007.

⁵⁸ Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 10 de junho de 2006.

a reação tida como comum na situação que ocorria com a presença dos Revoltosos (se esconder da presença dos rebeldes), também ressalta uma percepção alegorizante vinculada aos rebeldes. Em sua fala vemos o exercício de certa articulação descritiva, na qual procura demonstrar toda uma simbologia expressa sobre a maneira como os soldados da Coluna Prestes apareciam trajados:

Quando eles passavam a gente se escondia. Aí na passagem deles, teve uma hora que eles começaram a invadir as casas. E aí eles vieram pra cá. Era outra casa nesse mesmo lugar aqui. Papai não tava em casa só minha mãe. Aí quando eles vieram pro rumo daqui, mamãe pediu pra eu me esconder junto com meu irmão. Ela mandou que a gente se escondesse em qualquer lugar. Meu instinto foi certinho em riba do pé de manga. Quando eles chegou aqui, mamãe colocou eu e meu irmão em cima do pé de manga, pra que eles não fizesse nada com nós. Mas eu vi eles. Aqueles homens com o revólver debaixo da perna, com um metro de pano encarnado, enrolado no pescoço, parecia que os cavalos deles era tudo ensinado. Não ficou ninguém quando eles apareceram. Eles se vestiam até diferente da gente. Mamãe disse que até o modo deles falar era diferente.⁵⁹.

Esse relato lembra em certos aspectos o depoimento anterior descrito pelo senhor Antonio Henrique, principalmente sobre a descrição dos detalhes agregados ao visual que os rebeldes carregavam. Outro fator interessante é que enquanto o primeiro caso é caracterizado como um relato abstraído a partir de informações adquiridas através da tradição oral (*memória por tabela*), o segundo caso se apresenta como testemunho de uma experiência pessoal (*memória por vivência*). Todavia, em ambas as falas, é possível perceber que os depoentes evidenciam percepções agregadas numa determinada consonância simbólica.

Outro elemento que incide em tais reflexões se constitui na seguinte relação representacional: assim como na imagem de João Cabanas, o homem que se apresentava resguardado por uma “longa capa preta”. O homem que usava um imenso “quepe enterrado até as orelhas”, o qual “emprestava ao seu rosto anguloso um aspecto assustador”, fazendo-os elementos simbólicos que, ao mesmo tempo, o credenciava para liderar uma “*Coluna da Morte*”, outro conjunto de alegorizações também eram vistos sobre os Revoltosos. Esse caráter de estranhamento, exótico e aterrador, presente no *visual* que era apresentado pelos soldados da Coluna Prestes, configuravam uma imagem a partir da ênfase impressa a certos adereços que ficavam a vista.

⁵⁹ Entrevista cedida para Francisco Chagas Oliveira Atanásio, na residência do depoente, 2006.

O curioso é que, através das menções relatadas, a descrição da imagem “exótica” que era esculpida sobre os rebeldes, na ocasião dos depoimentos, lembra extensivamente os grupos que eram responsáveis pelas *potreadas*, a atividade que mencionei no primeiro capítulo (o ato de reconhecer o território através da cavalgagem). Essa associação leva a pensar que talvez essas figuras fossem ou recebessem influências dos grupos residentes do Rio Grande do Sul que incorporaram o movimento.

Dos *Maragatos*, além das estratégias adotadas na *guerrilha de movimento* (potreada), foram incorporados alguns adereços, inclusive um dentre eles se tornou uma espécie de símbolo convencional aderido por alguns os homens que compunham o corpo militante da Coluna Prestes: o lenço vermelho enrolado ao pescoço. Detalhes de uma vestimenta podem parecer algo insignificante, mas se formos refletir sobre esse fato iremos perceber que, (in)conscientemente, não se tratava apenas de um adereço de ordem estética, mas também de uma insígnia que dava significância e se coligava às figuras que desse grupo faziam parte.

Assim como no caso dos *Maragatos* em suas lutas políticas do passado⁶⁰, o lenço vermelho fora adotado pelos Revoltosos para também delatar o valor de causa que era defendida pelo movimento. Dessa forma, esse adereço se constituía como um signo identitário do movimento e reforçava, emblematicamente, o sentimento de estranhamento que determinadas pessoas exprimiam por essas figuras exóticas.

Sucintamente, pode-se dizer que um detalhe “sutil”, como o lenço vermelho, tornou-se uma espécie de alegoria identitária desses “diabos”, tanto que algumas histórias sobre o movimento ressaltam-se destacando a ornamentação e a instituição semântica atribuída a esse signo. Um desses exemplos pode ser observado no episódio em que Filinto Müller, em Foz do Iguaçu, em 1925, foi expulso da Coluna a pedido de Luiz Carlos Prestes a Isidoro Dias Lopes, que na época chefiava o Estado Maior da Coluna, sendo acusado de covardia e corrupção⁶¹. Nesse evento, a primeira coisa da qual ele se desfez foi do lenço vermelho.

⁶⁰ De acordo com Sérgio Costa Franco, o lenço vermelho constituía-se como um símbolo de distinção identitária. Na Revolução Gaucha de 1923, liderada por Assis Brasil, por exemplo, era o que os distinguia dos seus adversários, os *Chimangos*. Esses, por sua vez, usavam um lenço branco para se identificarem.

⁶¹ De acordo com Meirelles (1995), Filinto Muller comandava as guarnições que faziam a retaguarda das tropas revolucionárias em Foz do Iguaçu. Inesperadamente, ele retira-se com seus soldados para a Argentina alegando o fato do levante não ter condições de combater com as forças legais do governo. Em seu deslocamento levou consigo armas, munições, alimentação e dinheiro. O que causou grande dificuldade para a manutenção dos outros destacamentos que se encontravam na região. Esse ato foi tido como imperdoável e custou sua expulsão da Coluna.

Abaixo é possível ver a imagem de um integrante⁶² da Coluna Prestes – Emígdio Miranda – que adotava o visual dos destacamentos advindos do Rio Grande do Sul incorporados ao levante revolucionário.

FIGURA 07: Emígdio Miranda e Vestimentas de um Revoltoso que alimentavam o imaginário popular



Fonte: MEIRELLES, Domingos. **As noites das grandes fogueiras**: uma história da Coluna Prestes. Record. 1995.

Da mesma maneira, quando Juarez Távora foi preso no Piauí, na região hoje conhecida Angelim (Areias), o lenço que carregava ao pescoço foi tirado pelos soldados legalistas que o detiveram, o exibindo como um troféu. Esse lenço ainda hoje, 2011, pode ser visto em destaque, no museu municipal de Teresina, onde é exposto como um prêmio e um marco histórico, como também um registro memorial referente aos fatos protagonizados pelo levante revolucionário no estado do Piauí⁶³.

⁶² De acordo com Meirelles (1995), Emígdio Miranda era um maragato incorporado ao levante junto à Coluna Gaúcha, liderada por Prestes.

⁶³ O lenço vermelho que pertencia a Juarez Távora, segundo ao que consta no caderno de tombo do museu, foi entregue ao museu pela família do coronel Antônio da Costa Araujo Filho, autor da prisão do líder rebelde. A doação desse adereço ocorreu no dia 27 de agosto de 1981, em uma seção solene.

FIGURA 08: Lenço vermelho de Juarez Távora, de atual domínio do museu de municipal Teresina



Fonte: Autor/2010.

Tratando-se desse evento ocorrido no Piauí, a prisão de Juarez Távora acontecera nas proximidades da capital. Esse foi outro momento que causou grande temor, principalmente relacionado às reações por parte das lideranças político-administrativas de Teresina e do estado do Piauí. O clima de tensão residiu nesse episódio em virtude da possibilidade de Prestes liderar um eventual ataque à capital, Teresina, para tentar libertar um dos principais nomes da Coluna do cárcere em que se encontrava.

De maneira imediata, nos primeiros dias de 1926, o Bispo de Teresina, na época, Dom Severino Vieira Melo, dirigiu-se a cidade de Natal – atualmente conhecida como Monsenhor Gil. Seu deslocamento veio a pedido do governador do estado, Matias Olímpio, que o solicitou para deslocar-se ao encontro com Prestes, o qual àquela altura, vinha do lado maranhense e já direcionava sua saída do estado rumo ao Ceará juntamente com os rebeldes que se encontravam do lado piauiense.

Nesse contexto, Dom Severino Melo carregava consigo uma carta escrita por Juarez Távora, levada por sua própria solicitação. Nessa carta Távora pedia para que o líder do movimento – Carlos Prestes – que não invadisse a capital do Piauí e dessa forma pudesse evitar um derramamento de sangue desnecessário. Mas, segundo Prestes, de acordo com a passagem do seu depoimento, nas últimas páginas do capítulo anterior, não havia a intenção dos rebeldes da Coluna de invadir Teresina para efetivar esse propósito ou qualquer outro.

Essa compreensão adquire certa procedência porque, ao que se sabe, a Coluna Prestes não detinha naquele momento um contingente de homens suficientes para promover tal atitude, muito menos armas e munição para dar aporte a tal investida. Contudo, parece que só os próprios homens que compunham a Coluna Prestes tinham consciência plena de tal condição nesse determinado momento.

Da mesma maneira, Prestes – em sua entrevista à Fundação CEPRO, 1985 – alega que Juarez Távora tinha total conhecimento das táticas de procedência da Coluna e da cautela que seus líderes tinham mediante situações delicadas dessa natureza, para que a existência do movimento não fosse colocada em risco. Por isso, ele mesmo – Juarez Távora – tinha consciência que uma invasão a Teresina seria algo impossível de acontecer, e a carta que escrevera tinha um valor quase que ficcional.

Tendo ciência plena disso, a resposta dada por Prestes à carta de Távora detinha informações de conteúdos essencialmente falsos. Um exemplo seria a citação do alojamento de uma tropa de rebeldes armados “do outro lado do Rio Poti (1985)”, que tinham instruções bem claras para atacar em um determinado momento se não recebesse nenhuma ordem expressa para recuar em certo prazo. De acordo com Prestes, essa carta foi escrita mais com o sentido de entreter e causar certo pânico aos ânimos dos teresinenses que, a essa altura dos acontecimentos, já se encontravam plenamente alterados com toda situação.

Juarez Távora, cinco dias após ser preso (o que ocorreu no dia 31 de dezembro de 1925) foi transferido para São Luis e de lá foi mandado para o Rio de Janeiro. Por esse tempo, tudo deveria indicar que Teresina estava “livre” de qualquer ameaça direta dos Revoltosos, até mesmo porque esses já se encontravam distantes da capital, tomando rumo ao Ceará, sendo que outros pequenos destacamentos dos Revoltosos ainda se encontravam em Timon. Entretanto, alguns procediam de forma bastante estranha, beirando até mesmo a ridicularidade.

Se a atitude do General João Gomes, ao orientar o Governador do estado, Matias Olímpio, para abandonar a capital e entregá-la aos Revoltosos foi considerada uma atitude absurdamente estapafúrdia, mais patética ainda foram algumas táticas adotadas pelos soldados Legalistas que ainda se sentiam ameaçados pela presença “fantasmagórica” dos rebeldes. Segundo o que é possível interpretar dos escritos de Higinio Cunha (1926), protagonizou-se por parte de determinados destacamentos legalistas, atos de “depredação”

em Teresina, direcionados a alguns prédios públicos da cidade para que a culpa dessas ações recaísse sobre os Revoltosos da Coluna Prestes.

Toda essa encenação desencadeada por grupos da força de defesa do estado aconteceu para que fosse solicitado algum tipo de ajuda, reforço militar, para auxiliar nos prováveis confrontos que iriam se suceder, se os rebeldes tivessem invadido Teresina definitivamente, o que não era de fato verdade. O fragmento tirado da obra de Higino Cunha apresenta esse momento de pura insanidade e de desespero totalmente desnecessários:

Em duas noites sucessivas, choveram balas por todo o centro de Theresina, alvejando preferivelmente alguns edifícios públicos, como o palácio do governo e a Estação Telegraphica, para fazer acreditar que os Revoltosos já haviam invadido, quando constava que isso era obra de alguns oficiais (1926, p. 65).

Observa-se pelas proposições feitas acima, que esse sentimento de temor foi um fenômeno que tomou conta dos mais variados grupos sociais, fossem eles de condições mais simplórias ou referentes às elites políticas. Essas reações se manifestaram tanto em Timon quanto em Teresina, em diversos episódios, ocorrendo manifestações de todo. Na maioria dos casos é possível observar proporções bem intensas de pleno desconcerto. Porém as sensações de temor que esses “diabos” do “campanário” traziam, esbarrava em contrapontos que proporcionavam uma condição paradoxal.

Isso porque, ao mesmo tempo em que os Revoltosos causavam temor aos populares e até mesmo às elites, eles conseguiam proporcionar outra visão mais próxima da admiração e da estima mediante outras estratificações das camadas populares. Essas caracterizações revelam certo conflito ideológico e certo entrelace imaginário associado às suas imagens. Principalmente se tratando do senso comum local. Vejamos em seguida alguns casos onde outra ótica sobre os Revoltosos se encontra presente.

2.3. Requisições às massas: as impressões de admiração sobre os rebeldes da Coluna Prestes

Se havia uma atitude capaz de contrabalançar essa posição de intimidação sentida pelas camadas populares em relação à condição hostil associada aos rebeldes da Coluna

Prestes, esse meio era, sem dúvida, transposto através do auxílio às necessidades do povo, que esses rebeldes costumeiramente promoviam com as *requisições populares*.

No capítulo anterior, mencionei alguns exemplos dessas requisições, tratando-se especificamente às cidades de Timon-MA e Floriano-PI. Essas *requisições populares* tratavam de compartilhar os bens que os rebeldes confiscavam com os pobres. Esse era um ato costumeiro, sendo desencadeado freqüentemente pelos rebeldes. Tomava-se dos mais aquinhoados e distribuía-se aos mais destituídos de posse.

Não é à toa que essas ações tornaram-se um meio comparativo às atitudes do ladrão-herói medieval *Robin Hood* – como comparado pela historiadora Elisângela Soares (2003). Juntamente com os noticiamentos de tomada de armas e cavalos, se encontra constantemente o relato de que os Revoltosos sacrificavam animais e os dividiam com os moradores locais que não se intimidaram com sua presença. Essas atitudes que ensaiam certo “samaritanismo” também foram registradas, “exprimindo” as reações da comunidade.

Do gado vaccum que abatiam só utilizavam dos quartos dianteiros e o resto distribuía aos pobres moradores do lugar. A maior parte das mercadorias que saqueavam era também distribuía ao povo, que, por isso, olhava com certa *sympathia*, misturada de espanto. Preludiavam assim uma espécie de bolchevismo russo (CUNHA, 1926, p. 69).

A menção de Higino Cunha demonstra um indicativo interessante: se tivermos ciência de que esse autor, na época em que escreveu as informações dos eventos que se sucediam nas duas cidades, era também um declarado opositor do movimento revolucionário – sendo até mesmo um prestador de serviço do governo local – é possível perceber um certo paradoxo existente nessa situação.

Essa afirmativa é perceptível no momento em que entendemos que o autor chega ao ponto de comparar as atitudes do movimento, as quais considerava uma ameaça a ordem local, às atitudes do comunismo apregoado pelo “bolchevismo russo”, que aparentemente era caracterizado por uma feição ideológica comunitária e igualitária. Em outras palavras, mesmo sendo uma “ameaça”, os Revoltosos eram reconhecidos, em parte, pelos seus atos de assistência à comunidade.

Não obstante, essa mesma citação, ao tratar do “bolchevismo russo”, incita, de maneira implícita, outra questão associada às atribuições simbólicas direcionadas à Coluna Prestes: a freqüente comparativa ideológica do movimento rebelde com princípios morais e sociais relativos ao comunismo/marxismo. Essa é uma alusão costumeiramente feita,

principalmente em meio a um determinado ciclo intelectual (o meio historiográfico), tentando estabelecer uma relação político-ideológica entre o movimento rebelde e essa vertente de pensamento. Porém, a associação equívoca entre a Coluna e o comunismo não seria apenas fruto duma apropriação anacrônica feita pela fértil imaginação dos historiadores. Outras manifestações intelectuais também incorporaram e reificaram, ao seu modo, esse discurso associativo. No fragmento abaixo, da obra *O cavaleiro da Esperança*, do escritor Jorge Amado (um misto de poesia, narrativa épica e romance histórico), se observa um exemplo desse evocativo estabelecido entre o movimento rebelde e o marxismo:

Nessa marcha, amiga, prodigiosa de heroísmo, traçada e conduzida pelo gênio de Prestes, o povo aprendeu dos soldados a lição da revolta. E os soldados, e os chefes, e Luiz Carlos Prestes, aprenderam do povo os problemas do Brasil. O marxista Luiz Carlos Prestes de hoje resulta diretamente da marcha da Coluna. Rasgando sertões e rasgando documentos de tomada ilegal de terra pelos grandes coronéis aos pequenos camponeses. (AMADO, 1981, p.104)

É possível perceber nessa citação que ocorre um apelo representacional voltado em associar o ideal revolucionário da Coluna com o ideal marxista por meio da trajetória de Prestes, como se a segunda trajetória fosse resultante da primeira trajetória. Obviamente, essa associação só fora possível porque Luiz Carlos Prestes – bastião maior da Coluna – esteve incorporado aos dois movimentos, e entorno de sua pessoa figurou-se uma relação indissociável de ambos as militâncias – Revoltosos e Comunistas – em virtude de sua liderança.

Como atestado por Antonio Torres Montenegro (2007), a figura do militante comunista, ou melhor, a entidade do próprio comunismo no Brasil, se confundiu com a pessoa de Prestes. Adiciono a essa percepção que muito se deve ao ideal revolucionário que embalou sua trajetória de luta constante e que fora capitado e situado pelo imaginário popular, irrompendo, contudo, com a temporalidade que dá distinção a esses momentos. A partir de sua trajetória e do olhar social que dela se apropriara, pode-se afirmar que.

...Prestes se tornou um mito. Histórias reais e fantásticas se misturam com uma necessidade correspondente à necessidade da população obter respostas que apontem alternativas para suas desmedidas necessidades cotidianas. (MONTENEGRO, 2007, p.134)

Por outro lado, a afirmação que os princípios ideológicos da Coluna Prestes estariam alinhados ao pensamento comunista, ou mesmo pensar a militância comunista como uma consequência da Coluna Prestes – como propõe Jorge Amado, dentre outros – seria defender uma argumentação trivialmente refutável. Há várias ocasiões históricas onde se pode encontrar certa contraposição a essa comparativa. Vejamos.

Até onde se sabe, a primeira vez que a Coluna Prestes se deparou com qualquer elemento vinculado ao comunismo se fez ainda no estado do Piauí, em Natal (Monsenhor Gil). Nessa cidade ocorreu o contato com comunistas representados pelo “capitão Waldemar de Paula Lima e o jornalista Josias Carneiro Leão, que vinham na qualidade de emissários do dirigente comunista de Pernambuco, Cristiano Cordeiro e o tenente Cleto Campello... um pouco antes dos rebeldes deixarem a localidade.” (LEOCÁDIA PRESTES, 1997, p.239)

Esse encontro data dos primeiros dias de 1926 e tinha como intuito solicitar apoio do movimento rebelde à conspiração revolucionária que se configurava em Pernambuco. Essa conspiração alimentava como propósito tomar o estado com o apoio da classe operária. Nesse contato, Prestes adquiriu o conhecimento do programa de reivindicações que eram propostas a partir do processo revolucionário pernambucano. Isso fez com que o líder dos Revoltosos concordasse com a causa e se comprometesse em ajudar o movimento comunista, nos confrontos que possivelmente iriam ocorrer no ínterim desse processo⁶⁴. Porém, nem Prestes ou mesmo o núcleo do estado maior da Coluna, alimentavam alguma perspectiva concreta do que seria o comunismo enquanto *filosofia da práxis*.

Em entrevista concedida a Edgard Carone, feita em 1982 e publicada em 2000 na *Revista Novos Rumos*, Prestes relata esse mesmo ocorrido para ressaltar essa afirmativa: nem ele, nem sequer os outros integrantes tinham uma noção superficial do que era e o que significava efetivamente o fenômeno do comunismo. Pelo contrario, havia integrantes no movimento que poderiam, ocasionalmente, se opor a qualquer contato com essa vertente ideológica, baseados nos princípios da ética religiosa.

Quando atacamos Teresina, depois que vínhamos nos retirando, no povoado Natal, recebemos a delegação de Cristiano Cordeiro, daquele Josias Leão e o Sargento Waldemar. Traziam uma lista de reivindicações

⁶⁴ O levante Pernambucano acabou malogrado, sendo descoberto pela polícia antes mesmo de eclodir. Os seus principais líderes iriam ser executados na tentativa de empreendimento desse processo. Cleto Campello, por exemplo, teria conseguido mobilizar um pequeno grupo organizado em Jaboatão, mas seria morto em Gravatá. Waldemar de Paula Lima seria degolado, ao tentar seguir de encontro, junto com um grupo organizado por ele mesmo, a Coluna Prestes que seguia para Pernambuco juntar-se a essa manifestação.

do proletariado de Recife. O tenente Cleto Campelo tinha levantado seu batalhão em Recife e o partido participaria da luta. E nos convidavam, nos pediam para que a Coluna se aproximasse... Se estivéssemos de acordo em apoiar, que nos aproximássemos o mais possível de Recife. Então nos comprometemos que na segunda quinzena de fevereiro de 26, nós estaríamos o mais perto possível de Recife. Esse foi o primeiro contato. Concordamos com as reivindicações apresentadas pelos trabalhadores de Recife, já que dizíamos que isso foi fácil porque o Juarez tinha sido preso. O Juarez era anticomunista já, porque ele era católico e certamente não iria concordar com isso. Mas nós não sabíamos o que era comunismo... (PRESTES *apud* CARONE, 2000. p.07)

Essa mesma negação é feita quando Prestes relembra que o princípio contestatório, no qual incitou a formação da Coluna, insurgiu do repúdio pela maneira como o exercício político no Brasil era constituído por seus mandatários nos governos estadual e federal. Assim como era desconhecida de sua parte as situações adversas em que as classes menos favorecidas se encontravam. No início da campanha revolucionária, para Prestes, não havia uma questão mais ampla a ser incorporada pelo levante, a não ser as condições de melhorias político-econômicas para sua classe, pois “naquela época – recorda-se Prestes -, eu nunca tinha ouvido falar de marxismo, nem de Lênin, muito menos de revolução de outubro de 1917, na Rússia. Era apenas um homem revoltado com a maneira pela qual se governava um país”. (PRESTES *apud* MORAES & VIANA, 82, p.33)

As questões voltadas à melhoria dos grupos menos favorecidos fora uma ideologia incorporada no contato, na experiência com “o outro” que vivia sobre condições de miséria. Ainda sim, a inclusão de um pensamento alinhado à ideologia comunista era algo extremamente distante enquanto uma proposta política a ser adotada por Prestes ou pelos próprios Revoltosos.

Porém, algumas situações, ou mesmo sujeitos, conspiravam constantemente para a evocação dessa relação, isso se pode afirmar. Na história da Coluna Prestes encontramos tanto ações quanto sujeitos que evocam tal representação. Pois se nos deparamos com o “encapetado” João Cabanas, que configurava a imagem do Terror, ou com o “exótico” Emigdio Miranda, o qual transportava adereços que se tornaram insígnias identitárias do movimento (o lenço vermelho), a Coluna também foi composta por personagens que caracterizaram uma relação simbólica com o comunismo. Refiro-me, nesse caso, ao

emblemático Revoltoso Manuel Bernardino de Oliveira, o “Lênin do Maranhão”, conhecido também como “Lenine do Maranhão”, ou “Lênin da Mata⁶⁵”.

Nascido no estado do Piauí⁶⁶ Manuel Bernardino fora um lavrador que vivera na cidade de Dom Pedro⁶⁷, interior do Maranhão. Mesmo criado com os hábitos e os modos de vida do campo, seu perfil destoava completamente do perfil do sertanejo na época. O próprio domínio da leitura, o qual detinha, se estabelecia como o indicativo de uma pessoa de virtudes intelectuais privilegiadas. Era leitor de revistas, assinante de jornal e um ávido colecionador de literatura universal, conhecendo os escritos de Leon Tostoi, Guerra Junqueiro, Alan Kardec, Karl Marx e Vladimir Lênin.

Indiscutivelmente essas leituras iriam ter uma influência sobre sua personalidade, pois na maturidade se tornara um adepto da religião-filosofia espírita e do pensamento socialista. Esses ideais o levaram a alimentar um caráter revolucionário em benefício dos menos favorecidos, o que fez com que sua trajetória fosse marcada por várias ações sociais⁶⁸. Com isso, protagonizou alguns conflitos com os grandes latifundiários de sua região. Em meio a esses fatos ficou popularmente reconhecido como o “Lenine do Maranhão”. Seu episódio mais marcante antes da inserção à Coluna Prestes foi a liderança de uma manifestação popular no estado do Maranhão conhecida como a *Revolução da Mata*⁶⁹, em 1921.

Embevecido pelo espírito da revolução, Manoel Bernardino se incorporou ao levante rebelde em 1925, em sua passagem pelo Maranhão, incitado pelos princípios de libertação social, já incutidos nos ideais do movimento revolucionário na época. De acordo com os registros de Moreira Lima (1979), a sua inserção ao movimento foi, sem dúvida, a

⁶⁵ Em ambos os casos um elementar referência ao líder comunista bolchevique Vladimir Ilyich Ulyanov, o Lênin.

⁶⁶ De acordo com as pesquisas feitas por Giniomar Almeida, ocorre uma imprecisão sobre o verdadeiro local de nascimento de Manuel Bernardino. Existem informações que afirmam o Ceará (a informação mais recorrente) como seu lugar de nascimento. Outras informações se referem ao estado do Piauí. O próprio pesquisador menciona em seu trabalho um depoimento feito pelo mesmo, em um inquérito policial aberto contra ele, no qual se identifica como piauiense.

⁶⁷ Nessa época a cidade era conhecida como Mata do Nascimento, em homenagem ao seu povoador: Manoel Nascimento

⁶⁸ Entre suas ações estão registradas a abertura de estradas a facção, o ensino de alfabetização gratuito para crianças de alguns povoados, a criação de um órgão de justiça popular chamada “Órgão de defesa”, dentre outras ações. Para conhecer melhor a trajetória de Manoel Bernardino ver: ALMEIDA, Giniomar F. **O Lenine Maranhense: fuzilamentos e cultura histórica no interior do Maranhão (1921)**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2010.

⁶⁹ Os ideais revolucionários de Manoel Bernardino, sua liderança entre os lavradores humildes da Mata, como era conhecida a cidade do Dom Pedro, e sua oposição ostensiva ao governador maranhense de então, Urbano Santos, assustaram o poder dominante, que em 1921 enviou para a Mata do Nascimento um contingente de 600 homens, chefiados pelo tenente Antonio Henrique Dias.

mais importante ocorrida no estado do Maranhão. Entretanto, sua integração junto aos Revoltosos durou praticamente até a saída da região nordeste, de onde não tinha interesse em se deslocar, indo até o limite do Ceará retornando para Dom Pedro (Mata do Nascimento), no Maranhão.

O curioso é que no retorno à região de onde partira com os Revoltosos, Bernardino foi sendo visto com certo estranhamento em relação ao comportamento que estava adotando. Pois o aguerrido “Lênin do Maranhão” se mostrava arrependido dos seus atos viris e combativos de antes, entendendo que foi agressivo em excesso, principalmente como integrante da Coluna Prestes⁷⁰. Em seu retorno ainda se identificava como socialista e espírita, mas atrelada a tais identificações acrescentou um comportamento pacifista e também adotou o vegetarianismo radical. Essas foram características que o nortearam desde então até os últimos dias de sua vida, quando morreu em 1942, aos 60 anos de idade.

FIGURA 09: O “Lênin do Maranhão”. Essa é uma das poucas imagens que se conhece do lavrador Manuel Bernardino de Oliveira, o qual incorporou o movimento com o interesse em protagonizar a revolução social. Manuel Bernardino também chamava atenção porque, além de Revoltoso era espírita e vegetariano, hábitos considerados excêntricos para os sertanejos da época.



Fonte: *Jornal Pequeno Órgão das Multidões*⁷¹.

⁷⁰ Há relatos que informam que, quando incorporado à Coluna, Bernardino usou de ações coercivas. Em algumas ocasiões, forçava os moradores a se incorporarem ao movimento, caso contrário, eram ameaçados de tortura ou fuzilamento. (ALMEIDA, 2010)

⁷¹ É possível acessar uma versão digital da edição desse periódico. Caso haja interesse consultar: em: <http://www.jornalpequeno.com.br/2010/8/1/manoel-bernardino-um-heroi-socialista-espirita-e-egetariano-126539.html>.

Não demorou muito, e o imaginário local apropriou-se de tal imagem e construiu envolto de sua emblemática figura, traços dotados de misticismo, como é bem comum á cultura regionalista sertaneja. Desde sua volta começou a circular nas localidades próximas à Mata do Nascimento (Dom Pedro) que Manoel Bernardino teria escolhido, por muito tempo, o isolamento social e nesse período deixara seu cabelo e sua barba crescerem, o que prestou ao seu aspecto um ar messiânico.

Dizia-se também que o mesmo tinha confeccionado um par de asas e uma cruz, a qual carregava, junto às asas nas costas (fazendo alusão á imagem de anjo). Com esses adereços, Bernardino vagava pelos lugarejos mais distintos, os quais constituíam tal região, pois, através dessas práticas, queria penitenciar-se dos males que fizera no passado. Em outras palavras o “Lênin do Maranhão” migrara em sua representação como militante revolucionário socialista, para pacifista vegetariano⁷² até se transformar – mediante o imaginário popular – em um místico penitente.

A trajetória de Manoel Bernardino só ajuda a demonstrar um dos perfis, dentre outros, dos múltiplos sujeitos que compuseram o movimento revolucionário. Muitos desses, dotados de excentricidades. Sujeitos que em suas singularidades deram vazão às mais variadas representações e proposições simbólicas em torno de si mesmos. Sabe-se que a Coluna contava desde representantes dos desígnios religiosos⁷³ (pastores evangélicos e padres), passando por vivandeiras⁷⁴ (como Alzira – “a amazona de gênio indomável”, Hermínia – “a austríaca”, Tia Maria – a “negra feiticeira”, Izabel – a “Pisca-pisca”, dentre

⁷² De acordo com as informações de tidas a respeito de Bernardino, a postura de vegetariano na estava apenas vinculada a não comer carne, mas, principalmente a evitar o sacrifício de animais inocentes.

⁷³ Sobre integrantes de grupos religiosos, ver: VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento: O arquipélago III**. Ed.20. São Paulo: Globo, 1997.

⁷⁴ Esse foi o nome dado por Lourenço Moreira Lima (1979) às representantes do gênero feminino que compuseram a Coluna Prestes. Ainda de acordo com suas informações, a Coluna tinha cerca de 50 mulheres em seu contingente. Parte das mulheres que compuseram o movimento se integraram ainda quando o levante veio do Sul com a Coluna Gaucha liderada por Prestes. Algumas se deslocaram em companhia dos maridos. Outras seriam prostitutas que simpatizaram com as idéias subversivas do movimento e resolveram acompanhar. Em outros casos, muitas se integraram no decorrer do levante quando passaram em determinados lugares. Essas mulheres faziam todo tipo de obrigação: cozinhar, cuidar dos feridos, lavar e costurar roupas, até mesmo cavalgar, montar guarda e se confrontar com as tropas inimigas. Para saber mais um pouco sobre a participação feminina na Coluna Prestes, ver: CARVALHO, Maria M. de. Vivandeiras em marcha: A participação das mulheres na Coluna Prestes revela a coragem com que enfrentaram as batalhas e o preconceito dos próprios companheiros. In: **Revista de História da biblioteca nacional**. Ed. 11, agosto de 2007.

outras mulheres) e até mesmo crianças que eram considerados mascotes⁷⁵ (como o menino Jaguncinho).

Sobre esses sujeitos – homens, mulheres e crianças que tomaram para si a identidade de rebeldes – recaíram assimilações imagéticas, sendo resultados das apropriações populares, do senso comum, onde exatamente se opera o imaginário social e coletivo. Em outras ocasiões construíram-se também narrativas nas quais as figuras de determinados mitos estiveram associadas às histórias do movimento revolucionário. Nessas características a mais célebre narrativa nem sequer ocorrera e repousa ludicamente em uma posição lendária.

Refiro-me ao conflito entre o bando de Lampião e a Coluna Prestes. Esse evento que foi talhado e representado através das falas da memória, nos cantos e contos, na literatura, dentre outras manifestações da cultura regionalista do nordeste. E por adquirir aporte em instâncias culturais tão diversificadas acabou por ter certa circularidade popular. Entretanto, o caráter “fantasioso” que endossa o confronto entre os rebeldes de Prestes e os jagunços de Lampião tomam por referência factuais nas quais ambos estiveram envolvidos, em meio a campanha revolucionária.

Quando se retirou do Piauí, a Coluna Prestes se dirigiu rumo ao estado do Ceará. O deputado Floro Bartolomeu, junto com o Padre Cícero Romão, propôs que o governo do estado autorizasse a nomeação de jagunços como integrantes dos Batalhões Patrióticos⁷⁶ que recebiam apoio do governo federal. Esse ato tinha como intuito legalizar a inserção dos cangaceiros, procurados pela polícia, que em troca teriam seus crimes perdoados.

Nesse contexto a ajuda de Lampião e seu bando foram solicitados. Lampião, inebriado com a possibilidade de defender sua região, ostentar a imagem de herói e integrar-se legalmente à sociedade, acabou por apoiar a causa e aceitar tal proposta. O fragmento abaixo ilustra a nomeação de Lampião à condição Comandante dos Batalhões Patrióticos na cidade de Juazeiro, Ceará:

E, quando os rebeldes já se encontravam em território pernambucano, o sacerdote concordou em receber Lampião em Juazeiro e participar da cerimônia de concessão da patente de capitão ao chefe cangaceiro,

⁷⁵ Anita Leocádia Prestes (1997), em sua pesquisa, cita o caso de Jaguncinho. Tratava-se de uma criança de 12 anos que resolveu acompanhar o levante rebelde do Rio Grande do Sul e junto a eles incorporar-se à Coluna Prestes. O menino Jaguncinho, segundo a autora, era visto e tratado com muito carinho e afeto por parte dos rebeldes.

⁷⁶ Eram milícias autorizadas pelo governo, na época, para combater os Revoltosos. Os Batalhões Patrióticos do Ceará foram liderados por Floro Bartolomeu e padre Cícero Romão.

abençando-o, assim como os seus comandados – que, nessa ocasião, receberam a missão de combater a Coluna Prestes nos sertões nordestinos, dispondo de armas e munições fornecidas pelo ministro da guerra. (LEOCÁDIA PRESTES, 1997, p.245)

Porém, o confronto entre a Coluna Prestes e os cangaceiros liderados por Lampião nunca ocorrera pelo fato de seu bando chegar com certo atraso, quando os Revoltosos já estavam de saída do estado. Em sua entrada em Juazeiro-CE o cangaceiro fora aclamado pelas massas como o verdadeiro salvador mediante a possível ameaça dos rebeldes, a qual já não existira naquele momento. Contudo, Padre Cícero sustentou sua palavra – reconhecendo o possível perigo que passava caso não a cumprisse – e manteve o título outorgado ao líder dos cangaceiros. Com isso, a patente militar de comandante foi incorporada com orgulho por Lampião e a ostentou pelo resto de sua trajetória frente ao comando de seus jagunços.

Toda essa situação gerou uma determinada visibilidade em torno do cangaceiro. Os Revoltosos eram considerados uma ameaça que poderiam causar qualquer mal por onde passavam. Logo, Lampião junto com seu bando de jagunços, ao alcançar os *status* de combatente nomeado pelo governo, incorporou mediante o olhar das camadas populares à condição de herói do povo.

Figura 10: Lampião, designado para combater Prestes tornou-se comandante do Batalhão Patriótico



Fonte: MELO, Frederico P. de. **Guerreiros do sol**: o banditismo no Nordeste do Brasil. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1985. Foto registrada por Lauro Cabral de Oliveira.

A literatura de cordel, sem dúvida, foi um dos veículos de maior expressividade pelo qual a imagem de lampião foi caracterizada como defensor da ordem perante o perigo iminente com a presença dos Revoltosos. Abaixo, nos versos de José Anderson do Nascimento, vemos uma alusão narrativa a essa referência. Nesses versos o cordelista articula uma trama baseada em fatos constituídos de veracidade junto a situações proferidas para dar um fechamento situado em uma das versões populares. Uma narrativa que procura justificar os motivos que levaram os cangaceiros a evitar um possível confronto com os rebeldes:

(...) quando entrou em Juazeiro
com seus capangas formados,
foi recebido com festa,
os sinos foram dobrados,
foguetórios, gritos, vivas
vinham de todos os lados.

Transformados em soldados
foram diverso civis,
todos iam equipados
com munições e fuzis
pra expulsar a Coluna
da terra dos Cariris.

Entre cabras e beatos,
o capitão Lampião
comanda muita gente,
quase uma divisão;
cerca de trezentos homens
compunha seu batalhão

Porém no caminho foi
por um amigo avisado
que para sua desgraça
havia sido enganado,
que jamais pelo governo
ele era anistiado.

(NASCIMENTO *apud* MAIOR, 2006, p.276)

O que se pode abstrair nos versos do cordelista é que ocorre uma inversão sobre a figura de “Capitão Lampião”. A imagem do transgressor é sobreposta pela imagem do defensor da lei que procura honrar seu compromisso organizando um batalhão formado pelas massas (que não é levado a cabo em virtude da descoberta de que estaria sendo enganado pelo governo). Vemos a partir dessa alusão, como a figura dos Revoltosos também foi apropriada para construir um mito paralelo ao seu, o qual emprega ao movimento a imagem aterradora e ameaçante para enaltecer o líder dos cangaceiros, líder duma eventual resistência.

Retornando às percepções sociais sobre os Revoltosos em Timon e Teresina, outro aspecto bastante ressaltado sobre ações dos rebeldes está relacionado à percepção de que eles também primavam por certa disciplina. Esse comportamento era adotado para que de

suas atitudes não refletissem um possível caos ou uma situação mais aguda mediante os moradores dos povoados por onde estes passavam. Assim como também procuravam se precaver de qualquer coisa que pudesse trazer infortúnio em suas estadias, para que a desordem não se manifestasse por parte dos civis.

A postura disciplinar e o cuidado com a ordem é representada através de relatos de alguns moradores rurais de Timon, como no caso do senhor Antônio Elias da Cunha, 98 anos, morador do povoado “Barras”. Em seu depoimento ouvi-o mencionar ações nas quais os Revoltosos derramavam barris de cachaça para que as pessoas não bebessem, e desta maneira se pudesse evitar qualquer eventual problema que pessoas embriagadas viessem causar aos rebeldes ou mesmo às pessoas que se encontravam presentes. De acordo com o Antônio Elias:

Eles iam prá esses lugar o que não era de acordo deles eles desfazia, se via um barril de cachaça cheio eles derramavam pro pessoal não abusar. Eles só não mexia com ninguém. Quando tinha um mais “apresentado” os encarregado deles dizia: “Olha não é pra mexer com povo não” e aqui o povo num teve nada... Pois é, o que eu sei é isso eles pegavam o que eles queriam, mas não mexeram com ninguém⁷⁷.

Outro fator que naturalmente conseguia alimentar certa simpatia, por parte dos moradores rurais, aos componentes da Coluna Prestes decorria em virtude da oposição que se sucedia entre os mandatários dos povoados locais e os rebeldes. Mesmo que de forma não declarada, os Revoltosos se apresentavam sobre uma posição bastante incômoda para os proprietários de terra e de grandes posses. Novamente retorno a casos do capítulo anterior para ressaltar a menção de que os grandes mandatários (latifundiários, coronéis, etc.) eram sempre os mais prejudicados nos saques que os rebeldes faziam, pois, pelo fato de terem mais pertences, seria deles que se tiraria mais.

Em virtude dessa situação, os coronéis, latifundiários, sempre se encontravam em situações desconfortantes, as quais eram fruto das decisões protagonizadas sobre a atitude dos Revoltosos. O senhor José Basílio Oliveira, 80 anos, menciona no fragmento adiante a visão que lhe foi construída por seu pai sobre essa oposição que insurgia entre os Revoltosos e os mais afeiçoados financeiramente.

...o papai me contava, que diz que eles era mal pra gente rico, pra gente pobre eles não era não. Eles era bom pra pobre, pobre que encostasse pra

⁷⁷ Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 20 de janeiro de 2008.

eles, eles fazia o que eles podia. Agora, com gente rica, diz que ele era mal.

Dentre os depoimentos cedidos, por exemplo, se observam indicações dessa condição de auxílio onde os bens dos donos de terra são usurpados pelas camadas populares. Esses casos tratam de pessoas que se encontravam em condições de necessidade e tinham a proteção dos rebeldes, que, por sua vez, os incitava a pegarem os bens alheios sem autorização, porque ao viam a difícil situação pela qual os moradores rurais passavam em determinadas localidades. Sobre essa prática, um testemunho descreve as ordens dos Revoltosos aos moradores para aqueles que passavam fome procurarem alimentos nas propriedades de latifundiários. A passagem da citação que se segue é mencionada por Antônio José de Sousa, 76 anos, e lhe foi repassada pelo seu pai quando mais moço. Sua narrativa retrata é um exemplo do episódio mencionado.

...tinha umas mandiocas e também tinha uma roça lá nos Morro de lado da roça do papai. E lá era do seu João Constâncio que tinha umas terras por lá. Ele também mandou plantar mandioca, duas tarefas. E os revoltosos chegou na mesma época. Era época de fome. Foi em 26. Aí diz que eles chegaram e o responsável por eles diz que disse assim pro pessoal:
– Olha, se vocês quiseram arrancar mandioca pra comer, vocês arranca. Porque eles viam que a necessidade era tão grande que eles dava ordem pras pessoa comer a plantação dos outros...

As tropas de latifúndio – como mencionado anteriormente – se caracterizaram como um aparato repressivo desenvolvido e financiado pelos coronéis para sufocar qualquer investida dos Revoltosos aos pertences dos proprietários locais nos povoados onde iam. Em alguns lugares, são narradas situações em que essas tropas irregulares cometiam atrocidades, como arrombamento de casa, agressão física aos moradores rurais, dentre outras atitudes dessa mesma natureza.

Tais situações eram protagonizadas, em determinados casos, para que a culpa fosse atribuída aos homens que compunham o corpo da Coluna Prestes. De acordo com o relato de Lourenço Moreira Lima, no Piauí houve a prática de atitudes semelhantes às ações dessa natureza na perseguição que era desencadeada pelas forças legais aos revolucionários da Coluna.

No Piauí, como aconteceu nos outros lugares por onde passamos, formaram-se, à nossa retaguarda, bandos de ladrões, que saqueavam os povos abandonados, praticando toda sorte de tropelias. As tropas

bernardescas, por sua vez, também arrasavam as propriedades e cometiam as maiores violências contra os habitantes, furtando, roubando, incendiando, estuprando mulheres e matando os homens com ferocidade inaudita (MOREIRA LIMA, 1979, p.221).

Em Timon, tomando por base o testemunho de moradores, como o senhor Gregório Alves Veras⁷⁸, 84 anos, do povoado Vertente, houve pessoas que também usaram da imagem dos rebeldes. Esses se identificavam como Revoltosos para tomarem proveito de várias situações mediante suas ações levianas e, ao mesmo tempo, desencadear atos de violência direcionada aos moradores rurais. Assim como citado por Moreira Lima, esses procuravam transferir a carga de culpa das ferocidades, para os rebeldes, afim de que as camadas populares adquirissem uma posição hostil e desenvolvessem um olhar de aversão aos Revoltosos.

O pessoal deu a entender que eles eram bom. Não mexia com ninguém não. Agora, quando eles foram embora é que deu a coisa... Porque eles andavam com muita gente metida atrás deles dizendo que era revoltoso e aí quando eles foram embora esses que eles andava ficaram com fama de revoltoso. Tinha uns que batia no pessoal dizendo que era revoltoso pra botar culpa nos verdadeiros. Esses não era revoltoso não, eles andava era atrás deles pra brigar.

No entanto, essas ações não conseguiram alimentar a visão de repúdio tão desejada, como os mandatários locais imaginaram que poderia acontecer. Por outro lado, pode-se até mesmo deduzir que, atitudes agressivas como essas, serviram até mesmo para encorajar as camadas sociais a verem os Revoltosos como figuras que salvaguardavam a dignidade e empregavam de maneira destemida certas manifestações de aferro aos representantes do poder local.

De acordo com a observação que fiz, tanto no caso de Timon como no caso de outras regiões por onde os Revoltosos passaram, esse destemor aos donos de terra, aos mandatários locais, juntamente com os saqueamentos, promovidos pelos rebeldes, tinha praticamente um valor de caráter moral. Esse valor moral alimentava os “ânimos” dos moradores rurais. Em outras palavras, o que procuro mencionar associa-se à percepção de que os Revoltosos adquiriam certo reconhecimento, não apenas pelo fato de darem assistência às pessoas pobres necessitadas com os alimentos saqueados das posses dos “ricos”, mas também porque se atribuía a esse ato um símbolo.

⁷⁸ Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 21 de janeiro de 2007.

Símbolo esse que manifestava à oposição, tenacidade, sedição, à sublevação e até mesmo o escárnio declamado pelos rebeldes através da moeda “comum” que se usava nessas localidades – a “força” – lançada de maneira inversa à ordem vigente. Os Revoltosos, a partir dessas atitudes, conseguiam transportarem-se da condição de insurgentes para, também, a condição de “porta-vozes” das pessoas que eram reprimidas por um sistema de exploração. Os oprimidos poderiam nesse determinado momento a sua “vingança” sobre seus opressores, através dessas ações protagonizadas pelos revolucionários da Coluna.

Dessa maneira, muitos moradores se viam ressarcidos de certa humilhação cotidiana, de uma violência simbólica a qual eram condicionados mediante os procedimentos que se submetiam na lida do dia a dia. Em suma, a Coluna, em determinadas proporções, conseguia representar um brado de resistência às imposições das oligarquias e dos grupos dominantes que constituíam parte da arcaica engrenagem do sistema de dominação político-ideológico da época. Esse sentimento de admiração é ilustrado nas seguintes palavras do líder dos Revoltosos:

Em geral, o povo nos admirava, porque lutávamos contra todos os inimigos do povo, do trabalhador. Quais são os inimigos do trabalhador no sertão do Brasil? Governo estadual, municipal, federal e os fazendeiros são perseguidores deles... Isso encontramos no Maranhão, no Piauí, em Goiás, no Mato Grosso, em toda parte em que passamos. Quer dizer, é um índice quase que unitário em todo o interior brasileiro, devido o estado de miséria, de abandono que se encontra nosso povo (PRESTES, 1985).

A partir dessas explanações se observa que, através de tais impressões, edificou-se uma composição psicológica, e imaginária, caracterizada por uma condição paradoxal, em meio ao olhar social. A partir dessa proposição subjetiva, os sentimentos de temor e admiração são gestados no imaginário dos sujeitos que vivenciaram esse momento de aparição do movimento revolucionário. E partindo desse pressuposto, me proponho a dizer que é da origem de ambas as condições, de temor e de admiração, que se consegue observar o surgimento de uma terceira impressão atribuída à figura dos soldados rebeldes.

Pessoalmente, considero essa percepção subjetiva a mais emblemática, pelo fato de resguardar em sua manifestação a aparição, de modo bastante denso, certo conjunto de práticas e simbologias atribuídas aos Revoltosos. Nessas simbologias se encontram as

impressões de misticismo e religiosidade vinculados à corporatura dos soldados da Coluna Prestes.

2.4. O(s) Cemitério(s) do(s) Revoltoso(s): associações místicas sobre os rebeldes da Coluna Prestes

Baseado em alguns depoimentos que registrei em minha trajetória de pesquisa, adquiri informações nas quais as narrativas modelavam formas, figuras, práticas, e ritualizações que procuravam dar significância e justificativa à presença dos Revoltosos. Posso recorrer, como um primeiro exemplo, a um caso curioso que percebi com certo estranhamento, em um primeiro momento. Refiro-me aos relatos que tratam à imagem dos Revoltosos associados a um bando que tinha uma espécie de pacto com o demônio.

Essa concepção é visualizada como uma atribuição criada pelo medo que as pessoas sentiam dos Revoltosos, e como meio comprovante de que os rebeldes eram realmente malditos, e que por isso tinham proposições com o maligno. As pessoas procuravam, e viam, anormalidades em suas ações. No povoado Campo Grande, os moradores acreditavam nesse fato em virtude de entenderem que onde os Revoltosos andavam não deixavam pegadas para que não fossem seguidos. Dizia-se que quando saíam pela mata fechada, as pessoas não conseguiam encontrar rastros de suas pegadas pelo chão, o que seria, na percepção do imaginário local, fruto de poderes demoníacos que protegiam os rebeldes.

Essa compreensão foi “desmistificada” pelo fato de um dos moradores servir de guia em uma jornada, por ordem de um dos soldados, para levá-los até ao povoado Olho D’água, que ficava um dia a pé da localidade Campo Grande. A senhora Manoela Lopes Bispo, 92 anos, a filha desse guia eventual, menciona que, segundo seu pai, conduzindo os rebeldes, o que os Revoltosos faziam era tomar o cuidado e que seguiam uma trilha alternativa para que não deixassem pistas de seus itinerários, e não fossem seguidos através dos rastros deixados.

Segundo ela, após seu pai os ter deixado no devido local, regressou e, chegando ao seu povoado, disse que alguns andavam a cavalo, e outros iam por dentro da mata entre os arbustos. Os que iam pela estrada tinham o cuidado de pisar por cima das pegadas dos

outros para dar a impressão que só ia uma pessoa, uma provável estratégia para evitar perseguição dos Legalistas através de seus registros na areia. Conforme a senhora Manoela Bispo:

...ele foi contar o que ocorreu, mas num fizeram nada de mais com ele não. Antes disso o pessoal tinha outra crença que eles tinha parte com o demo, porque onde eles andava num deixava rastro pra trás, né. Aí o pessoal me contava que isso era coisa, que era magia do demônio. Só que aí meu pai foi explicou que eles era orientado lá pelos chefe deles pra uns irem pelo mato pisando em folha. E os que ia pela estrada era pra ter o cuidado de ir pisando sempre na mesma pegada do outro. Eles era muito sabido nessa parte, né. E num queria deixar muito indício deles.

Em outras eventualidades, se observaram atribuições com características similares em circunstâncias de maior tensão. Nessas situações as pessoas, levadas por certo destempero psicológico (o qual ajudava a materializar o sentimento de medo), transpiravam o pavor que era lançado à figura dos rebeldes. Foi o caso, por exemplo, de uma imagem construída e disseminada em Teresina, como noutras localidades do Piauí, em que os Revoltosos eram tidos como uma falange bélica salvaguardada pelos poderes místicos de uma feiticeira que os seguia em suas investidas por onde andavam.

Nesse contexto, dizia-se que os Revoltosos não podiam ser atingidos por tiros de arma de fogo em virtude de um encanto que essa feiticeira teria lançado sobre eles, fechando-os o corpo. Essa atribuição lembra significativamente o já citado caso da representação mística atribuída ao líder do destacamento rebelde que ficou conhecido como a *Coluna da Morte*: o “intrépido” João Cabanas.

Nas pesquisas de Domingos Meirelles (1995), o autor menciona essa informação, aspirada pelas camadas populares e pelas divisões Legalistas. Sua narrativa toma como ponto de reflexão as reações das tropas legais na invasão da Coluna Prestes ao Piauí, no já mencionado combate em Uruçuí. Nessa eventualidade, os Revoltosos se defrontaram com as brigadas legais que estavam posicionadas às margens do Parnaíba, tanto em Benedito Leite, no lado do Maranhão, quanto em Uruçuí, no lado do Piauí. Vejamos como é descrita por Meirelles a razão das tropas legalistas em relação aos rebeldes:

O pânico envolve tanto a tropa de Benedito Leite como a de Uruçuí, que fogem, enlouquecidas, abandonando armas e equipamentos. Os soldados estão assombrados com a história de uma preta velha feiticeira que dança nua entre as metralhadoras dos revolucionários, fazendo com que seus corpos sejam protegidos de qualquer ataque. A lenda espalha-se rapidamente pelo Vale do Parnaíba e chega à capital do Piauí (p.453).

As narrativas que envolvem essa história tratam de uma das fiéis vivandeiras que acompanhava a Coluna: Tia Maria. Conforme as pesquisas de Maria M. Carvalho, essa personagem era uma “velha negra que acompanhou a Coluna desde São Paulo. Inicialmente como cozinheira. e que ficou conhecida como a negra feiticeira que protegia a Coluna Prestes. As forças legalistas que combatiam a Coluna temiam-na por seus atributos mágicos, e sua fama se espalhou pelo Brasil afora.” (2006, p.07). A imagem mística atribuída a sua pessoa tornou-se tão marcante que as narrativas sobre sua triste morte – em Piancó-PB, 1926 – versam que depois de torturada, teve que cavar sua própria sepultura no cemitério da cidade, uma vez que os soldados Legalistas que a pegaram tinham medo de serem tocados por ela e que alguma maldição recaísse sobre seus corpos.

É possível perceber a continuidade desse tipo de percepção, em que se atribui acepções místicas aos Revoltosos, em outros atos e casos que foram narrados sobre a ações praticadas pelos revolucionários. Outro exemplo seriam as narrativas em que as pessoas retratavam um “encanto” pelo qual acreditavam que os rebeldes estavam submetidos. Essa atribuição em torno de ritos e sortilégios místicos foi enxergada no ato do corte da carne. Esse é um relato predominante nos recantos onde rebeldes passaram. Irei explicar com maior clareza: de acordo com as narrativas que foram proferidas, os moradores rurais observaram que, em geral, todo animal que os soldados da Coluna Prestes capturavam para se alimentar eles sacrificavam e tiravam pra si a parte dianteira e sempre doavam a parte traseira para os populares.

Ora, o que poderia ser considerada uma atitude gentil e cordial por parte dos rebeldes tornou-se um subterfúgio alegórico, um “pretexto” para que as pessoas indicassem uma lógica imaginária voltada a essa prática. Isso porque alguns moradores de diferentes povoados acreditavam que eles procediam dessa maneira pelo fato da parte da frente representar, aos olhos das pessoas, andar para frente, (progredir), enquanto a parte traseira, tendentemente, representaria andar para trás (retroceder). Daí a recusa de alguns moradores em se alimentar da parte traseira do animal que era doada pelos rebeldes. Sobre esse fato dona Manoela Lopes diz:

Me lembro que o pessoal dizia que os Revoltoso tinha tipo um encanto, né. Era tipo um encanto, que o pessoal dizia, né? Eles só comiam a parte dianteira do gado, não comiam a traseira não. A traseira eles davam pro povo. Podia ser o que for, gado, porco, vaca, eles só comiam a parte da frente. Aí o pessoal dizia é que eles tinham uma ciência de que se comessem a parte de trás eles regredia e se comesse só a parte da frente

eles progredia, era assim que eles falava. Aí por isso eles não comiam a traseira de jeito nenhum, num tinha quem fizesse, nem a fome.

Inicialmente, aquilo que chama a atenção, nesse segundo relato, quando comparado, é a sua invariabilidade discursiva, tratando-se do aspecto espacial. Curiosamente, isso significa mencionar que essa associação não se trata exatamente de uma representação ou de uma observação exclusiva das pessoas nas localidades de Timon e Teresina.

Há registros escritos de percepções desta mesma natureza compartilhada por pessoas em outras regiões onde os Revoltosos tiveram passagem. Um exemplo desse fato é descrito pelo historiador Nelson Werneck Sodré se referindo a algumas menções de Moreira Lima. Na narrativa destacada a seguir, Werneck, baseando-se em Lima, descreve algumas das atribuições místicas associadas pelas pessoas das comunidades por onde os Revoltosos passaram. De acordo com ele:

Em zona diversa de Goiás, moradores da barranca de um rio se espantaram quando um oficial lhes perguntou pela canoa, para a travessia “porque haviam dito que atravessávamos os rios sem nos utilizarmos de embarcações”; acreditavam, também, segundo o cronista, que **“só comíamos a parte dianteira do gado para andarmos mais depressa”** [meu grifo]; criam, piamente que Prestes era adivinho, por isso a coluna não podia ser batida: “sabia sempre onde estava o inimigo e estava prevenida de suas intenções”. No Maranhão, os sertanejos acreditavam que os soldados da coluna não podiam morrer, mesmo quando atingidos pelas balas; diziam que uma preta feiticeira, antes dos combates, “fechava o corpo dos revolucionários, imunizando-os contra as balas” (MOREIRA LIMA *apud* SODRÉ, 1985, p.39).

Vemos que dentre várias credices de natureza mística, as quais eram associadas aos personagens que compunham o corpo da Coluna Prestes, se observa na passagem grifada por mim a menção de uma concepção próxima a adquirida por pessoas de outra região relacionada à concepção observada pelos moradores rurais da região. É evidente que explicar a similitude de ambas as visões seria apenas justificar tais percepções um nível hipotético. Pois poderia supor essas associações seriam fruto de uma visão repassada de maneira discursiva pelo senso comum (o que considero viável).

Seria uma circularidade narrativa ou, nos dizeres de Mikhail Bakhtin (2008), uma *circularidade cultural*⁷⁹, que, por sua vez, teria adquirido mobilidade o suficiente para

⁷⁹ Em sua pesquisa sobre as práticas socioculturais no medievo renascentista, Bakhtin usa o conceito de *circularidade cultural* para caracterizar a mobilidade social que determinadas práticas adquiriam ao serem

tramitar de seu espaço de origem para os recantos mais distintos, povoando outras dimensões imaginárias. Por outro lado, simplesmente poderia se deduzir que essa associação nada mais seria que uma casual construção simbólica, arquetípica, que surgira, coincidentemente (o que é muito mais complicado de se afirmar), em espaços distintos em relação à imagem dos Revoltosos, mas ambas seriam indicações de conteúdo impreciso, conjecturas.

Todavia, o que chama a atenção no tocante a essas impressões, está vinculado ao fato destas mesmas, enquanto produções simbólicas, resguardam uma complexidade mais densa, nos mobilizando a não enxergá-las apenas como meras coincidências, mas ao que elas expressam ou o que podem desvendar. Para tentar compreendê-las devemos mergulhar em suas tessituras e abarcar o plano representativo e significativo que as constroem em sua figuração misteriosa no contexto cultural às quais são moldadas. A partir desses produções simbólicas, deve-se perceber a existência do *além-do-óbvio* sobre o que é visto como óbvio, sobre atitudes e as práticas sociais que as intercalam. Muitas vezes essas percepções podem ser vistas como noções triviais ou simplesmente são entendidas como atitudes supersticiosas e destituídas de alguma finalidade prática.

No entanto, através delas se pode tentar compreender alguns conceitos que constituem a esfera cultural dessas pessoas, enxergando todos os elementos e atos que dão baliza a essa compreensão como componentes de um processo simbólico. Baseando nessa orientação, devemos nos ater às palavras de Robert Darnton quando nos diz de maneira sugestiva que:

Quando deparamos com alguma coisa que nos parece inconcebível, podemos ter tropeçado num meio de acesso válido a uma mentalidade estranha. E, quando vencermos a perplexidade e alcançarmos o ponto de vista nativo, deveremos ser capazes de perambular através de seu universo simbólico (1986, p. 335).

Essas percepções são munidas de símbolos por serem antecedidas, ou mesmo usadas através de atos ritualísticos. Esses, por sua vez, dão vazão a um caráter substancial, fazendo com que a culminância de tais ações tenha um valor de maior intensidade ao território psicológico de uma esfera coletiva, adquirida através das categorizações sociais.

apropriadas por outros grupos. Esses, por vezes, se misturavam a outras, se juntavam, se redefiniam e, muitas vezes, se reelaboravam. Para ter uma maior compreensão sobre o conceito de *circularidade popular*, ver: BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora. Universidade de Brasília, 2008.

Pois essas práticas de ritualização compõe “parte fundamental desse *processo de simbolização*, a transmutação ou passagem de um elemento de um domínio para outro.” E é através dessas ações que os grupos de socialização categorizam as *coisas*, “pois se a sociedade classifica, ela também opera e manipula suas classificações. Além disso, as sociedades não classificam o nada, mas coisas, pessoas, relações, objetos, idéias,” (DAMATTA, 1997, p. 99).

A marcha por entre a mata fechada; o sentido impresso ao corte de carne dos animais que capturavam; o lenço vermelho que lhes serviam de adereços. Todos esses detalhes se apresentavam, de maneira “inconscientemente” construída, como processos rituais que autenticavam símbolos. Esses mesmos denotavam aos olhos das camadas populares como uma manifestação de ordem hierofânica (o exercício de enxergar o sagrado, o místico, o sobrenatural e/ou o metafísico nos mais remotos detalhes de elementos físicos, materiais, imagéticos e discursivos).

Essa percepção de hierofania traduzia-se como uma espécie de propriedade alusiva às figurações sobre as quais os rebeldes eram vistos. Figurações responsáveis pela predominância do medo como uma dimensão subjetiva que emanava de “forças psicossociais”, e que refletia um sentimento de insegurança exprimido em decorrência de suas presenças. Em virtude de tais concepções, também se poderia ver nessas atribuições simbólicas que as mesmas revelavam um misticismo associado ao lado profano, sombrio e ameaçador. Essas sensações se projetavam como o arcabouço das percepções que fundamentavam as insígnias aversivas construídas pelo senso comum aos rebeldes.

Porém, o profano⁸⁰ e o sagrado sempre fizeram parte da cultura local, sempre encontraram inter-relacionados na cultura e no imaginário social. Partindo dessa perspectiva, se pode mencionar que é possível presenciar, nessas representações, um caráter paradoxal. Pois assim como o profano se revelava nessas práticas, o sagrado também se encontrava presente em torno de outras representações associadas aos membros da Coluna Prestes. A síntese e exposição maior dessa concepção é encontrada na simbologia que constituía a suposta história de um cemitério onde se encontravam sepultados membros da Coluna Prestes.

⁸⁰ O sentido de “profano” que uso na presente discussão está vinculado à noção de estranhamento. Ou seja, refiro-me ao termo “profano” entendendo como uma percepção que retrata certa visão estranha ou alheia a idéias ou conhecimentos sobre determinados assuntos. Seria estabelecer uma relação com o desconhecido.

A história do “Cemitério do Revoltoso” reside no conhecimento imaginário de grande parte dos moradores mais antigos dos povoados do lado sul-sudeste de Timon. Entretanto, com as levas do tempo, ele se encontra mais no ao nível da oralidade (“ouvi falar”) do que relacionado ao conhecimento próprio do lugar pelas pessoas que tentavam situá-lo. Em virtude dessa incerteza e imprecisão, o cemitério adquiriu um caráter narrativo mais incrementado como uma lenda que exatamente como uma realidade. Pelo menos essa era uma quase certeza que alimentei por muito tempo quando ouvia as narrativas romanceadas sobre ele, antes mesmo de saber de sua relação com a presença da Coluna Prestes.

Iniciei a procura através daqueles que seriam os prováveis vestígios de sua natureza enquanto espaço concreto. No entanto, me deparei com algumas situações que adicionaram certa complexidade em relação à existência do cemitério. Em primeiro lugar, a problemática inicial com a qual me defrontei no processo empírico estava associada às narrativas que mencionavam a sua origem.

A dificuldade nesse aspecto se encontrava presente em virtude de não haver uma informação unânime, ou consoante, relacionada à sua origem, e por isso me via costumeiramente diante de algumas versões conflitivas entre si. No caso, três delas se sobressaiam em relação às outras versões. A primeira versão, e a mais “épica” dentre as versões relatadas, se referia ao fato do cemitério ter sua origem em virtude de um confronto armado entre as tropas legais e os rebeldes. No mesmo lugar que se sucedeu o confronto enterraram os corpos dos mortos no conflito, e esse mesmo lugar deu procedência ao “Cemitério do Revoltoso”.

A segunda versão, bem menos romanceada que a primeira, relatava que o cemitério teria sido de fato um lugar onde enterraram um Revoltoso que adquiriu enfermidade, e, não conseguiu recuperar-se, morreu. Nesse mesmo lugar as pessoas começaram a ser enterradas e, dessa forma, se constituiu num cemitério onde o corpo inaugural teria sido de um membro da Coluna Prestes.

O terceiro relato, é bem próximo da justificativa do segundo relato, contudo, sua narrativa se faz articulada em meio a uma atmosfera dotada de certa dramaticidade. Descreviam-me que o cemitério veio a existir em virtude da morte de um rebelde da Coluna que havia se suicidado e seu corpo teria sido enterrado em uma região isolada, distante das casas do povoado. Entretanto, esse cemitério também veio a se tornar o cemitério “oficial” desse povoado, inaugurado com o sepultamento do corpo do Revoltoso.

Essas versões adquiriram maior predomínio mediante os relatos que ouvia das pessoas, de uma maneira geral, que tinham o conhecimento sobre sua história. Outro problema como o qual me defrontei esteve relacionado à qual localidade esse cemitério pertencia, pois nos depoimentos sempre se tinha certa imprecisão relacionada aos lugares apontados pelos depoentes, quando se pedia para explicarem qual povoado o cemitério se encontrava. Dentre os povoados de Timon, os quais as pessoas identificavam como as localidades que resguardavam esse cemitério, estavam os seguintes povoados: Canhançu, Barra, Fazenda Nova, Brejo, Buriti, Campo Grande e Varjota. Em Teresina, referências dum cemitério no povoado Nazária. A única maneira de saber em qual dessas localidades existia o tal cemitério era visitando tais localidades.

Após se fazer a procura pelos lugares citados o resultado ao qual cheguei, com as pesquisas de campo, confirmaram uma situação surpreendente. Isso porque como resultado da procura, cheguei à conclusão de que o que “realmente” acontecia indicava certa “confusão” situacional produzidas nos depoimentos. Tais falas demonstravam uma determinada “disputa narrativa” acerca da memória sobre a trajetória e gênese do Cemitério do Revoltoso.

Em outras palavras, o que se viu nesse processo foi o fenômeno da memória quando a mesma adquire um caráter “volátil”, no qual expõe certos detalhes, omite e esquece outros, e muitas vezes mistura e revira os demais. Ao mesmo tempo em que ocorre esse jogo mnemônico, a memória também produz sua seleção, como aprendemos com Michel Pollak (1992) ao discutir os “perigos” que a memória carrega quando esta confunde os eventos decorridos.

Isso implica em dizer que em minha análise de campo foi possível descobrir que não existe o “Cemitério do Revoltoso” e sim “Os Cemitérios dos Revoltosos” e versões produzidas em torno dos mesmos. Pois tanto a origem quanto a localização de ambos confundiam-se nas memórias que criavam suas narrativas. Tal conflito fazia com que ocorresse uma verdadeira mistura acerca das informações que se detinha em relação a esse lugar. Embora procure sanar esse conflito, devo esclarecer que para mim não se tratava apenas de descobrir a origem e a localização de ambos, mas de explorar estas diversas memórias que foram sendo elaboradas em torno deles.

Nas visitas promovidas a essas localidades, alguns testemunhos foram fundamentais para o esclarecimento desse fato. Dentre essas narrativas, posso mencionar o

testemunho de seu Antônio Elias da Cunha⁸¹, 98 anos, um dos remanescentes encontrados da época do “Ano da Revolta” – 1926. Em sua resposta, ao ser perguntado sobre o conhecimento de um certo cemitério onde os Revoltosos foram enterrados, sua resposta foi surpreendente, direta e precisa:

Eu sei de um cemitério onde tá enterrado um revoltoso. Não, tô lembrado que aqui por perto tem dois enterrado: um lá pra Vertente e outro lá perto do rio. Mataram um aqui e lá mataram outro, mataram nesse dois lugar. Aí tem um cemitério que o pessoal chama pelo nome de “Revoltoso”, o do Brejo – na Bacabinha. Mas se você for na Vajota vai ter notícia de outro.

Em virtude de suas indicações cheguei a outras duas falas importantes que serviram para corroborar com seus apontamentos e proposições. O primeiro foi o depoimento do senhor Antônio José de Sousa⁸², 76 anos, que mencionou o povoado Brejo como um lugar onde o Revoltoso da Coluna Prestes encontra-se enterrado:

Você quer saber onde o revoltoso foi enterrado? É muito fácil é lá no Brejo. Muita gente sabe disso. Lá até tem um pessoal que já foi sepultado lá mesmo nesse cemitério. E o pessoal de lá conhece, é o Cemitério do Revoltoso. É lá na Bacabinha, na sentada do Brejo, fica no outro lado no caminho pra quem vai pro Buriti. Tem um pé de jatobá bem grande, cansei de passar lá e vê a cova do revoltoso, que diz que quando o revoltoso morreu aí os companheiro dele foram enterrar.

O segundo relato é do senhor Justino Capistrano de Oliveira⁸³, 95 anos, que situa o povoado Varjota como o lugar onde estão enterrados os corpos dos revoltosos da Coluna Prestes:

Aqui o pessoal, conhece sim o cemitério... Você pode ir lá na Vajota perto do rio, onde eu lhe disse e procurar. Fica lá nas terra de dona Dussanto, perto da beira do rio onde teve a confusão. O revoltoso é morador dela, ele o revoltoso. Você pode ir lá na casa da Dona Dussando, na beira do rio, você entra a esquerda, beirando o rio, aí você pode seguir descendo rumo ao riacho. Querendo ou não querendo você vai passar pela cova, cova do revoltoso.

Pessoalmente pude conferir e confirmar a existência de ambos os cemitérios através de visitas, e a história de suas origens resguardam o fundamento dos primeiros relatos que tinha ouvido antes de saber que se tratava de dois cemitérios. O lugar o qual foram

⁸¹ Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 2007.

⁸² Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 14 de julho de 2007.

⁸³ Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 2007.

sepultados os Revoltosos da Coluna Prestes no povoado Varjota não chegou a se tornar um cemitério de fato. Porém, esse lugar pode ser entendido um *monumento memorial*, como define Jacques Le Goff (1994), no qual se resguarda como um espaço instituído a partir de uma lembrança histórica, ao mesmo tempo em que remete à memória de uma determinada geração.

Ainda valendo-me do depoimento cedido pelo senhor Justino Capistrano, confirmei que nesse “cemitério” estão enterrados os Revoltosos mortos após o fim de um conflito armado, o qual fora também mencionado no capítulo anterior. De acordo com o seu depoimento, os Revoltosos se defrontaram com a *tropa de latifúndio* liderada pelo temido Zezé Leão. Esse, juntamente com o seu bando, promoveu uma espécie de *tocaia* aos rebeldes que comemoravam sua passagem triunfal do lado do Piauí para Timon. As menções abaixo relatam algumas informações desse conflito:

...começou a confusão, foi tiroteio de lá e de cá, dos dois lado. Morreu gente tanto dos revoltoso quanto dos home que acompanhava seu Zezé. Trocaram tiro até uma hora, até os homens de seu Zezé vê que num agüentava mais e foram embora. Morreram três revoltosos e aí fizeram um buraco lá mesmo no local da confusão e enterraram os três nesse buraco (2007).

Nesse mesmo local foram enterrados os Revoltosos, como também alguns integrantes da tropa irregular que entraram em confronto com os rebeldes naquele momento. Ainda se deve ressaltar, com fundamento no depoimento cedido por esta testemunha, que o número de baixas do lado dos Revoltosos foi de três homens, os quais foram seguidamente sepultados na mesma cova. Abaixo é possível ver uma imagem do lugar onde os Revoltosos foram sepultados nesse confronto, local que ainda se encontra demarcado por uma cruz de madeira.

FIGURA 11: *Monumento memorial* – “Cemitério do Revoltoso” do povoado “Varjota”.



Fonte: Autor/2007.

Em relação ao Cemitério do povoado Brejo, a decorrência eventual que veio procedê-lo recorre à existência de uma tragédia. Pois um dos homens da Coluna Prestes, os quais se encontravam alojados na casa do responsável pelo povoado na época, se descuidou quando verificava sua arma e essa disparou contra sua cabeça, matando-o de imediato. Quando aconteceu o acidente, o “Capitão” Chico Gaú, o responsável pela casa onde os rebeldes se encontravam, tratou de comunicar ao responsável que acompanhava este destacamento para avisá-lo da triste sorte de um dos seus homens. Logo, os rebeldes trataram de procurar um cemitério onde pudessem enterrá-lo. No depoimento de José Rodrigues Bezerra⁸⁴ (80 anos), atual morador do povoado, pode-se conferir as menções ao fato sucedido, pois ele afirma que:

...o nome do encarregado era Francisco Gaú de Oliveira Costa, ele hospedou pra que eles num fizesse nada de mal com ele... E um cidadão, revoltoso, foi mudar as balas do revólver, o revólver caiu da mão dele e a bala disparou bem na testa dele. O capitão Gaú ficô apavorado com aquela morte imediata, chamou o cabo da turma e disse: Oh rapaz aconteceu isso aqui é assim... Aí o ele, o chefe do pessoal, disse: não seu moço, não vamos fazer com você coisa nenhuma, a gente agora quer ir pra um lugar separado para enterrar ele.

Como não havia nenhum cemitério tão próximo ao povoado, os seus companheiros pediram para que Chico Gaú indicasse um possível lugar, nessas proximidades, onde o rebelde já falecido pudesse ser enterrado, afim de não se deslocarem dos outros destacamentos que estavam próximos deles. O lugar indicado foi em uma região íngreme de mata fechada, situada no mesmo povoado Brejo, conhecida como “Bacabinha”. A partir desse primeiro corpo demarcou-se o local como sendo o cemitério desse povoado. Um detalhe curioso que pude apreender, através da análise da trajetória desse cemitério, esteve relacionado a um determinado hábito que até então conhecia, mas não compreendia. Há muito percebi que os cemitérios dos povoados eram reconhecidos por nomes de pessoas (Ezequiel, Gregório, Demiro, Valdinar).

Só então foi possível entender, através do dialogo estabelecido com o mesmo depoente, que o nome do cemitério é atribuído seguindo certa tradição da cultura local, em que nome da primeira pessoa que é enterrada no cemitério torna-se, de maneira

⁸⁴ Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 2007.

convencional, o próprio nome de cemitério. Por isso, assim como os demais cemitérios, que levam o nome dos seus primeiros “moradores”, esse se chamou de “Cemitério do Revoltoso”, pois já não o conheciam pelo verdadeiro nome, o identificaram pelo grupo ao qual pertencia, por sua identidade enquanto rebelde.

Se a história do “Cemitério do Revoltoso” do povoado Varjota adquire feições de uma natureza romanceada pelo fato de nascer das reminiscências de uma batalha memorial entre “vilões e heróis”, o “Cemitério do Revoltoso”, residente do povoado Brejo, adquire uma feição mística alimentada pelo imaginário local. Esse aspecto é perceptível em virtude das práticas que se instituídas em torno da memória e do “espírito” do Revoltoso que lá habita. Isso porque envolta à sua imagem construiu-se um processo de ritualização ligada a uma modalidade simbólica

FIGURA 13: Cova do Revoltoso



Fonte: Autor/2007.

FIGURA 12: Cemitério do Revoltoso, Pov. “Brejo



Fonte: Autor/2007.

A prática que delata de maneira substantiva essa simbologia se apresenta na ocorrência das pessoas que tinham o conhecimento desse cemitério acenderam velas para o Revoltoso, em sua sepultura, e realizarem pedidos, obstinados na crença de que esse poderia interceder em seu favor, operando milagres. Ao se tratar especificamente da história desse cemitério, a referência a esse fato de associar a imagem do Revoltoso a um

“milagreiro” é sem dúvida a fala mais presente entre os relatos. Antônio José de Sousa menciona esse fato quando relembra de suas passagens pelas proximidades do cemitério:

Eu cansei de ver as pessoa acender vela pro Revoltoso...Aí eles tinha uma idolatria de se apegarem a alma do Revoltoso às vezes pra fazer obrar um milagre pra eles, aí eles fazia uma promessa. Aí eles ia acender vela, uma vela na cova dele. Disso aí eu tenho lembrança, que eu cansei de passar lá, no tempo que eu morava nos Buraco. Quando eu passava eu via o pessoa rezando pra ele. As vela tudo acesa e a cera da vela que fica depois que ela queima toda, que acendiam lá na cova (2007).

Tem-se conhecimento do caso de pessoas que se aventuravam em viagens bastante longas dos povoados de onde moravam para irem ao encontro do Revoltoso sepultado a fim de fazerem pedidos na esperança de que esses pudessem ser ouvidos pelo morto. Em outros relatos há a menção de casos de pessoas que pediam para serem enterradas perto à cova em que estava sepultado o rebelde.

Dentre os depoentes que cederam entrevista para esta pesquisa, tive a oportunidade de conhecer uma personagem que não só testemunhou essa prática, mas também a promovia, acendendo velas na sepultura do Revoltoso quando pequena, mesmo que não totalmente consciente do verdadeiro valor que aquilo significava. Ela assim procedia em virtude dos princípios compartilhados em sua esfera sociocultural, um hábito comum às pessoas mais velhas que ela imitava quando criança. A senhora Maria de Nazaré da Costa Oliveira, 85 anos, que atualmente mora no povoado Piedade, e cresceu no povoado Brejo, relembra em seu testemunho da prática que ela, como outras pessoas de sua época promoviam, prestando reverências à figura do Revoltoso, imprimindo-lhe um caráter sacrossanto.

Eu mesmo acendi vela pro revoltoso quando morava lá. Lá ainda hoje tem muita de gente que acende vela pro revoltoso. Eu não acendo mais vela pra ele por que nunca mais fui, mas eu acendia e indo lá eu acendo e a vez eu acendo até por aqui mesmo pelo terreiro debaixo dos pés de arvoredo essas coisa assim. Eu não sei o porque do pessoal começar acender, só soube que ele fazia milagre⁸⁵.

Podemos ver que o Cemitério do Revoltoso enquadra-se em um plano de existência que não apenas o “delimita” de forma condicional a uma lembrança de determinado evento histórico para a memória local. Somada a essa condição, esse espaço se converte em um

⁸⁵ Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 10 de janeiro de 2007.

meio de expressão do universo valorativo sobre o qual as pessoas arranjavam suas crenças, produziam e expressavam os princípios e os costumes da cultura local.

Não obstante, essas práticas são também constituintes de uma reprodução das aspirações simbólicas que são fabricadas e munidas de subjetividades, tendo como baliza cotidiano social e sua historicidade. Através das práticas esculpidas e externalizadas nas ações dessa esfera cultural, vemos o reflexo das crenças como um elemento configurativo de uma determinada realidade social já que:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais e comportamentais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 1992, p.71).

Por tal ótica, se pode entender que este cemitério demonstra na incursão de sua historicidade a construção de uma insígnia representacional que estabelece um vínculo com as crenças às quais são elaboradas sobre uma perspectiva cultural para dar aterramento ao território desconhecido sobre o qual vagamos.

Esse ato de construir imagens e significados se desenvolve como tônica de nossa existência, pois com Berger compreende-se que “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (1985, p.45). E a procura por um sentido à presença de figuras incógnitas proporcionou certa vazão de sentidos e significados impressos sobre certas imagens, tornando-se assim uma peça sensitivamente presente em um mundo como o nosso, que vive sobre a feição do simbólico.

Além do enquadramento representacional, no qual o cemitério se encontra, ele carrega paralelamente questões relacionadas à memória. Questões que exploram os significados que são impressos no fluir da temporalidade e que se ressignificam no presente. Essa relação do espaço e da própria presença dos Revoltosos como agentes de um marco fabricante de subjetividades e de memórias no tempo presente será o ponto central da análise a ser discutida a seguir.

CAPÍTULO 03

OS OUTROS PERFIS DA REVOLTA: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS & SUBJETIVIDADES

Não há outros monumentos no sertão, amiga, que não sejam os túmulos dos soldados da Coluna Prestes. A erva cresceu sobre eles. As cruzes estão carcomidas e em muitos já não existem. Não se pode ler mais os nomes, é apenas um soldado do povo que repousa da sua luta. Talvez nem fosse mesmo nesse lugar exato que o soldado foi enterrado, uma bala no peito como uma medalha, talvez fosse até bem distante daqui. Não importa, amiga. Corre a lenda que aqui dorme seu sono de morte um soldado da Coluna. Então, vêm os sertanejos. Esse pouco de terra alteada é o seu monumento de glória, sua meta de esperança. Porque um dia, ele está certo desta verdade, a Coluna voltará, os rios e as montanhas e os homens ouvirão o tropel dos cavalos e o silvar das balas de fuzil.

Jorge Amado (O cavaleiro da Esperança, 1981)

Tudo que é chamado hoje de memória não é, por tanto, memória, mas já história. Tudo que é chamado de clarão de memória é a finalização do seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história... À medida que desaparece a memória tradicional, nos sentimos obrigados a acumular religiosamente, vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história.

Pierre Nora (Entre a história e Memória, 1993)

3.1. O “jardim imaginado” que um dia encontrei

Imagine um “jardim”... Um “jardim encantado” que o faça sentir atraído por uma sensação quimérica, a qual vai se construindo ao ponto de sentir-se impulsionado pelos devaneios que afloram do imaginário, espalhados pelas reminiscências exprimidas desse incógnito lugar. Como se esse sentimento de epifania não fosse o suficiente, logo se é entorpecido por um espírito de plena inquietude, e, com isso, vai-se sentindo impulsionado por uma atração superior, que faz com que se seja levado a aspirar ao leve e sutil aroma que é exalado desse “jardim”.

À procura dele, inicia-se uma jornada, que tem como intuito visitar memórias já submersas, as quais apontam o obscuro caminho que leva ao seu itinerário. Após montar o quebra-cabeça configurado através das indagações resplandecidas sobre as impressões de quem margeia com candura pelas ruas da amnésia, se acaba por deparar com esse insigne lugar.

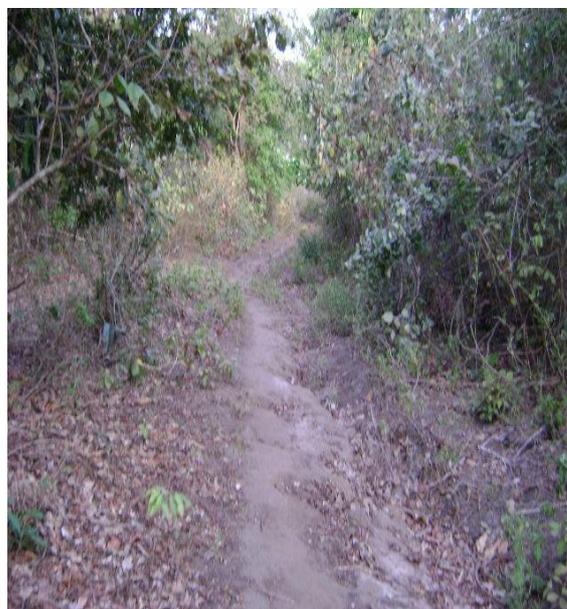
Ao penetrar em seu domínio, observa-se que ele resguarda em sua essência algo substancial que expressa as lembranças do passado, os quais revelam que esse mesmo espaço se convertera em um ornato sacralizado pelos homens para celebrarem suas práticas existenciais. No entanto, quase que de maneira paradoxal, esse “jardim imaginado” é, em sua natureza literal, um espaço funesto, lúgubre e mórbido, onde os homens, já exauridos desse complexo plano material, repousam. Todavia, ele guarda, no seu caráter de encanto, um poder simbólico dado pelos próprios homens, através dos significados impressos sobre suas práticas e suas falas, sobre suas representações.

Escrevendo essas primeiras palavras, não procuro apenas falar alegoricamente sobre um cemitério, mas principalmente delatar a imagem romanceada que fui esculpindo paulatinamente a partir das narrativas que a mim chegavam. As impressões que descrevi acima talvez tenham sido as primeiras percepções imaginárias que tive antes de me deparar, de maneira concreta, com aquele que se tornou uma das insígnias memoriais e simbólicas, fabricadas em torno da passagem da Coluna Prestes pelas cidades de Timon e Teresina.

O Cemitério do Revoltoso foi o elemento matricial que me levou a seguir o encaço de alguns rastros deixados pelo levante rebelde em sua trajetória por ambas as cidades. Após ouvir as mais diversas histórias sobre esse lugar, fui, automaticamente, modelando em minha mente determinadas imagens, tomando por referência as menções que eram proferidas pelos moradores dos povoados por onde passava à sua procura.

Ao encontrá-lo rodeado de árvores que floream, após seguir em meio a uma mata fechada, através de uma trilha íngreme, marcada por um caminho irregular e cheio de pedras, deparei-me com o ambiente solitário e inerte que configurava seu domínio. Logo, me senti tomado por sensações emaranhadas entre a realização e o deslumbramento provocado por estar diante do espaço que antes era apenas uma abstração quimérica pessoal, a qual imaginei no decorrer do tempo em que fui conhecendo sua história.

FIGURA 14: *Itinerário para o Cemitério do Revoltoso:* Nas fotos a abaixo é possível ver trechos do caminho que levam ao “Cemitério do Revoltoso” no povoado Brejo. Observa-se pelas fotos que essa região, conhecida como Bacabinha, além de ter um terreno bastante acidentado, também é constituída de uma elevação bastante íngreme, seguida de uma mata fechada.



Fonte: Autor/2008.

Passada a leve euforia sentida ao me defrontar com o Cemitério do Revoltoso⁸⁶, observei que boa parte das impressões que elaborei em torno dele não correspondia exatamente àquilo que pensava quando o visualizei naquele momento. Pois me via diante de um espaço aparentemente “abandonado”, no meio da mata, praticamente relegado ao ostracismo, onde as pessoas só se deslocavam ocasionalmente.

Com toda franqueza esperava algo mais “grandioso” e “resplandecente” de um lugar onde as mais diversas histórias brotaram, um lugar marco criador de memórias locais, um espaço que poderia ser apontado como prova material da presença de um dos movimentos revolucionários mais expressivos da história recente do Brasil em suas andanças pelos rincões perdidos e distantes do nordeste.

Mas o que é irônico em todo esse caso, no qual relato ao leitor minhas expectativas e meus desapontamentos em relação ao cemitério, diz respeito a fato de se perceber que projetei certas representações pessoais em torno dele. E a partir de tais representações atribuí determinados sentidos e significados a esse espaço mesmo nunca tendo o visto antes. Ouvindo os relatos memorialísticos que narravam à trajetória do Cemitério do Revoltoso, fui apropriando-me das falas e criando um plano imagético-discursivo, fazendo-o sujeito às minhas percepções idiossincráticas.

Seguindo esse princípio, gostaria de chamar a atenção ao fato de se observar como imaginário tem a capacidade de nos tornar passivos de certos “valores” a partir de elaborações que tendem a retratar nossas emoções e nossos desejos projetando-os em determinados objetos. Sobre essa afirmativa, Bronislau Baczko menciona que “o princípio que leva o homem a agir é o coração, são suas paixões e os seus desejos. A imaginação é a faculdade específica em cujo lume as paixões se ascendem, sendo a ela, precisamente, que se dirige a linguagem ‘enérgica’ dos símbolos e dos emblemas...”. A partir dessa ótica, entende-se que “o homem, na sua qualidade de ser sensível, é muito menos guiado por princípios generosos do que por objetos imponentes, imagens chamativas, grandes espetáculos, emoções fortes. (1989, p.301)”.

Baseando-se nessas ponderações, é possível alimentar a compreensão de que, por vezes, somos levados a refletir sobre os objetos rodeados de sentimentos e sensações que revelam nossas expectativas, desejos e sonhos. De fato, minhas representações em torno do

⁸⁶ Vale ressaltar que, no capítulo anterior, mencionei a existência de alguns conflitos narrativos em virtude do fato de existirem dois cemitérios onde os Revoltosos foram enterrados. Até o presente momento estou me referindo ao primeiro cemitério que encontrei, localizado no Povoado Brejo, em Timon.

Cemitério do Revoltoso acabam por ser apenas exemplos dispersos de outras representações lançadas a esse mesmo espaço. Muitas dessas projeções imagéticas carregam tais “paixões” como também perspectivas individuais e coletivas, dimensões introspectivas que se tornam relevos onde os entrelaces do singular e do plural se encontram embaraçados por fios de subjetividades.

FIGURA 15: *O Cemitério do Revoltoso por ângulos diversos:* Pelas fotos é possível ver que o Cemitério fica em meio a uma mata e encontra-se relativamente abandonado.



Fonte: Autor/2008.

Perante essa percepção, repensei no fato da elaboração imagética a qual fabriquei, sobrepujar as demais, mas, por outro lado, foi a partir de sua abstração que pude apreender que, além de ter encontrado o cemitério-lenda guiado por testemunhos e oralidades do passado, estava também diante de uma oferta material para pensar em uma possibilidade do fazer histórico em torno dos sujeitos e suas práticas culturais, principalmente relacionada a memórias, sentidos e subjetividades.

3.2. Sobre uma íntima relação entre as representações, os elos e os lugares da memória

Parte do material empírico desse capítulo tomará como referência – além de relatos memorialísticos – conteúdos extraídos de fontes variadas que dialogam com fontes literárias, iconografias, monumentos, dentre outros referenciais. A partir dessa diversidade acabamos por nos deparar com olhares em que diferença e consenso sobre o movimento rebelde aparecem e se confrontam freqüentemente. Essa variedade favorece a reflexão para uma abordagem que não esteja presa à apenas uma ótica, uma visão consolidada sobre a Coluna Prestes, o que é bastante comum tratando-se dos referenciais que se dedicam a fazer qualquer abordagem sobre o levante revolucionário.

Com o decorrer do tempo em que a imagem da Coluna Prestes e do próprio Luiz Carlos Prestes se solidificaram enquanto insígnias de manifestações libertárias e transformadoras, foi se tornando comum a incorporação dessa imagem, produzida e reiterada através das mais diversas práticas discursivas, as quais trafegam por múltiplas tendências narrativas desde os campos da historiografia, literatura, poesia, iconografia, dentre outras expressões intersubjetivas.

Todavia, como já percebemos em ocasiões anteriores, a memória social apresenta-se como um elemento de ruptura para essa noção unidimensional, que tende a privilegiar a figura do herói. Pois, a pluralidade que ecoa das narrativas nos direciona a uma percepção voltada a repensar a trajetória da Coluna Prestes a partir de olhares múltiplos.

Vinculada a essa possibilidade óptica, se percebe também outras questões que incidem dessa análise. Pois, assim como foi apresentado casos em que o olhar sobre os Revoltosos são lançados via diversas acepções, é possível direcionar esforços para analisar os fluxos pelos quais a presença desse movimento afetou os modos de vida dos moradores

rurais dos povoados por onde passaram. Esse contato oferece um trajeto que leva para a observação de elementos sócio-relacionais, os quais ajudam a caracterizar os traços delineantes da cultura local, que suscitam questões atreladas à vida dos atores sociais e o plano cotidiano que fizeram parte de suas trajetórias de vida.

Voltando-me a esse aspecto irei, no decorrer dessa análise, retomar as discussões dos elementos representacionais que pairam sobre as histórias do Cemitério do Revoltoso. Isso porque ao recorrer às narrativas que dão terreno à sua história, é possível se deparar com reflexões que tocam nos cursos percorridos pelos sujeitos de que dele falam.

Com isso, o Cemitério do Revoltoso evidencia-se como um “pretexto” para se explorar as falas, as memórias, as representações, os anseios alimentados pelos atores sociais que dele extraem uma determinada significação. Assim também é possível captar as práticas, os atos, as simbologias que são articuladas não apenas à sua imagem, mas como elas se fazem presentes em outras instâncias relacionais.

Contudo, é necessário lembrar que me apropriarei das falas sobre a história do Cemitério do Revoltoso como ponto de partida para cursar por outros itinerários mnemônicos que sobrepõe seus limites. Nesse caso, devo ressaltar que o cemitério será um estágio a ser analisado, com o intuito de se apreender as imagens constituídas sobre a Coluna Prestes, a maneira pela qual os rebeldes se encontram situados na memória local. Em outras palavras, o Cemitério do Revoltoso será o primeiro recinto a ser visitado como um *lugar da memória*, o que significa pensá-lo enquanto um espaço constitutivo de subjetividades, identidades, sentimentos, como também de outros elementos que moldam a cultura local.

Ao mesmo tempo em que esse lugar propõe sua afirmação como um espaço que referenda as eventualidades ocorridas no passado, ele também é visto como um lugar em constante alteração de signos, já que os *lugares da memória* se dinamizam como espaços de transformação, movimentação e ressignificação. Espaços de constante mutação que tende a dar substância aos eventos do passado e cravar no olhar social a afirmação de sua existência. Sobre esses aspectos, Pierre Nora menciona que os lugares da memória são:

...lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente laçados de vida e de morte, de tempo e eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel. Anéis de *Moebius* enrolados sobre si mesmos. Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser lugar de memória é para o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido no mínimo de

sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares da memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1993, p.22)

Ao interpretar tal proposição, nos encontramos direcionados a pensar em lugares que fabricam memórias como ambientes voltados a gerar certa “atmosfera” de “vivificação” do passado, lugares inclinados a referendá-los no presente, sendo que sua existência, enquanto espaço praticado, acaba por “materializar o imaterial”, em outras palavras, tornar-se um símbolo visível de um signo invisível. Essa afirmativa, por sua vez, nos reserva outro aspecto associado à memória, levando-se a também reconhecê-la como uma propriedade ou um exercício representacional.

Nesse caso, faço uma relação das proposições de Pierre Nora (1993) com os apontamentos de Carlo Ginzburg (2001), que em uma de suas abordagens usa referenciais da história, da sociologia, como também de estudos das práticas ritualísticas, num viés antropológico, para demonstrar as diversas formas de operacionalidade das representações sociais⁸⁷.

Como tematiza Ginzburg (2001), em uma de suas modalidades, a representação é incorporada, sobre determinado contexto, a partir de sua relação/associação com monumentos, rudimentos, figuras, dentre outros acessórios imagéticos, os quais fazem alusão à presença daquilo que não está mais lá. Por esse meio, a representação substitui na ausência e promove assim um exercício simbólico, tonando-se um referencial, um elemento que evoca a presença de algo ausente. Essa operação nos faz exatamente relacionar sua funcionalidade com a maneira pela qual as propriedades constitutivas da memória atuam.

Para situar as proposições citadas acima, irei nesse momento me distanciar um pouco do Cemitério do Revoltoso e fazer uso de outros exemplos. Esses mesmos se articulam sobre um determinado processo no qual se dimensiona em um mesmo campo reflexivo as categorias e propriedades da memória e das representações sociais. Alguns desses exemplos exigirão de certa forma um salto bem mais amplo para além da territorialidade estudada.

⁸⁷ Refiro-me ao breve tratado feito por Ginzburg em sua obra *Olhos de madeira*, na qual dedica um artigo – *Representação: a palavra, a idéia, a coisa* – para discutir as diferentes e possíveis formas de operação das representações envolta às práticas sociais.

Primeiramente tomarei como modelo um “símbolo” curioso que me chamou a atenção desde a primeira vez que o vi. Esse “símbolo” é extraído dos escritos de Higinio Cunha (1926). Sua obra *Os Revolucionários do Sul através dos sertões nordestinos do Brasil* – obra a qual se demonstrou de grande valia até o determinado momento – parece se encontrar em um nível de significativa reverência em relação a determinado ciclo intelectual. Isso ocorre basicamente por dois aspectos.

O primeiro está relacionado ao fato de Higinio Cunha fazer uma cobertura jornalística intensa, se dedicando a cobrir as constantes eventualidades que ocorreram nas cidades de Timon e Teresina. Desta forma ou autor se apresenta como o principal enunciador para a posteridade das tensões e conflitos ocorridos nas duas cidades (via os escritos da época, os quais deram fulcro a seu livro). O segundo aspecto nos mostra que em meio a tão raras e profundas abordagens sobre a presença da Coluna Prestes nas duas cidades, a obra se torna ainda mais valorosa quando se sabe da dificuldade em obtê-la⁸⁸.

Contudo, um dos elementos que chama bastante atenção na obra de Higinio Cunha não se refere exatamente apenas às palavras com as quais o autor dá conteúdo aos relatos em seus escritos, mas também a uma imagem que encontramos ao folhear o livro. No intermédio das páginas de *Os Revolucionários do Sul através dos sertões nordestinos do Brasil* – entre as páginas 152-153 – se destaca uma página não numerada com a foto de uma escultura de madeira que poucas informações encontramos sobre ela no decorrer do célebre opúsculo.

Entretanto, o que é referendado sobre a imagem pode ser, em certa medida, suficiente para se estabelecer uma determinada análise, voltada em discutir a íntima relação entre representação e memória. A imagem que é retratada em tal página trata-se de uma pequena escultura de um Revoltoso em cima de um cavalo, talhada em madeira. O “Sargento Colchete”, como é denominado no livro, é uma mini-escultura feita por um morador do povoado Garapa, no município de Timon, o qual se tem poucas idéias de quem seja exatamente⁸⁹ e só não é um total anônimo pelo fato do livro revelar o nome desse escultor incidental: Lorenzo Antônio da Cunha.

⁸⁸ A edição que fiz uso para essa pesquisa, por exemplo, foi praticamente um achado casual, a qual tive a oportunidade de me deparar no Arquivo Público do Piauí, em Teresina, por motivos que prefiro abster-me de qualquer menção (para não gerar um meta-discussão e não distanciar-me da discussão central em vista). Não seria de maneira alguma assustador o caso das pessoas que trabalham naquele espaço não terem conhecimento dessa obra.

⁸⁹ As poucas informações adquiridas no livro levam a deduzir que se tratava do proprietário, dono das terras, do povoado Garapa.

Aparentemente se trata de uma escultura feita na época, tendo em vista, que a foto foi tirada de uma edição da obra do ano de 1926. Obviamente, o percurso preciso das condições que ocasionaram a criação dessa escultura foi abduzido pelo tempo, deixando apenas indícios a serem pensados a partir de sua presença na estrutura do livro. Por outro lado, sua própria inserção na obra de Higino Cunha o sintomatiza como um referencial simbólico, que faz alusão ao movimento revolucionário. .

Curiosamente, sua aparição no livro acaba por sinalizar implicitamente uma determinada função a qual tal ícone acaba por atender – mesmo que essa função esteja distante da real intenção pela qual a escultura de madeira teria sido talhada. Pois é plenamente aceitável pensar essa escultura como sendo a representação de algo ausente, se caracterizando como um evocativo daquilo que não está mais presente, que já se foi – no caso os Revoltosos.

FIGURA 16: “Sargento Colchete”, extraído do livro de Higino Cunha



Fonte: CUNHA, Higino. **Os Revolucionários do Sul através dos sertões nordestinos do Brasil**, Teresina: APL, 1926.

Como isso, a “enigmática” imagem do “Sargento Colchete” se caracteriza como um exemplo cabal de uma representação (em seu caso uma pequena escultura) que substitui um determinado sujeito (figura dos Revoltosos). Ao tempo em que, supostamente, tal imagem se processa nesse sentido, automaticamente ela se torna um veículo pelo qual se traz a memória de um certo passado à luz do nosso tempo presente, transportando consigo reminiscências carregadas de sentidos, e fazendo, por esse meio, uma demarcação emblemática de algo que passou mas continua a ser lembrado.

No mesmo aspecto, poderíamos retomar o símbolo do lenço vermelho, que era um acessório o qual, como dito anteriormente, proporcionava certa identidade aos militantes da Coluna Prestes. Contudo, após a prisão de Juarez Távora, o seu lenço se caracterizou como o ícone de triunfo das tropas Legalistas em uma de suas batalhas contra os rebeldes. A “mensagem” desse feito fora cristalizada a partir do momento em que esse adereço adquiriu seu espaço “formal” no museu da cidade de Teresina, dando um significado atrelado à lembrança da presença dos Revoltosos, mas principalmente ao “grande” – e praticamente único – triunfo das tropas Legalistas sobre o movimento, nas cercanias Teresina.

De fato, há um significativo número de ícones memorialísticos que retratam simbolicamente a passagem da Coluna Prestes não apenas no âmbito local, mas também Brasil adentro. Muitos deles aparecem de maneira tácita, às vezes – assim como o “Sargento Colchete” – manuseados para se fazer uma evocação implícita ao levante. Em outras ocasiões essa alusão é feita de maneira mais direta e funcional. Nesse caso, muitas dessas representações são domínios instituídos pelo poder público, “oficializando” uma memória e com ela uma história, através de lugares que dela “falam” e criam suas versões.

Figura 17: *Memoriais da Coluna Prestes 1: Santo Ângelo-RS (Casa-cede do Memorial da Coluna Prestes),*



Fonte: Acesso digital <http://www.santoangelo.rs.cnm.org.br/>

Figura 18: *Memoriais da Coluna Prestes 2: Palmas-TO (Memorial da Coluna e 18 dos Forte)*



Fonte: acesso digital <http://www.palmas.to.gov.br/portal/index/>

Figura 19: *Memoriais da Coluna Prestes 3: Santa Helena (Memorial da Coluna Prestes)*



Fonte: Acesso digital <http://www.santahelena.pr.gov.br/>

Vemos assim diferentes referenciais imagéticos que fixam lastros de memórias sobre a Coluna Prestes. A escultura de madeira e o lenço vermelho, são símbolos que trazem essa recordação sobre o movimento por estarem estrategicamente territorializados em domínios que dêem vazão a essa percepção. Os centros memoriais de Santo Ângelo-RS

e Palmas-TO se alinham ao monumento memorial de Santa Helena-PR⁹⁰. Esses são exemplos de domínios representacionais que carregam uma memória fabricada sobre a institucionalização do poder público, voltados a serem *lugares de memória* direcionados para conservar uma lembrança e ao mesmo tempo solidificar uma determinada re-significação espaço-temporal em torno da passagem do movimento por tais regiões.

Refiro-me ao termo “re-significação espaço-temporal” por ser justamente o artifício que aparta as propriedades subjetivas que estruturam tais ícones e lugares. Em suma, é na impressão semântica abstraída desses domínios que encontramos suas fraturas e com elas os diferentes olhares lançados sobre o movimento rebelde estabelecidos sobre tais ícones.

Vejamos: a imagem do “Sargento Colchete” – a mini-escultura talhada em madeira – carrega essa lembrança, porém de forma praticamente incógnita. Sobre ela só podemos lançar conjecturas a partir de seu indicativo enquanto símbolo. Justamente por esse fato, ainda sim alimentamos uma determinada percepção relacionada à sua condição como referencial memorialístico.

A representação do lenço vermelho, e aquilo que ele indica, reflete a memória dos Revoltosos a partir de um viés que estima a resistência da força local ao levante revolucionário. Essa memória se inclina a valorizar a bravura das forças legais dos governos estadual e municipal – que ofereceram resistência aos rebeldes – e minimizar a presença dos Revoltosos.

Atrelado a esse posicionamento, alguns adjetivos podem ser visados como pressupostos, pois se as tropas legais representam os bravos resistentes, os rebeldes estão sujeitos a serem enxergados como o inverso, sendo os covardes invasores, os inimigos da ordem, opositores da lei, os cruéis malfeitores. Enfim, a imagem do bandido acaba por emergir nesse contexto sobre o levante revolucionário

Podemos nesse caso retomar os escritos de Higino Cunha sobre a prisão de Juarez Távora no povoado Areias, em Teresina – evento no qual se adquiriu o famigerado lenço

⁹⁰ Um aspecto curioso do monumento memorial de Santa Helena se relaciona ao fato dele ser uma réplica bastante fiel de um monumento memorial da Coluna Prestes presente em Santo Ângelo-RS, o qual abriga também a, já comentada, Cede Memorial da Coluna Prestes. Esse monumento fora projeto originalmente por Oscar Niemeyer, militante comunista, para homenagear a cidade que é considerada o ponto de formação da Coluna Gaúcha – liderada por Luiz Carlos Prestes – que após resistir os ataques das tropas legalistas foi ao encontro da Coluna Paulista e juntas formaram a coluna Prestes. Para obter um parâmetro de comparação entre ambas as imagens, indico visitar os sites oficiais das cidades: <http://www.santahelena.pr.gov.br/> (Santa Helena); <http://www.santoangelo.rs.cnm.org.br/> (Santo Ângelo).

vermelho. Através das menções do autor é possível enxergar a importância local dada ao episódio dessa prisão. Conjuntamente ligada a essa eventualidade, percebemos a valorização empregada ao “feito” das tropas legais quando se confrontaram com êxito mediante as tropas rebeldes. De acordo com o nosso interlocutor, a prisão de Juarez Távora significou:

Não só a perda de um chefe acatado, mas principalmente a nova iniciativa e orientação das forças do governo lhes deprimiram o animo e os reforçaram à retirada precipitada, para o Ceará, por São Pedro e Valência. Ficaram certos de que a resistência systemática das trincheiras iam succeder a offensiva directa no encalço das suas correrias e nos próprios reductos dos seus acampamentos ephemeros. Essa nova táctica decidiu a salvação de Theresina e de todo o norte do Piahy (CUNHA, 1926, p.91)

Salvadores!!! Esse foi o epíteto pelo qual se pôde resumir a classificação dada por Higino Cunha aos soldados Legalistas que confrontaram os Revoltosos. Em sua narrativa, o cerco das tropas legais do governo ao levante revolucionário no povoado Areias, e conseqüentemente a prisão de Juarez Távora, ganhou uma proporção extremamente significativa, uma condição fundamental para a saída do levante rebelde não só de Teresina como também do Piauí.

Obviamente que tal excitação fez com que alguns aspectos não fossem levados em conta⁹¹. Primeiramente, a Coluna Prestes já planejava deixar o estado do Piauí e seguir para o Ceará. O cerco que proporcionou a captura de Távora fora empreendido a um fragmento disperso, que estava a fazer guarda de um dos destacamentos que se encontravam no Piauí. Vale lembrar que – como referido no primeiro capítulo – a Coluna Prestes, ao invadir determinados domínios, sempre se organizava em guarnições separadas uma das outras. O destacamento liderado por Prestes já se encontrava no povoado “Natal” – atual município de Monsenhor Gil-PI – preparando-se para o deslocamento rumo a outro estado, o que acabou por ocorrer mesmo com a prisão de Távora.

Em uma determinada passagem de seu depoimento, Prestes procura “minimizar” tal feito alegando que Juarez Távora, por mais que fosse um dos principais nomes do movimento revolucionário, não contava com o mesmo prestígio dos demais líderes do movimento em virtude de não ter o comando direto em nenhum dos destacamentos.

⁹¹ Devemos levar em conta que as descrições de Higino Cunha são pautadas principalmente por um viés jornalístico que historiográfico, fazendo uma constante cobertura aos eventos que se sucediam naquele momento.

Vejamos abaixo a declaração de Prestes ao ser perguntado o que significou a prisão de Juarez Távora para as pretensões da Coluna Prestes:

Não representou muita coisa. Porque quando saímos do Paraná, organizamos uma divisão sob o comando de Miguel Costa, composta por duas brigadas. A brigada dos companheiros que vinham do Rio Grande do Sul, sob o meu comando e a brigada dos companheiros que havia sido levantada em São Paulo, sob o comando de Juarez Távora... eu propus fundir as duas brigadas formando quatro destacamentos com gaúchos e paulistas para que os gaúchos ajudassem os paulistas a pegar cavalos e a utilizá-los. Isso foi feito. Logo depois que atravessamos noroeste do Brasil, a estrada de ferro, houve uma reunião da oficialidade e o companheiro Djalma Dutra, que era chefe do estado-maior nessa época, fez essa proposta, todos aplaudiram, menos Juarez. Depois que se decidiu formar os quatro destacamentos, que tinha no comando, respectivamente, Cordeiro Farias, João Alberto, Djalma Dutra e Siqueira Campos. Eu fiquei sendo chefe do Estado-Maior e Juarez ficou como sub-chefe, quer dizer, um papel mais burocrático. Ele não tinha propriamente comando, por isso não sofremos muito abalo quando da sua prisão. (PRESTES, 1985)

Em síntese, Luiz Carlos Prestes alega que a prisão de Juarez Távora não teria sido capaz de proporcionar impacto aos planos do levante revolucionário pelo fato de Távora não exercer nenhum tipo de liderança direta ao movimento ou mesmo aos seus destacamentos.

É necessário dar ênfase ao fato de que as informações mencionadas por Luiz Carlos Prestes serem, na época, praticamente desconhecidas pelas forças legais atuantes no Piauí, o que fez com que o significado da prisão de Távora não fosse diminuído. Muito pelo contrário, a prisão do subcomandante da Coluna Prestes foi aspirada como a ocasião de maior apoteose das forças legais – supostas protetoras da ordem – mediante o ataque da Coluna Prestes – os desordeiros malfeitores. Em meio a esse contexto, o lenço vermelho de Távora se insinua como “síntese” memorial desse fato histórico direcionado por tal viés narrativo.

Uma percepção mais direcionada no sentido “padrão” dado aos Revoltosos pode ser abstraído nos três domínios memorialísticos supracitados iconograficamente. Refiro-me aos memoriais de Santo Ângelo-RS, Palmas-TO e Santa Helena-PR. Além do “curioso” fato de ambos serem projeções arquitetônicas elaboradas do Oscar Niemeyer, um declarado admirador de Prestes e sua trajetória, existem outros pontos similares. Entre esses pontos pode-se dizer que tais ícones foram projetados para proporcionar um sentido

não apenas a esfera social interna, mas também a uma determinada esfera social externa, como pontos turísticos.

Todavia, esses memoriais atuam como espaços que refletem a imagem épica que marcou profunda e majoritariamente os sentidos impressos sobre a trajetória da Coluna Prestes. Tais memoriais adquirem essa feição solidificando uma percepção aos olhos da posteridade. Muitas dessas formas tendem a ser criadas para atingirem propósitos paralelos, não estando direcionados a apenas rememorem fatos, mas também são usados como ponto de apoio social e político para suscitar, reiterar, ou refutar determinadas questões vivenciadas no presente.

Contudo, notamos no decorrer da análise de tais elos memorialísticos certas denotações variadas em torno de sua constituição semântica. Ou seja, esses elos memorialísticos proporcionam sentidos que se alternam dentro de um contexto espaço-temporal. Com a escultura de madeira – “Sargento Colchete” – encontrada no Maranhão temos um olhar da Coluna Prestes lançado sobre judiciosa incógnita. Com o lenço vermelho de Juarez Távora, presente no Museu do Piauí, temos um olhar que os associa a figuras de bandidos, malfeitores enquanto que as tropas legais representam os defensores da lei. Os memoriais do Rio Grande do Sul, Tocantins e Paraná atendem a uma percepção que valoriza o levante revolucionário como heróis a serem lembrados e saudados.

Essa variabilidade, por sua vez, expõe não apenas como a ótica dos Revoltosos adquire um caráter de pluralidade, mas também a revela como uma memória em disputa, a qual é automaticamente passiva de transformações que procuram dar estabilidade as aspirações vislumbradas pelos veículos que acionam, arquivam e categorizam tais memórias.

Mais uma vez, nos deparamos com uma assertiva que traz em pauta as reflexões de Pierre Nora o qual, em seu artigo *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, chama a atenção ao fato da memória, por ser um fenômeno operacionado ocasionalmente, sendo impulsionado pelo momento vivido – diferente da história⁹² – além de estar sempre “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações

⁹² De acordo com Maurice Halbwachs, é a necessidade de se solidificar a memória que leva a construção da história. Por essa percepção, Halbwachs nos procura demonstrar que a História procura fixar as narrativas que exprimem as lembranças, as reminiscências e os rastros do passado que eram compartilhados por um grupo social. Dessa forma, o autor nos mostra que a memória é um exercício vivenciado por um determinado grupo seria exatamente um meio de fixação para essas lembranças. Para maior aprofundamento nessa discussão ver: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

sucessivas” também se encontra “vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações e sentidos” (1993, p.09).

Outro aspecto que incide nessa análise, se trata das falas que narram as trajetórias e as memórias sobre o levante revelarem a importância dos lugares discursivos de onde são enunciados. Cada uma dessas percepções são oriundas de lugares sociais diferenciados que articulam suas versões e tecem “verdades” sobre elas. A partir desse exercício observamos que “as posições de sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos” (FOUCAULT, 1997, p. 59). Essas afirmativas de Michel Foucault nos leva a pensar o lugar social como um centro de estabilidade para a elaboração de um determinado exercício discursivo, carregado de interesses, princípios, valores, que modelam os significados patenteados em tais falas.

Podemos nesse contexto, perceber claramente como os discursos de Higino Cunha e Luiz Carlos Prestes destoam em relação a um mesmo evento. Enquanto Cunha procura dar, através de sua narrativa, uma entonação épica ao feito das tropas Legalistas, sagrando-os como heróis, salvadores da capital e do estado, Prestes procura “ignorar” tal feito, o diminuindo. Usando inclusive a pouca importância de Juarez Távora para a progressão do movimento revolucionário.

Dessa forma, nos deparamos com dois enunciados discursivos que ocupam posições e lugares sociais diferentes. Enquanto Higino Cunha é um eufórico narrador dos feitos de sua época, o velho líder da Coluna rememora – cerca de cinquenta anos depois – um fato que, em sua aceção, não foi capaz de manchar ou causar qualquer impacto visceral à célebre trajetória do movimento. Movimento esse que comandou e ficou eternizado com o seu imponente nome em riste.

Com isso, mais uma vez a disputa pela imagem dos rebeldes entra em questão. Uma imagem que é disputada por memórias, lugares, falas, símbolos... Observamos, por esse roteiro, o quanto se torna complexo avaliar essas instâncias sem não confundi-las, sem se perder em meio a elas ou ser inebriado por suas propensões semânticas. De qualquer forma, o fato de entendê-las como formas de representações faz com que se estabeleça um elo entre ambas, formar uma junção sem propriamente destituí-las de suas especificidades.

Além da percepção incógnita, ou mesmo da imagem associada a violões e heróis lançados sobre a Coluna Prestes, percebemos no capítulo anterior que o Cemitério do Revoltoso, enquanto lugar e elo memorialístico, também imprimiu seu significado. Em seu caso, tal atribuição está mais relacionada às propriedades místicas/religiosas. Porém, essa

propriedade atributiva trafega de maneira mais próxima com os hábitos e as práticas cotidianas dos sujeitos, as quais são manejadas sinuosamente em suas dinâmicas relacionais. Para melhor compreender a dinamização desse processo, irei retornar as discussões que tem como foco catalisador as narrativas sobre a trajetória do Cemitério do Revoltoso.

Voltado a esse propósito, tomarei como ponto seguinte alguns relatos que se direcionam novamente no sentido de dar notoriedade à passagem da Coluna Prestes em Timon e Teresina. Assim sendo, darei enfoque ao relato de dois depoentes que moram respectivamente em localidades rurais de ambas as cidades. Iremos notar como os seus relatos carregarem certas semelhanças e conflitos em determinadas questões, fazendo com que suas narrativas proporcionem um panorama propício para se pensar às estruturas de sentido que são expressas a partir de traços memoriais esquematizados em suas falas.

Primeiramente analisarei as narrativas de uma moradora rural do povoado Garapa, localidade que – de acordo com os apontamentos da obra de Higino Cunha (1926) – seria a mesma localidade onde foi feita a escultura de madeira, próxima às margens do Rio Parnaíba, divisa entre os dois estados. Nesse depoimento inicialmente iremos perceber que a depoente, à sua maneira, carrega menções nas quais a imagem dos rebeldes da Coluna Prestes estão incorporadas a outras imagens caracterizadas por crenças e valores compartilhados em meio às tradições culturais que foram sendo agrupadas em sua vivência cotidiana.

Seguidamente, irei discutir os relatos proferidos por um morador rural de um povoado próximo à capital Teresina. Localidade a qual também se caracterizou como itinerário de passagem dos rebeldes quando esses fizeram o cerco à cidade. Em ambos os casos tratamos de memórias que herdaram um determinado conhecimento a através da tradição oral. Contudo, relembro ao leitor que independente de fazer uso tanto de memórias “herdadas” quanto memórias “vivas” não pretendo estabelecer nenhum tipo de privilégio ou *status* legitimante a uma certa modalidade de memória em detrimento da outra.

Volto-me nesse sentido porque compartilho da idéia de que independente de ser um processo herdado ou vivido, a memória, mesmo tendo suas distinções (o que é inegável), é um exercício mnemônico instituído pelo presente. Esse ensinamento pode ser aspirado a partir de Jacques Le Goff ao mencionar que “o historiador parte do presente para pôr questões ao passado. a memória, nesse caso, é o instrumento pelo qual se estabelece essa

relação” (1994, p.24). E por ser uma construção do presente que se apóia em um passado, a memória carrega consigo as especificidades de seu tempo como: questionamentos, princípios, valores, interesses, ânsias, desejos, dentre outros elementos que compõe o arcabouço das demandas sociais constituídas em nossa sociedade, a qual faz com que a memória seja também vista como um elemento caracterizado pela feição social, pois:

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. (Le Goff, 1993, p.10)

Da mesma forma, é importante ressaltar que ao abordar memórias dessa natureza não alimento o interesse em defini-las à condição de verdadeiras ou falsas em relação às informações repassadas por seus portadores. Pois, como mencionei na apresentação da pesquisa, mais que julgá-las como sendo menções constituídas de veracidades, o intuito central de minha análise se inclina em observar como a imagem dos Revoltosos se encontram alojadas e refletidas em torno de determinadas lembranças do passado. Como elas sobrevivem em nosso tempo presente ou no contexto em que foram enunciadas.

Na análise dos relatos a seguir, será, primeiramente, possível perceber que a presença da Coluna Prestes se territorializa no imaginário dos entrevistados como uma espécie de fio condutor que os conecta a determinadas ocorrências experimentadas em meio aos seus ciclos familiares. Em meio a narrativas dos entrevistados se destacam momentos marcantes de suas falas. E são justamente eles que nomenclaturam o tópico que agora se inicia.

3.3. “Onde tem onça veado escamoteia” e “O melhor tempero pra comida...é a fome...”

Dona Maria da Raimunda Ribeiro Sousa, mais conhecida como “Dona Mundica”, é natural do município de Matões, no Maranhão, onde nasceu em 13 de fevereiro de 1922. De acordo com ela, seus pais mudaram para o Povoado Garapa, em Timon, ainda quando criança, dois anos após ter nascido e até hoje mora no mesmo povoado. Hoje com 88 anos, Dona Mundica mora sozinha já há dez anos e reclama do pouco contato que tem com o único filho, que mora na cidade, em Timon, como de outros parentes que poucas vezes aparecem para visitá-la.

Minha visita foi um motivo propício para o desencadeamento de um longo diálogo, sendo para ela uma possibilidade para se desvirtuar do fadigado tempo que parece ser um pouco mais estático em meio a sua solidão. Iniciada a nossa conversa pude perceber que, no entremeio de suas menções, é possível notar que as histórias sobre os Revoltosos foram no decorrer de sua vida sendo freqüentemente suplantadas via o seu ciclo familiar.

Algo nitidamente presente em sua descrição a respeito das peripécias que ocorreram na estadia do levante revolucionário por tais domínios, trata-se do fato de que, para ela, ao se falar sobre esse momento também se é possível retomar a um período no qual ocorreram transformações marcantes em seu meio familiar, como mesma descreve ao ser interpelada sobre qual conhecimento carregava a respeito dos rebeldes:

Olha, falar dos Revoltosos é falar dum momento que aconteceu muitas coisas em minha família. Naquele tempo antigo, eu era pequenazinha, magrinha, não andava direito e nem falava nada, um bebê. Eu era tão magrinha que minha mãe me chamava de “Piunga” (rs). Minha mãe brincava muito com a gente e cada um de nós tinha um apelido, viu. Eu era a Piunga, sempre fui fininha e minha outra irmã mais nova – a Conceição – era chamada de “Revoltosa”, porque ela nasceu justamente no ano da revolta: no dia 05 de janeiro de 1926. Essa é a primeira lembrança que eu carrego dos Revoltoso: o apelido da minha irmã. Ainda hoje quando a gente se vê – ele ainda tá viva e mais dura que eu – aí eu trato ela por esse nome: Revoltosa, por que nasceu no “ano da revolta”. Em minha família todo mundo chamava ela assim⁹³. (2009)

Em um primeiro momento, se percebe que a passagem dos Revoltosos, nessa narrativa, está demarca entre os recantos das memórias de Dona Mundica justamente por ser incorporado como uma espécie de marco memorialístico, com o qual recorre ao período de nascimento da própria irmã, que, por esse fato, é conhecida no meio familiar pela alcunha de “Revoltosa” (uma clara referência aos soldados da Coluna Prestes, os quais assim se sabe que eram chamados). Isso nos leva a pensar a importância que esse termo remete, pois o nome “Revoltoso” se caracteriza, em sua natureza semântica, uma nomenclatura bastante emblemática relacionada à Coluna Prestes.

“Revoltoso” teria sido a nomenclatura convencional usada pelas classes populares para identificá-los. Pessoalmente, confidencio ao leitor que em virtude de uma não percepção imediata, associada à importância que esse nome carregava, tive certas dificuldades para estabelecer determinada relação quando ainda estava dando os primeiros passos pelos itinerários desse trabalho. Nos primórdios de minha pesquisa, uma das

⁹³ Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 19 de julho de 2009.

significativas dificuldades foi justamente relacionar esse termo – “Revoltoso” – aos soldados da Coluna Prestes, já que por certo tempo não encontrara nenhum referencial empírico que associava esse nome ao levante revolucionário.

O primeiro referencial que me deparei para articular essa associação surgiu através de uma obra literária. Em *O Arquipélago* – a última parte da trilogia⁹⁴ *O tempo e o vento*, criada pelo escritor Érico Veríssimo – nos vemos diante de uma característica que se encontra incorporada em todo conteúdo desse trabalho literário colossal: a constante junção de um plano e um contexto ficcional vinculado a fatos históricos. A campanha da Coluna Prestes seria um desses eventos históricos que aparece presente no intermédio da obra, sendo usado como pano de fundo para se ornar as tramas do romance. Na obra, o termo “Revoltoso” é ocasionalmente atribuído aos soldados da Coluna Prestes.

Tratando-se do depoimento dessa moradora rural, o que seu testemunho implica em expor diz respeito à reprodução de uma narrativa que evidencia certa percepção compartilhada pelos seus pares em meio à sua esfera relacional. A palavra “Revoltoso” demonstra ser um termo alusivo tão marcante no aspecto identitário que, em relação aos moradores das localidades até aqui analisadas, praticamente é o único nome pelo qual se conhece os soldados da Coluna Prestes.

Nesse fato foi que adquiri certa dificuldade, pois se acaso perguntar para qualquer morador rural sobre a passagem da “Coluna Prestes” provavelmente não irão dar conta desse momento, muito menos de sua existência (como ocorreu em meu caso no início da pesquisa). Em suma, para a maioria maçante dos moradores rurais das cidades de Timon e Teresina, a “Coluna Prestes” nunca passou pela região, quem passaram foram os “Revoltosos”. Pergunte sobre a “Coluna Prestes” e provavelmente você irá ficar no vácuo.

Outro aspecto que se evidencia de maneira bastante sintomática no testemunho de Dona Mundica, se associa justamente ao fato desse momento – a passagem dos Revoltosos – mesmo não sendo uma situação vivenciada com intensidade, em virtude de ser muito pequena na época (tinha cerca de 02 anos), diz respeito à ocorrência dos relatos que ouviu

⁹⁴ Essa obra é considerada um dos clássicos da literatura nacional e da literatura regionalista gaúcha em específico. Escrita a partir da década de 1930, a obra se constitui numa trilogia pela qual Érico Veríssimo – bem ao um roteiro machadiano – aponta para a formação da sociedade gaúcha através da saga, ficcional, da família Cambará. Através da trajetória familiar, Veríssimo procura expor as transformações sociais, as formações políticas, os modos de vida, e as tensões cotidianas da conservadora sociedade gaúcha via os diversos conflitos experimentados por várias gerações de uma família tradicional do Rio Grande do Sul. A estrutura da obra se divide em três partes: *O Continente*, *O Retrato* & *O Arquipélago*. Na última parte do livro, *O Arquipélago*, o autor suscita questões que levam a efervescência das longas transformações políticas sucedidas no Brasil a partir da segunda década do século XX desde o Tenentismo – e com ele a Coluna Prestes – até a Revolução de 30, e a Ditadura Vargas 1937-1945.

sobre esse momento estarem demarcando à sua infância. Sua narrativa vai tomando um caráter nostálgico, intercalado pelas lembranças de criança junto aos feitos que eram mencionados sobre os rebeldes pelos seus familiares e outros conhecidos:

Me lembro que naquele tempo passado meu pai era encarregado das terras ali perto de onde os Revoltosos apareceram. Eu era bem criança, mas a gente aqui a noite se juntava na casa do povo e aí contava a história deles. Naquele tempo era bom, eu ficava lá com meu pai, na casa do meu padrinho, onde tinha uns meninos pequenos que a gente brincava até ficar com sono. Isso era a “noitinha”, sabe. Aí às vezes o pessoal começava a contar as histórias deles, ficavam brincando com minha irmã dizendo que ela era uma soldada deixada por eles... Diziam que eles, os Revoltosos, apareceram assim, do nada, que nem fantasmas saindo das águas. Saíram da beira do rio, mal encarado, tudo armado, com bota nos pés, pano no pescoço, tomando os cavalos do pessoal. Foi um terror, um medo danado, mas aqueles tempos, que contava essas histórias, era bom, aqui era tudo bonito e cheio de árvore, aqui era mais vivo. (2009)

O “encanto” com os bons momentos da infância de Dona Mundica se mistura ao “alardeio” provocado pelos Revoltosos no depoimento que assim era narrado. Expressões como “terror”, “mal encarados”, a comparativa com fantasmas que “apareceram do nada”, a velha referência ao lenço vermelho (“pano no pescoço”), todos esses aspectos que propõem certa vilania à figura dos rebeldes, se encontravam, no desenvolvimento de sua fala, alinhados ao fascínio dos tempos de criança.

A partir desse processo associativo percebemos a fabricação de uma temporalidade constituída em sua fala, na qual dois momentos distintos (o vivido e o herdado) se encontram ligados através de certa impressão. Ao abarcar essa caracterização notamos que “a narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar”. (SARLO, 2008, p.24)

Dessa forma, a fala da depoente vai trafegando por um viés de dupla percepção temporal, no qual seu relato se baseia em uma memória herdada, que retrata um tempo de “terror” (a aparição dos Revoltosos), e uma memória vivida que, por sua vez, retrata o momento feliz da infância. Esse deslocamento mnemônico chamou-me a atenção em virtude de se afeiçoar como um exercício constante em todo o relato dessa moradora rural. Na composição de seu testemunho, esse atributo vai ganhando cada vez mais desenvolvimento e corporatura na medida em que suas lembranças vêm à tona.

Outro relato que obtém traços bastante parecidos diz respeito às narrativas proferidas pelo Senhor Pedro Nonato Teixeira, morador do povoado “Nazária”, ao sul de

Teresina. Nascido em 15 de agosto de 1921. Assim como dona Mundica, seu Pedro Nonato vive sozinho já há algum tempo, aproximadamente por volta de cinco anos, desde que ficou viúvo com a morte da esposa.

Esse senhor de 89 anos é mais um dos moradores rurais que se emparelha aos depoentes sobre a passagem da Coluna Prestes e que guardam uma memória a partir da tradição oral. Em seu caso, o sentimento alçado ao tempo em que viveu certa época, próxima à passagem dos rebeldes, é expresso a partir de um caráter inverso ao depoimento de Dona Mundica. Assim também, se encontra a própria visão dada aos Revoltosos, como podemos observar nos fragmentos do seu depoimento postados a seguir:

Quando eles passaram por aqui o pessoal dizia que tudo aqui era mata verde. Não tinha nada. Eu acredito nisso porque mesmo depois de eu já meio rapazinho, com oito, nove anos, aqui ainda não tinha nada. O pessoal tudo com fome, tudo era racionado. Se passava de semanas sem ninguém ver carne. Aquele era um momento difícil, viu. Cansei de acordar cedo e ir pra roça com o papai, de barriga vazia ou então alimentado só com pirão de farinha branca misturada com água que era pra dar sustância. E quando dava meio-dia depois de ter trabalhado naquela “desgraça”, iam deixar arroz branco com pimenta pra eu e ele comer, e a gente comia, né, achando bom!!! O melhor tempero pra comida, meu filho, é a fome, como assim dizia minha mãe⁹⁵ (2010).

Lembranças de pai e mãe são colocadas em cena via a fala desse ex-lavrador rural. Lembranças essas que são evocadas para dar foco às dificuldades que convivera em sua infância estando no mesmo povoado onde viveu toda sua vida. Em sua articulação reflexiva, a Coluna Prestes (“eles”) aparece primeiramente apenas como um ensejo pré-textual para ir ao encontro de seu duro passado enquanto criança.

Um detalhe marcante, que caracteriza sua fala, evidencia que o Senhor Pedro Nonato encontra no momento da passagem da Coluna Prestes um elo de semelhante comparação com sua época, na qual, ainda garoto, se deparou com as dificuldades que pairavam em seu seio familiar. Conseqüentemente, as recordações desse momento continuam a ser expressas:

Tenho a recordação também de que aqui era difícil pra se conseguir qualquer coisa. Lá em casa as mudas de roupas eram contadas. Aí meu pai e minha mãe iam passando do maior pro menor. Assim eles faziam com tudo que nós tinha. Eles queria que a gente fosse tudo unido, mas cada um brigava pra ter suas próprias coisas. (2010)

⁹⁵ Depoimento cedido a Francisco Atanásio na residência do depoente, em 27 de maio de 2010.

Confesso que de todos os casos dos quais tive oportunidade de ouvir sobre as aventuras e desventuras da Coluna Prestes, esse teria sido aquele que considero o mais tocante. Talvez alimente essa sensação por ocorrer nessa entrevista uma longa desvirtuação e deslocamento da temática pretendida (sobre os a passagem dos Revoltosos), para a temática que era desenvolvida na liberdade de fala do depoente (sobre o seu passado familiar).

Porém, a atmosfera comovente que pairou envolto desse depoimento, talvez não tenha sido apenas fruto do uso de palavras duras lançadas a esmo, mas, consonantemente, resultado da inclusão de um conjunto de detalhes que ajudavam a dramatizar o que era expresso em sua fala: pausas, suspiros, gesticulações, pigarros, entonações de voz. Outras formas de “diálogos” gestuais que, em conjunto com o que era proferido, compunham uma linguagem de tonalidade melancólica.

Essa tristeza, azedume, esse sentimento melancólico se entremeava via uma nuance insípida e palavreados que substantivavam o ranço de um tempo ruim trazido à memória. Termos como “nada”, “fome”, “racionado”, “desgraça” indiciam de forma significativa esse sentimento. E, possivelmente, a síntese do amargor expresso em palavras, e reforçado por gestos, tenha sido expressa na frase que o enunciador aprendera entre os dizeres de sua mãe: “O melhor tempero pra comida, meu filho, é a fome”.

Por mais que os testemunhos de Dona Mundica e o Senhor Pedro Nonato tomem rumos diferentes ao tematizar sobre as recordações de suas infâncias em meio à lembrança sobre a passagem da Coluna Prestes, em certos aspectos também é possível observar determinada semelhança. Em suas falas há certa relação em que aparecem sentidos exprimidos por ambos.

A própria intensidade com que as recordações de infância surgem em suas menções se evidencia como um aspecto bastante expressivo para pensar essa relação. Talvez a situação em que ambos os sujeitos se encontravam, no momento em que prestaram seus depoimentos, seja um indicativo do sentimento que predominava em suas vidas isoladas e solitárias.

Pessoas de trajetórias distintas, que provavelmente nunca se conheceram e, mais provável ainda, nunca se conhecerão. Mas que de alguma forma compartilham do uso da fala com “um outro” para externalizarem um sentimentalismo nostálgico voltado a lembrar da ambiência familiar, do tempo de infância, expressando a saudade dos bons momentos

vivididos ou das adversidades experimentadas em meio a uma época difícil. A solidão, nesse sentido, se indicia como o veículo de catalisação subjetiva, usado para estimular as recordações do passado em que a família era uma instituição presente da qual faziam parte na alegria e na tristeza, nos bons e maus tempos.

Curiosamente, as similitudes nas falas de ambos os entrevistados não se limitam apenas à lembrança da esfera relacional familiar. Muito pelo contrário, ambos parecem dividir certa simbiose em relação à maneira como referendam a imagem dos Revoltosos. Ao serem incitados a falar sobre as informações que detiveram em suas vidas sobre os rebeldes, nota-se como suas projeções, em relação aos soldados da Coluna Prestes, se aproximam. No depoimento do senhor Pedro Nonato, se observa certa exaltação aos rebeldes:

O que o pessoal, todo mundo aqui sabe dos Revoltosos é que não tinha homens mais destemidos que eles. Onde chegavam, botavam todo mundo no jeito. Não tinha nenhum zangado perto deles, todo mundo amolecia e se fosse com frescura pro lado deles o peão acabava era na faca, viu. Papai, meu tio, minha mãe, todo mundo dizia que aqui eles botaram ordem, quem mandava aqui era eles. Ninguém brincava, por que sabe que se frescasse com eles era arreventado na hora. Eles eram homens machos mesmo... Ou as coisas se resolvia do jeito deles, ou as coisas era resolvida na bala, o que dava no mesmo, meu filho. (2010)

Com certo esforço, se percebe, nas palavras do Senhor Pedro Nonato Teixeira, uma determinada afeição vinculada à atitude imponente impressa pelos Revoltosos a partir do exercício da força. As informações obtidas pelo depoente, através da oralidade, posicionam os rebeldes como homens que ditavam sua palavra num exercício de ordem por meio da coerção. Aos olhos de nosso depoente, o ato de reprimir sem apelo àqueles que se opunha a vontade dos rebeldes consolida à condição de que eles, os Revoltosos, “eram homens machos mesmo”.

O indicativo que tal frase implica diz respeito à relação da força ligada a noção da virilidade. Pois, a figura do homem como ser viril se encontra representada no comportamento hostil que os Revoltosos poderiam praticar caso fossem contrariados em suas eventuais normas e atitudes. Essa percepção fora reproduzida com certa empolgação no depoimento do Senhor Pedro, a qual se pode entendê-la como o reflexo de uma herança da cultura patriarcal em que se constituiu como sujeito. Cultura essa em que o homem tem quer ser o forte por bem ou por mal. Em síntese, o que se pode inferir é que, em sua visão, a caracterização do macho – o ser viril – se encontra ligada à imposição pela força.

O que torna bastante indiciante em tal assimilação se refere aos significados que se sobressaem desse campo conceitual, pois ser “macho” também sugere ser homem, ser sério, se impor, ter caráter, honradez, instituir a ordem e estabelecer a moralidade nem que seja na marra. De acordo com o que é proferido em tal narrativa a imposição dos Revoltosos deixando “todo mundo no jeito”, reflete também um caráter de disciplina e temerosidade que resvala de suas atitudes, pois “não tinha nenhum zangado perto deles, todo mundo amolecia e se fosse com frescura... o peão acabava era na faca”.

Outro fragmento de sua fala que reforça essa compreensão é repassa pelo depoente ao nos resumir um caso relatado a ele pelo irmão de seu pai.

Uma história que meu tio contava é que tinha um interior que ficava aqui perto, onde eles tiveram. Lá tinha um sujeito que era dono de tudo quase que tinha lá. Mas disse que esse cabra era ruim demais, viu, daquela mão fechada de não dar nada a ninguém. Era por isso que o infeliz tinha as coisa... Esse homem tinha as coisas, tinha cavalo, tinha gado, criação, tudo enquanto. E era ruim demais pro pessoal dele. Aí os Revoltosos souberam dessa fartura e foram bater lá. Aí quando o pessoal soube foi aquela corredeira danada, ele ficou sozinho lá no interior, só com a família dele. Rapaz, todo dia esses homem pegavam uma coisa: era gado, era cavalo, era porco, galinha, e ainda mandava a mulher do homem fazer. Veja só como esses cabra eram encardidos. E dizia que esse homem ficava bufando pela venta, mas não fazia nada, ele não era doido, não queria morrer. O bom foi que ele pagou pela “ruindade” com outros ruins ou pior que ele. (2010)

Esse caso ilustra, em um primeiro momento, como a imagem dos Revoltosos opera no imaginário do depoente a partir da interação entre os atos de força voltados para a imposição. Um dos traços que mais demonstra deter certa condição cativa nos casos que por ele eram mencionados, vincula-se a afirmação da autoridade dos rebeldes por um exercício de poder imposto indistinta e invariavelmente nas situações que ocorriam.

Na fala de Dona Mundica também observamos relatos da imposição pela força por parte dos rebeldes. Contudo, sua narrativa se elabora no conflito entre a condenação e necessidade do exercício da força. Para ela por mais que existisse de fato um comportamento agressivo nas atitudes dos rebeldes da Coluna Prestes, algumas situações poderiam oferecer margem à determinada justificativa em relação uso da força em tais ocasiões:

Aqui os Revoltoso tem a fama de valente. Eles não eram muito de conversar não, se queria alguma coisa ia lá e pegava. E quem é doido de dizer alguma coisa? Naquele tempo tinha muita gente valente também,

que vivia assustando todo mundo, mandando e desmandando, que se achava o bom da coisa. Foi só eles chegar aqui que os valentão tudo sumiram. Os que teimaram em ficar eles deram um lição grande. Ninguém usava arma, ninguém usava faca, não se via um cristão embriagado, porque senão eles dava o castigo mesmo. Eram muitos Revoltosos e botaram muito valentão pra ir embora acuado daqui. Aqui foi assim e nesses interior por aqui tudo foi assim. Onde eles chegavam era um terror danado, um medo danado, mas em terra de valente tem que ser assim mesmo, não é? Tem que ser valente também se não sai corrido. Então era só eles aparecer num lugar desses que os valentão, os machão tudo corria escabreado. Sabe por quê? É como se diz por aí: porque onde tem onça veado escamoteia.

“Onde tem onça veado escamoteia”. Essa seria uma frase popular que ocasionalmente nos deparamos em certas instâncias da esfera relacional na cultura local, e que fora apropriada pela depoente para dar arrimo ao que ela entendia a respeito das atitudes dos rebeldes. Ousando definir seu caráter metafórico no contexto relatado pela mesma, poderia se entender como: “onde há valentes os mais fracos recuam”. Ao interpretar por esse sentido, se pode perceber que, na ótica de Dona Mundica, o suposto exercício de imposição pela força era um meio dos Revoltosos se posicionarem como sujeitos impávidos, que não se dobrariam mediante qualquer intimidação.

Na visão de Dona Mundica, os Revoltosos representavam uma ameaça estrategicamente territorializada para atemorizar possíveis ameaças. Eles teriam que ser os “valentes” em terras de “valentes”. Deveriam ser “onças” audazes e transformar suas possíveis ameaças em presas escabreadas com suas presenças. Um seguinte elemento subjetivo incide tanto da percepção de Dona Mundica quanto nos relatos de Seu Pedro Nonato.

Pois, em ambas as falas, o uso da força para imprimir um determinado poder ao olhar social arvora a presença de uma outra categoria, a qual proporciona certa substância às ações dos rebeldes. Refiro-me à insurgência do exercício da violência. Seu surgimento provoca certo deslumbre, aos olhos de ambos os depoentes, quando essa se encontra inculcada nas ações dos Revoltosos.

Se retomarmos a reflexão para relato feito pelo Senhor Pedro Nonato, adquirido através das histórias do seu tio (na qual é descrito o caso de um homem próspero e avaro que teria sido destituído de algumas posses pelos rebeldes). Se também entendermos a condição de “onça” adotada pelos Revoltosos em meio aos valentes que perambulavam pelas instâncias medonhas por onde andavam (como metaforizara Dona Mundica). A partir de ambas as assimilações, iremos nos deparar com possibilidades a

serem pensadas para a admiração impressa pelos depoentes às ações hostis dos rebeldes a partir desse caráter de força e violência.

No momento em que os Revoltosos se propunham a encarar qualquer um que pudesse causar estorvo às suas investidas, eles, ao mesmo tempo, acabavam por se caracterizarem, como representação e encarnação subversiva à ordem dominante àquele momento. Atitudes como intimidar valentões ou fazer de cozinheira a esposa de um senhor próspero e avaro, atuam como situações que invertem a ordem social das coisas. Acovardar os intrépidos e humilhar os senhorios de alguma forma causam um certo furor no imaginário dos sujeitos, os quais avaliam tais situações como sendo a experimentação do próprio veneno sendo aplicado em seus portadores.

Por esse meio, a virilidade, a hostilidade, a força, a violência, são veículos que provocam o deslumbramento por colidirem com o padrão da realidade social desses sujeitos. Nesse caso os Revoltosos não são exatamente encarados como heróis, pois – parafraseando com as menções do Senhor Pedro Teixeira – são homens “ruins” fazendo outros “ruins” pagarem por sua avareza. Por outro lado, também não são encarados plenamente como bandidos, pois seriam homens “valentes” em terra de “valentes” – como propõe Dona Mundica.

Talvez por nessa percepção pudessem ser vistos como sujeitos constituídos de um poder que os privilegia numa situação imponente, expressa no exercício da força. No sentenciamento dos entrevistados a imposição nos atos dos Revoltosos era, acima de tudo, uma necessidade para sua própria sobrevivência em meio às sornateirices que o perigo imanente – advindo por qualquer lado – tendia oferecer. E por terem os mecanismos, os meios, a imagem, e usarem todos esses recursos para externalizarem seu poder em relação aos demais, adquiriram o respeito conquistado através do olhar lançado por esses personagens. A impressão da força, sem dúvida, se torna em grande medida a absoluta intermediadora para essa percepção.

Além disso, quando tratamos do exercício da força, da virilidade, enfim, quando falamos na inserção da violência, não nos referimos apenas a um fenômeno isolado que causa um impacto eventual. Não se trata apenas da expressão de um elemento poder, mas também de uma demarcação identitária lançado a uma instância imagética, como também ao exercício discursivo do senso comum, os quais são constituídos a partir das dinâmicas estabelecidas na esfera cultural. Nesse aspecto, é válido afirmar que os caracteres da violência, da força e da própria virilidade se fizeram historicamente como elementos

constitutivos da identidade não só dos sujeitos residentes no domínio local, mas do próprio imaginário regional nordestino.

Essa característica, fabricada e compartilhada pelo imaginário social, assim se dimensiona porque toma em sua historicidade uma feição instituída sobre o “código da moralidade social” (ALBUQUERQUE JR, 1999), da contestação, da imposição. Dessa forma, a violência e a virilidade se caracteriza como uma linha de fuga à ordem dominante, às normatizações sociais, ou como uma prática que procura consolidar à própria autoafirmação, enquanto sujeito transgressor e ativo. Esse entendimento vai adquirindo visibilidade e deslumbramento envolto das relações de sociabilidade. E através de uma determinada circularidade da cultura popular, adquiriu status de:

...característica da própria forma de ser do nordestino e, mais acentuadamente, um dos elementos que compoem os atributos de masculinidade nesta região. Ser “cabra macho” requer ser destemido, forte, valente, corajoso. Nesta sociedade, o frouxo não se mete, não há lugar para homens fracos e covardes. Há, pois, uma tradição de narrar atitudes de violência na produção cultural popular. O crime do pobre parece exercer um fascínio sobre a massa de homens dominados e submetidos às relações de poder as mais discriminatórias possíveis; a virilidade do dominado aí é afirmada. (ALBUQUERQUE JR, 1999, p.177)

Ao perceber tais atributos como elementos de deslumbramento proporcionado no imaginário social, se pode pressupor que a figura dos Revoltosos sem freios, sem sujeição aos senhorios, em sublevação constante, alinhava-se ao feitio impetuoso de combatentes armados e corajosos, rústicos e destemidos. Imagens as quais, se encontravam emaranhadas e também se confundiam dubiamente com a figura de heróis e anti-heróis, de escarnecedores, justiceiros autônomos da lei, vingadores morais. Rebeldes vis e indomáveis, munidos de armas e avidez. Nesse sentido, a força se personificava como um atributo subjetivo que proporcionava uma certa captação identitária.

Por fim, como último ato da conversa que tive com tais personagens, não poderia deixar de mencionar sobre a história do Cemitério do Revoltoso – o qual tinha a intenção inicial de fazê-lo o eixo central de ambos os diálogos. Porém, em meio a tantas outras questões e confidências, não pude desviar-me bruscamente para sua história.

Ao questionar o Senhor Pedro Nonato sobre uma possível informação a respeito do conhecimento desse cemitério, o depoente se mostrou totalmente desinformado da existência de um cemitério no qual estaria enterrado algum soldado da Coluna Prestes. Por

outro lado, relembrou das narrativas ditas a ele sobre conflitos que ocorreram entre Revoltosos e Legalistas nas cercanias de Teresina e na cidade de Timon:

Olha, nunca ouvi falar desse tal cemitério não. Aqui mesmo ninguém reagiu contra eles. Aqui eles não encontraram homem pra peitar com eles. Agora o pessoal dizia que tiveram muita gente atrás deles aí. Gente que o governador, o prefeito mandou atrás deles, mas não se entregaram não. Lembro do pessoal contar que eles guerrearam lá em Teresina, na antiga Flores e que morreu muita gente tanto do lado deles como não. Lá em Flores mesmo disseram que se enfrentaram no meio da cidade, mas desse cemitério não soube não. (2010)

Como visto no primeiro capítulo, Higino Cunha se dedicou a registrar alguns momentos desse conflito em sua obra, mas omitiu uma série de detalhes que pudessem dar maior contundência a tais informações. Essa não teria sido a primeira vez que ouvira relatos sobre os conflitos bélicos no núcleo urbano de Timon – “a antiga Flores” – como também não teria sido a primeira vez que adquiri possíveis informações sobre soldados da Coluna Prestes que haviam sido enterrados em um cemitério na cidade. Todavia, por certo tempo, em minha pesquisa, não tive a oportunidade de me deparar com qualquer material empírico que pudesse indicar tais conjecturas de maneira mais sólida.

Porém, como sugere o Heródoto moderno, Marc Bloch, o historiador é movido por um sentimento de busca inerente aos fatos que causam inquietude em suas projeções reflexivas. Logo, seu instinto de busca é comparável à figura do *ogro* lendário que, atraído pelo seu impetuoso impulso predatório, “... onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça” (BLOCH, 2001, p.54).

Levado por esse instinto de procura, recorri aos poucos e possíveis referenciais que versavam sobre a história da cidade. Foi então que, em meio a esses limitados expoentes, tive a oportunidade de encontrar nos escritos de Venâncio Lula, possivelmente, o único fragmento que se dedica a dar notoriedade aos Revoltosos mortos na cidade de Timon, indicando, com certa precisão, os lugares no quais poderiam se encontrar. Vejamos essa passagem na transcrição que se segue:

Visando apoderar-se de Teresina-PI, o general Miguel Costa com seus capitães, entre outros Luiz Carlos Prestes, Juarez Távora e Hidelbrando de Oliveira e outros apoderar-se-iam da vila de Flores, mas esta Vila de Flores foi ocupada primeiro pelas forças legais e depois de diversas investidas que duraram muitos dias os “revoltosos” foram vencidos. Bateram em retirada deixando vários mortos, inclusive o capitão

Hidelbrando de Oliveira que é sepultado no Cemitério São José, desta cidade. (LULA, 1991, p.19-20)

O mais interessante é que Venâncio Lula inicia sua tímida e restringida obra admoestando ao leitor com as seguintes palavras: “Leia-o devagar, pode lhe ser útil” (1991, p.07). Com certeza, encontro-me enfileirado a tantos outros que em algum momento foram iluminados por tão simples e sabias palavras. Sem dúvida, as poucas informações lançadas por Venâncio Lula podem ser consideradas as indicações de maior precisão em relação aos mortos caídos nos conflitos do núcleo urbano de Timon.

Dois momentos descritos pelo autor chamaram-me de maneira mais intensa a atenção no fragmento exposto. Primeiramente, o sentenciamento de que a também conhecida “Invicta Coluna⁹⁶” fora considerada derrotada. Novamente, vemos a proposição de que as forças legais alimentaram sua resistência ao cerco rebelde com êxito. Por outro lado, a “batida em retirada” sempre será encarada como a estratégia motriz da “guerra de movimento” propagada pelo levante revolucionário. Mediante as duas alternativas, o que pensar? Derrota ou estratégia? Nesse caso, o lugar social delineia o olhar e a sentença. O outro momento se refere à figura de Hidelbrando Oliveira, um dos chefes das tropas revolucionários que, de acordo com as descrições escrevinhadas acima, teria sido morto e enterrado no cemitério São José, em Timon.

Localizado no centro da cidade de Timon, esse é considerado, o cemitério principal e mais antigo que o município tem. Baseado em tais informações, percorri atrás das antigas documentações sobre os registros dos mortos que ali entraram para serem sepultados. Infelizmente, os atuais encarregados informaram os mortos ali sepultados só começaram a ter suas entradas registrados a partir de 1989, o que acabou alimentando uma certa frustração, ao limitar a análise desse fato aos indicativos valorosos de Venâncio Lula.

No caso de Dona Mundica, também a interpelei a respeito de alguma informação sobre o Cemitério do Revoltoso. Para ela essa história já é bem conhecida, pois esse relato teria sido uma das histórias sobre os rebeldes que teria ouvido anteriormente:

Eu ouvi falar desse cemitério, mas não sei onde fica. Também ouvi falar nessas história de milagre, né. Esses milagre vai da fé da pessoa, qualquer um que acredita em Deus pode pedir pro seu morto que eles vão e ajudam a acontecer. Isso se eles for bom, porque esses estão perto de Deus. Então, eu nunca vi só ouvi falar desse lugar, mas eu acredito sim. É só

⁹⁶ Esse seria um dos termos pelos quais A Coluna Prestes foi apelidada.

apegar na alma do morto e acreditar em Deus que a coisa acontece.
(2009)

Nesse testemunho, o que chama primeiramente a atenção é a fé – a certeza das coisas que se espera, a convicção dos fatos que não se vê – que fora empregada por nossa depoente em relação ao poder místico atribuído ao Revoltoso. No entanto, o fator que destoa dos demais casos de pessoas as quais acreditam no poder miraculoso do rebelde, é que, em seu caso, ela não teve um contato próximo com o cemitério, nem sequer soube de algum testemunho que reiterasse o potencial místico atribuído ao Revoltoso. O fato é que Dona Mundica apenas acredita. Porém, a certeza por ela alimentada é estabelecida a partir de um princípio reflexivo o qual tem como base a crença em que a alma do morto possa ser uma mediadora entre o Todo Poderoso e os homens, indistintamente de quem seja o defunto.

Em sua visão a relação entre Deus e o homem é veiculada através do espírito dos mortos, basta o homem acreditar na interação desse processo para que haja efetividade em tal veiculação. Grosso modo, essa percepção não é exatamente uma concepção pessoal por ela elaborado. Ou seja, Dona Mundica carrega uma visão adquirida e compartilhada em meio aos valores sociais que fizeram parte de sua formação cultural, na qual a religião é o elemento presente dessa dimensão composicional. Não só nos povoados de Timon e Teresina como também nos mais distintos cantos do Nordeste, se têm o conhecimento de práticas e celebrações voltadas em cultuar a figura de determinados mortos. Essa talvez seja um legado compartilhado do imaginário ocidental cristão.

O historiador francês Jean-Claude Schmitt aborda algo semelhante a esse fato, pois, em uma de suas pesquisas, o historiador observa que o culto aos mortos é uma prática que paira sobre o imaginário ocidental-cristão desde primórdios da idade média⁹⁷. Em sua análise a figura do morto aparece cultuada ao ser arvorado como santo. Essa imagem povoara o imaginário medieval aparecendo para exercer as mais diversas ações “no mais das vezes para fortalecer seu culto, defender seu santuário ou prevenir contra os pecados e prescrever aos vivos que se preparem para a morte. (1994, p.46)”. Essa percepção é

⁹⁷ De acordo com o pesquisador, esse seria uma prática que antecede até mesmo o período medieval, sendo caracterizada como uma prática originária da cultura pagã greco-romana. Primeiramente, essa prática teria sido combatida pela igreja. No entanto, com a solidificação do cristianismo, essa prática ganhou um novo significado. Sendo disseminada pela cultura popular medieval, atualizada sobre os preceitos cristãos. Sobre mais esclarecimento a respeito desse assunto, ver: SCHMITT, Jean-Claude. *Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ressignificada em um domínio espaço-temporal, agregando os princípios, valores, práticas e ritos constituídos em meio a uma determinada teia relacional.

No diálogo com o senhor Pedro Nonato, por um determinado momento, a curiosidade do entrevistador parecia ter sido transpassada para o entrevistado. Com isso, o depoente interpelou-me a respeito do que se tratava exatamente a tal história sobre o Cemitério do Revoltoso, a qual não conhecia. Foi então que o relatei sobre o caráter místico que pairava num certo cemitério, o qual provavelmente estaria enterrado um soldado anônimo da Coluna Prestes. Essa história o chamou a atenção e o redirecionou a outras alusões de mortos com o caráter místico:

Meu filho, aqui não vi falar desse não. Mas tem muito defunto que é milagreiro. De vez enquanto aparece uma alma que faz essas coisas e aí o pessoal se apega a ela. Eu mesmo tenho uma prima que é afilhada do finado Gregório... Aquele lá de Teresina mesmo. Ela adoeceu e aí minha tia, mãe dela, deu ela como afilhada dele então ela se curou. (2010)

Ora, as impressões exposta pelo Senhor Pedro Nonato acabam por reforçar o postulado voltado defender à crença e ao misticismo atribuído à figura do morto. O apadrinhamento mencionado em seu relato é um exemplo de resignificação dessa prática, na qual determinados ritos da cultura local são empregados. Pois é comum entre os devotos dos santos fazer dos seus filhos afilhados dessas figuras místicas, procurando criar certa “intimidade”, como também reiterar a relação de proximidade entre o homem e a figura santificada.

De alguma forma esse ato implica em arrolar certa proteção aos sujeitos instituídos nessa prática. A crença no poder que esses mortos simbolizam ganhou espaço na imaginação social de uma maneira tão significativa que, mesmo não tendo nenhum conhecimento sobre o Cemitério do Revoltoso, Seu Pedro demonstra fé no poder dos “defuntos milagreiros” e cita exemplo um possível caso de “cura” ocorrido em sua família. Nesse momento ele menciona a figura mais conhecida e que detém o maior número de seguidores por tais domínios: a Alma do Motorista Gregório.

Em outras ocasiões tive a oportunidade de estudar o caso do Motorista Gregório e conhecer um pouco de seu martírio como também o mito criado em torno dele após sua morte. Esse caso ocorreu em outubro do ano de 1926 numa pequena localidade a poucos quilômetros de Teresina no povoado Barras. Gregório foi um jovem motorista brutalmente assinado por atropelar acidentalmente uma criança – o filho do delegado, que

descontrolado com o acontecido, prendeu o motorista e levou-o às margens do Rio Poti, em Teresina.

Chegando nesse local, com a ajuda dos policiais que acompanhavam o delegado, Gregório foi amarrado e torturado durante toda noite. Próximo ao amanhecer o dia, com o sol já nascendo, o jovem motorista foi executado com tiros na cabeça. Os detalhes desse momento do triste martírio de Gregório foram ilustrados descritivamente no fragmento reproduzido abaixo:

...o tenente, com a ajuda dos policiais, amarrou o preso pelo pescoço – com a mesma corrente que o algemara – suspendendo-o à trave da talada onde então se encontrava... Friamente, num requinte de crueldade, não obstante os rogos e súplicas do desgraçado, matou com três tiros de pistola Mauser no ouvido... e se apresentou ao quartel confessando o crime (LIMA, 2003, p. 136).

Ao saberem do ocorrido os moradores da cidade ficaram chocados com o crime. Soma-se a isso o fato do motorista ser considerado um jovem rapaz de boa índole, agraciado por todos, que morrera por causar um acidente no qual praticamente não teve nenhuma culpa. Pouco depois os moradores da capital começaram a acender velas e prestar culto por sua alma no lugar onde fora torturado e deixado o seu corpo. Rapidamente, o que era uma prática local foi se transformando em um cultuamento mais amplo, vindo pessoas dos mais distantes lugares, de variadas localidades do estado, para prestar apologias à alma do jovem motorista morto.

Logo se iniciou uma série de pedidos e, à medida que esses pedidos eram “realizados”, a alma do jovem motorista foi sendo considerada santificada. Rapidamente, Teresina tinha adquirido um santo beatificado pelas crenças das camadas populares. O jovem motorista Gregório se transformara no Santo Gregório. No imaginário local sua capacidade de operar milagres é tida como prodigiosa, sendo recorrida por mais diversos pessoas das mais variadas estratificações sociais.

Como não poderia deixar de acontecer, para o Motorista Gregório foi construído um memorial em sua homenagem. Esse memorial foi erguido exatamente no local onde ocorrera o crime e deixaram seu copo: às margens do rio Poti. Nesse espaço há uma constante locomoção de seus fiéis. Em sua memória os seus devotos vão rezar, deixar presentes, levar ex-votos, acender velas e fazer pedidos na crença que esse possa fazer intermédio entre Deus e eles, associando sua imagem a uma imagem sacrossanta.

FIGURA 17: Memorial do *Motorista Gregório*, em Teresina.



Fonte: Autor/2010.

Assim como ocorre com o Cemitério do Revoltoso, o caso do motorista Gregório é outro exemplo que demonstra o papel simbólico das crenças que rodeiam os anseios populares. Em ambos os casos reportados observa-se uma sincronia em torno das projeções que os envolvem. Suas similaridades, acima de tudo, são construídas a partir prática dos sujeitos em torno de suas imagens, é no processo de interação dos sujeitos com o objeto que tais ações adquirem sua legitimidade.

Um dos pontos de análise para se compreender como tais simbologias se processam acaba por perceber que esses topos imagéticos parecem se constituir no plano do inconsciente coletivo. Projeções simbólicas dessa natureza têm sido exploradas por intelectuais dos mais variados campos do saber, os quais procuram compreender como tais representações são elaboradas com certas similaridades. Ou seja, como esses símbolos e as práticas em torno deles se “repetem” em recantos distintos e recortes de tempos insólitos.

.O estudioso da história das religiões Mircea Eliade (1980) definiu esse fenômeno como: *o mito do eterno retorno*. O psicanalista Sigmund Freud (1980), em seu escrito *Além do princípio do prazer*, o menciona como *o retorno do reprimido*. Já o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (2000) o retrata pela nomenclatura de *Archetipus*. Obviamente que tais conceitos obtêm seus desvios e conflitos epistemológicos (Eliade, por exemplo, associa tais representações mais aproximadas por uma certa circularidade cultural, enquanto Jung e Freud as percebem como estruturas mentais originadas do inconsciente).

Porém, em ambos os casos são entendidos como espécies de fragmentos de um campo sensível aos sujeitos. Fabricações imaginárias que se deslocam intensamente em meio às vicissitudes pretéritas e acabam por se territorializar no tempo presente, ajudando a compor sentimentos e subjetividades. Tais temas, tais figuras e noções trafegam de outros momentos e são recorrentemente atualizadas no presente em torno das relações vividas entre os sujeitos. Esse cultuamento carrega um caráter bastante marcante e comum às celebrações desta natureza dentro de uma unidade sentido.

Vê-se neste procedimento que o ser cultuado logo ganha, aos olhos do senso comum, a identidade de mártir. Essa talvez seja uma silhueta herdada da própria acepção do pensamento cristão, que tem na morte de seu maior baluarte, o próprio Cristo, a expressão máxima do martírio. Todos os demais terminam por serem seus “imitadores”, passando também por um momento de puro sofrimento, que, sobre uma ocultação emblemática, torna-se um “ritual de passagem” para que as respectivas figuras sejam enxergadas como seres divinizados por “reproduzirem” a sensação de sofrimento que o próprio filho de Deus passou.

Dessa forma, temos personagens de trajetórias totalmente distintas, o jovem motorista assassinado e um rebelde anônimo da Coluna Prestes, que se emparelham em virtude das práticas sociais ritualizadas sobre eles. Os testemunhos de Dona Mundica e Seu Pedro Nonato atestam suas proximidades ao equiparar determinados sentidos atribuídos aos mortos munidos de uma virtude divina: fazer milagres. Essas percepções, por sua vez, nada mais representam se não as projeções de um imaginário coletivo, composto por práticas de um determinado ciclo cultural.

Nessa compreensão, um ponto de reflexão que chama a atenção nos leva a pensar que a condição de “milagreiro” relacionada ao Revoltoso não advém do fato dele ser um rebelde da Coluna Prestes. Assim se entende porque, primeiramente, esses homens que causaram tantas formas de impacto eram tidos como figuras incógnitas, de propósitos e

motivações desconhecidas. De acordo com os relatos não apenas de Dona Mundica e Seu Pedro Nonato, como também da maioria dos entrevistados, os Revoltosos não eram encarados como militantes de uma causa vinculada a transformação social. As próprias reações em torno de suas aparições corroboram com essa percepção.

Por outro lado, fazendo um paradoxo com que fora dita acima, é indiscutível que a figura do Revoltoso teria proporcionado atributos que de alguma forma induzisse uma percepção diferenciada em torno de sua efígie, a ponto de ser considerado especial e fosse “beatificado”, ao arvorar à condição de um ser mítico. Contudo, o que podemos concluir da imagem do Revoltoso enquanto uma imagem dotada de misticismo se relaciona à percepção de que a sua figura teria sido apropriada por uma determinada estratificação social.

Essa apropriação encarna outra imagem moldada a partir de práticas recorrentes em meio à esfera cultural, a qual adquire força, legitimidade e estabelece um regime de verdade em torno de tal imagem a partir das práticas e ritualizações impressas sobre ela. Em outras palavras, a imagem do Revoltoso milagreiro nada mais é que a adaptação de certa prática cultural.

Desta maneira, o Cemitério do Revoltoso seria o espaço em que a memória social arquiva não apenas a lembrança de um determinado evento histórico, mas também, somada a essa condição, se caracteriza como um lugar no qual encontramos um monumento referencial de crenças, valores e costumes da cultura local. O Cemitério do Revoltoso é um domínio de reprodução histórica das aspirações simbólicas. Simbologias essas que transladam, na prática, elementos subjetivos componentes do imaginário social, os quais evocam insígnias que captam não apenas os olhos, mas também o coração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O historiador Adam Schaff (1995), ao discutir as possibilidades de releitura do passado, chega à conclusão que a história ganha tais direcionamentos em virtude de ser, dentro outras coisas, um processo de seleção. Esse processo leva em conta principalmente as situações materiais dos elementos do passado que se encontram remanescentes no presente e os desígnios pelos quais o olhar do pesquisador é lançado em um determinado momento.

Ao fazer menção a essa tendência, mais uma vez se retorna a uma discussão a respeito das incursões da análise histórica. Construir impressões em torno de determinadas narrativas pelas quais o pesquisador exerce certas apropriações, nada mais é que enveredar por caminhos e possibilidades. Tais itinerários, por sua vez, resguardam a perspectiva de apreender acepções que leve o pesquisador a elucidar suas indagações ou mesmo moldar seu discurso através de uma nova camuflagem.

Procurei nortear-me a partir de tais postulações no estudo em questão. Busquei indagar outras problemáticas sobre a percepção histórica atribuída à Coluna Prestes. Nesse processo fui ao encontro de certas narrativas que tratavam da história dos Revoltosos. Ao analisar a variabilidade de suas imagens presente nos discursos locais das camadas populares, como também noutras formas de representações sobre o movimento rebelde, deparei-me em meio a possibilidade de estabelecer um panorama um pouco mais amplo para sua compreensão, principalmente, a partir dos sentidos alçados pela memória social.

Ao analisar os relatos que se construíram sobre a imagem dos rebeldes da Coluna Prestes, observa-se que os olhares dos moradores locais os dissociavam de um caráter unidimensional pelo qual são historicamente massificados. A “imaculada” imagem épica e aguerrida que teria sido esculpida e cravada no panteão da história encontra certo confronto de sentidos ao se defrontar com determinadas narrativas populares relacionadas à passagem do movimento rebelde pelas cidades nordestinas de Timon-Maranhão e Teresina-Piauí.

Seria na memória, no olhar social, que se percebe com mais intensidade os sentidos diversos para além daqueles estabelecidos num discurso “oficial” que o solidifica como um movimento épico e libertário. Heróis, vilões, figuras sacras, messiânicas, seres encapetados, esses sentidos e outros mais permeiam a imagem dos rebeldes. Porém, vale,

contudo, ressaltar que, ao analisar tais representações, não estive preso em perceber apenas algo exótico e/ou excêntrico gestados em tais narrativas.

Pelo contrário, ao analisar tais imagens, e os sentidos que as compõem, estaria eu voltado em trilhar um caminho que direcionasse aos elementos constitutivos da cultura local, os princípios, seus valores, à suas “lógicas”. Estaria eu frente às unidades de sentidos nos quais determinados sujeitos constroem mediante aquilo que se apresenta como algo incomum e enigmático à sua existência.

Através do imaginário social, pude me deparar com a maneira pela qual as pessoas procuram dar coerência a determinados conflitos e confrontos com os quais se deparam de forma repentina. No ínterim dessa discussão, fica evidente a percepção de que a presença da Coluna Prestes gerou certo caos com sua inserção abrupta em ambas as cidades. Muitas vezes a justificativa para sua presença, como também para determinadas atitudes protagonizadas pelos rebeldes, adquiriam “respostas” pautadas em sentenças do senso comum, sendo permeadas por ações endossados em valores locais, valores nos quais estão inculcados elementos identitários.

Logo, posso afirmar que, através desse estudo, pude também abordar aspectos constitutivos da cotidianidade e identidade dos sujeitos que se depararam com o movimento revolucionário em sua passagem pelas cidades de Timon e Teresina. Além disso, pude contar com a natural possibilidade de narrar uma pequena, e significativa, parte de uma história que fala da sina histórica e existencial que envolve a trajetória das duas cidades.

Outro fator que deve ser levado em conta, trata-se da percepção de que os Revoltosos, por alimentarem uma personificação desconhecida em meio ao olhar social, foram percebidos como integrantes de um grupo sem nenhuma identificação política. Nesse aspecto, as pessoas que os viram pareciam não ter exatamente a noção dos anseios ideológicos que ostentavam as atitudes do movimento e, concomitantemente, ficavam perplexas diante de um grupo de “bandoleiros” que promoviam ações atroz, despidos de uma “justificativa palpável” para tal situação.

No entanto é necessário enfatizar que tais associações não exatamente desmoronam ou mesmo negam plenamente as proposições relacionadas aos princípios e às causas que impeliram os rebeldes a desafiar a ordem vigente e executarem um dos percursos mais lendários que se tem conhecimento. A marcha dos rebeldes é comparada às grandes epopéias, que se tem informação no decorrer da história. Em sua trajetória, o movimento

rebelde alimentou inicialmente um projeto corporativista, voltado ao benefício da classe militar. No entanto, foi redefinindo o seu programa a partir do contato com os grupos sociais menos abastados.

Nesse percurso trilhado por boa parte do território nacional se depararam com os problemas, os descasos, as explorações e dificuldades encontradas pelas camadas populares em sua esfera cotidiana nos interiores do Brasil. Tais situações incitaram o movimento revolucionário a aderir a uma proposta mais ampla, com o propósito de exortar o povo à sublevação, a incorporar-se à militância da Coluna Prestes, para fazer frente aos desmandos locais, se opondo contra as formas de domínio pelas quais se viam visceralmente submetidos dentro do regime patronal e oligárquico. A Coluna Prestes foi um movimento que cresceu ao longo de sua trajetória sobre o mote da transformação e liberdade social, transformou-se para poder transformar, mas nem sempre fora compreendida a partir dessas pretensões, e nem sabemos em que proporções voltou-se a esse esforço.

Em meio a tais afirmativas, mais uma vez ressalto que não pretendi em nenhum momento negar o caráter transformador e libertário, o qual caracterizou historicamente a Coluna Prestes. Com franqueza, devo admitir que a trajetória Luiz Carlos Prestes foi marcada ações admiráveis, uma vez que se voltou praticamente toda vida à militância política e ao debate sobre as questões sociais, tanto na liderança da Coluna Prestes quanto à frente do Partido Comunista.

Também me encanta pensar na trajetória de um movimento que se embrenhou Brasil adentro visando um propósito de revolução. Esse propósito gerou figuras que povoaram o imaginário de muitos e faz pensar nas longas passadas dos *Rebeldes errantes*, nos curtos momentos de sossegos vivenciados em ocasiões onde inflamavam as *Noites das grandes fogueiras*.⁹⁸ Abstrações como essas simbolizaram tal processo como um projeto maior que *A grande marcha* – capitaneada por Mao Tsé Tung, ou mesmo a compararam às épicas incursões cartaginesas lideradas por Anibal⁹⁹, como vemos insurgir na literatura

⁹⁸ Em ambas as passagens marcadas em itálico, faço referências alusivas às obras que tratam da Coluna Prestes e atestam seus significados a partir de tais títulos (*Rebeldes errantes*, *As noites das grandes fogueiras*, *A grande marcha*, *Coluna da morte*). Com exceção de *Diabos no campanário* – que por sua vez se refere ao segundo capítulo da presente pesquisa – todos os outros termos são títulos de obras consagradas. Tais obras foram respectivamente escritas por José Augusto Drummond (1985), Domingos Meirelles (1995), Hélio Silva (1971) e João Cabanas (1991).

⁹⁹ Assim como a grande marcha de Mão Tse Tung, está é uma outra comparativa bastante comum tratando-se dos feitos da Coluna Prestes. Em diversos referenciais encontramos a comparativa da marcha revolucionária liderada por Luis Carlos Prestes com as marchas empreendidas nas campanhas de guerras dos guerreiros de

histórica sobre o movimento. Esses são atributos representacionais que observamos a partir daqueles que narraram sua trajetória.

Por outro lado, há também imagens que os associam a *diabos no campanário* ou os compararam a uma *Coluna da morte*, demonstrando outro lado da feição revolucionária. Essas visões sobre a Coluna Prestes geraram uma significativa variação de sentidos sobre sua trajetória, demonstrando que seus feitos não são tão romanceados quanto soam parecer no decorrer da construção de seu discurso. Ocorreu, em grande medida, uma reação repulsiva e temerosa diante das ações dos rebeldes da Coluna Prestes.

Por fim deve-se ressaltar que a imagem dos Revoltosos também foram apropriadas como um fenômeno referencial para que os moradores locais pudessem exercer as credences pelas quais seus espíritos se encontravam municidados. É o caso do culto prestado no Cemitério do Revoltoso. Este é um aspecto consideravelmente significativo, pois através dele se pode compreender parte das estruturas simbólicas que compuseram o imaginário social que povoava a esfera psicológica dos moradores locais durante a passagem da Coluna Prestes nas localidades rurais de Timon e Teresina.

Abarcar a história dos rebeldes por meio das fontes orais resultou em observar como esses personagens se encontram alojados na memória social. Com isso, foi possível perceber a oralidade enquanto um meio de veiculação e incorporação de sentidos não apenas para aqueles que vivenciaram a época dos fatos, mas também para aqueles que herdaram tais memórias.

Entretanto, as narrativas que expressam tais memórias acabam por serem percebidas como representações sobre os episódios do passado. Por esse meio é que se encontram os aspectos nos quais se ateiavam percepções que constituem a realidade social entre esses sujeitos, pois como menciona Janaina Amado “o simbólico expõe as relações entre as diversas culturas, espaços e grupos sociais pelos quais a narrativa transita; é justamente ele que permite à narrativa, sem perder o fio condutor, liberta-se das amarras do real para aventurar-se, em liberdade pelos caminhos do imaginário” (1995, p.135).

Em meados de 1926, a Coluna Prestes ainda promoveu a sua segunda passagem pelo Piauí, fazendo um rápido deslocamento para o estado de Pernambuco, exercendo nesse contexto mais uma fuga do contingente Legalista. Por volta de fevereiro de 1927,

Cartago que eram liderados por Aníbal. Dentre as obras que versam sobre tal comparativa se pode citar o romance literário de Erico Veríssimo. Para analisar tal assimilação simbólica, ver: VERÍSSIMO, Érico. O Arquipélago Vol.2: O tempo e o vento III. São Paulo: Ed. Globo, 1987, p.611.

após dois anos e meio de percursos realizados pelos mais distintos lugares do território nacional, a Coluna Prestes, ao atravessar o Pantanal, encerra sua campanha tendo parte das frações do contingente revolucionário exilados no Paraguai e na Bolívia.

O movimento assim entrava para história não tendo efetivado seu projeto revolucionário – derrubar o regime oligárquico, ocupado no início da revolta pelo presidente Artur Bernardes e no final por Washington Luís. Por outro lado, a Coluna também foi consagrada por nunca ter sido derrotada e seus principais líderes terem se sobressaído de maneira triunfante e de cabeça erguida.

Parte das lideranças do levante rebelde iria reelaborar os princípios que nortearam tal movimento para se incorporar a outras causas sociopolíticas, as quais, automaticamente, se apropriaram para das insígnias do *tenentismo*. A principal delas fora encadeada por Getúlio Vargas na famosa *Revolução de 1930*, a qual decretou o “fim” do regime oligárquico – *República Velha* – e deu início a uma nova fase na história política do Brasil. Essa fase foi caracterizada pela solidificação do poder voltado à figura imponente de seu principal articulador e representante, Getúlio Vargas, o qual inspirou a nomenclatura histórica lançada a esse momento: *Era Vargas*.

Diferentemente dos rumos tomados por parte dos outros líderes do movimento, Luís Carlos Prestes se opôs ao projeto revolucionário de 1930. Ele rompeu, inclusive, com os tenentes que o acompanharam durante o trajeto revolucionário da Coluna e que nesse momento se filiaram à causa de Getúlio Vargas. A atitude tomada por Prestes nada mais era que o reflexo das novas ventilações ideológicas nas quais o ex-comandante da Coluna se dedicava com afinco.

Um ano depois da dissolução do levante, Prestes deslocou-se da Bolívia para a Argentina. Durante esse período se dedicou a estabelecer um contato sólido com o pensamento marxista. Em 1931, já totalmente convertido ao marxismo, Prestes viaja para o berço do comunismo, a União Soviética, que o contrata para prestar serviços no setor de engenharia.

No entanto, o principal interesse do Partido Comunista Soviético em Prestes estava direcionado em prepará-lo para liderar um golpe revolucionário no Brasil e implantar um pólo comunista na América do Sul, o que o levou a filiar-se pela primeira vez a um partido político – o Partido Comunista Brasileiro (PCB) – como também adquiriu apoio das agremiações de esquerda organizadas em torno da Aliança Nacional Libertadora (ANL), que visualizaram em Prestes a figura ideal para capitanear a revolução comunista no Brasil.

Em 1935, Luis Carlos Prestes volta ao país imbuído por esse propósito. Porém os planos revolucionários articulados entre ele e o Partido Comunista Soviético acabam por serem descobertos e em seguida abafados por Getúlio Vargas. Essa ocasião seria historicamente conhecida como *Intentona Comunista*, momento o qual Vargas encontrara um determinado pretexto – *o perigo vermelho* – para implantar um regime ditatorial que estendeu seu poder enquanto presidente até o ano de 1945.

Esse episódio com certeza crava um novo momento na trajetória pessoal de Luís Carlos Prestes, antes líder rebelde, agora militante comunista. Em ambos os casos o princípio da revolução e da transformação social endossaram seus atos e sobre essas premissas Prestes trafegou por toda sua vida. Mas o que chama a atenção nesse contexto diz respeito a sua imagem, a qual estava fortemente ligada à sua identidade revolucionária, em virtude de seu passado enquanto líder dos Revoltosos.

A obra literária *Olga*, que retrata essa fase da vida de Prestes e seu romance com a militante comunista Olga Benário, tornou-se um sugestivo referencial representativo. No contexto da obra, observamos como a imagem antecedente de Prestes provocara fascínio entre os militantes comunistas através das narrativas que descreviam sua trajetória à frente do movimento rebelde:

...Olga ouviu um jovem latino-americano - argentino ou boliviano - contar para os colegas, em um russo hesitante, a história que lera no seu país sobre uma aventura revolucionária na América do Sul. Era a história de um batalhão de mil e poucos homens que percorrera a pé mais de 25 mil quilômetros, enfrentando as tropas regulares de um governo "ditatorial". O relato, contado em detalhes pelo oficial estrangeiro, mesclado de lances heróicos e batalhas sangrentas, terminava com os guerrilheiros chegando ao fim sem derrubar o governo, mas também sem sofrer uma única derrota. O grupo, chamado de "Coluna Prestes", levava este nome em homenagem ao seu líder, o jovem capitão Luís Carlos Prestes.

Olga ouviu o relato entre curiosa e desconfiada:

- O camarada tem certeza de que eles andaram mesmo 25 mil quilômetros a pé? Isso significa ir e voltar de Moscou a Berlim quase dez vezes... a pé!

Como o piloto insistisse na veracidade do episódio, ocorrido no Brasil, afirmando que qualquer latino-americano em Moscou poderia confirmá-la, Olga se conformou:

- Já imaginou se pudéssemos estar lá, incorporados a essa tal coluna invencível?

O que Olga ou qualquer de seus colegas da academia não sabiam é que o mitológico comandante da coluna invicta estava ali mesmo, em Moscou, em seu apartamento perto do bulevar Sadova, a poucas quadras de distância da escola militar onde tomavam chá. (MORAIS, 1985, p.46)

Ao se construir uma identidade a Prestes, seriam fundidas a imagem de líder rebelde e líder comunista. As ações de Prestes enquanto Revoltoso causaram impacto por onde quer que andasse. A imagem do herói de feitos espantosos através do movimento rebelde ganhou força e evidência ao ponto de ser impelida a ele outra tentativa revolucionária, agora amparada pelos anseios do comunismo. Em suma, os signos do mito revolucionário já estavam estampados no seu corpo.

Esse axioma, no entanto, apenas reflete uma representação mediante outras que foram externalizadas sobre ele enquanto um determinado personagem que protagonizou as investidas dessa revolta tenentista. Todavia, o seu perfil se desloca em meio a outros tão mais diversificados, os quais se encontram imbricados em meio a discursos oficiais, discursos marginais, memórias, e narrativas que tramitam entre a clarificação da legitimidade e o obscurantismo do anonimato. Por isso mesmo fica aqui registrada a expectativa de que possam surgir outros itinerários para se pensar outras histórias sobre a trajetória da Coluna Prestes.

Que por meio delas seja possível dialogar com aspectos nos quais as questões voltadas para a identidade, o imaginário, as representações e as práticas políticas e culturais de uma forma geral venham estar presentes para a reflexão sobre um determinado saber social. Assim como outras problemáticas possam ser alçadas, pois se existirem questionamentos em torno da Coluna isso não implica exatamente em ofuscar seu valor enquanto um movimento de resistência social.

Pelo contrário, os questionamentos em torno de sua trajetória só demonstram o quanto ela foi importante, no sentido de ser entendida como um sinônimo de luta pela melhoria das classes. E por isso mesmo deve ser pensada e repensada, para que não caia no ostracismo e adormeça de maneira cômoda sobre a necrópole da subjetividade. Que as feitas da Coluna possam ser refletidas e interpeladas sobre os significados impressos via os corpos daqueles que a compuseram e contribuíram para sua solidificação enquanto uma manifestação revolucionária.

Enfim, que ela seja virada, revirada, exposta, dissecada, e se façam verdadeiras autopsias narrativas sobre ela, como essa a qual procurei apresentar ao leitor no decorrer do texto que aqui vai se encerrando. Afinal de contas, a Coluna Prestes extrapolou os limites da realidade social e foi arvorada à condição de lenda.

E, como dito inicialmente, a respeito dos lendários só se sabe o que os discursos que recaem sobre eles falam. No fim das contas o que fica são narrativas entrelaçadas em teias de significado. Pois, em certa medida, tendo a concordar com os materialistas e percebo que nem tudo é discurso. Apesar disso, nada escapa a ele. Que se possam falar mais histórias e memórias dos Revoltosos, para que essas narrativas sejam captadas e situadas num determinado *devenir*. Pois, ao procurar pela Coluna Prestes, seguindo as trilhas de *Clio*, ainda serão as palavras que darão feição ao seu rosto e curvatura aos seus traços mediante as alamedas da posteridade.

REFERÊNCIAS

1. Bibliografia Consultada

ALMEIDA, Giniomar F. **O Lenine Maranhense: fuzilamentos e cultura histórica no interior do Maranhão (1921)**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2010.

ALVES, Késia Cristina F. **Um santo no purgatório: a transformação mítica do cangaceiro “Jararaca” em herói**. Dissertação de Mestrado. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta. **Usos & abusos da história oral**. São Paulo: FGV, 1996.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora. Universidade de Brasília, 2008.

BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi: Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARROS, Maria N. Alvim de. **As Deusas, as Bruxas e a Igreja: Séculos de Perseguição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001

BERGER, Peter, LUKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **O Dossel Sagrado**. 5a ed. São Paulo: Paulus, 2004

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sergio P. Rouanet. In ‘Obras Escolhidas I’, v 1, São Paulo: Brasiliense, 1985.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jogo Zahar, 2001.

_____. **Os Reis Taumaturgos: o Caráter sobrenatural do Poder Régio, França / Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOM MEIHY, José Carlos. **Manual de história oral**. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

- BRUM, Eliane. **Coluna Prestes: o avesso da lenda.** Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1994.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia.** São Paulo: UNESC, 1997.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi.** 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.65-119.
- CHARTIER, Roger. **Historia cultural: entre prática e representações.** Lisboa: DIFEL, 1985.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DARTON, Robert. **O grande massacre de gatos: e outros episódios da historiografia francesa.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v. 3.** Rio de Janeiro: ed.34, 1996.
- DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Ed. Paulus, 2001.
- _____. Representações individuais e representações coletivas. In: **Sociologia e Filosofia.** São Paulo: Ed. Ícone, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas,** São Paulo, Martins Fontes, 1981.
- _____. O que é um autor? In: **A vida dos homens infames.** Lisboa: Vega, 1992.
- _____. O sujeito e o poder. IN: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ELIADE, Mircea. **História das Crenças e Idéias Religiosas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **O mito do eterno retorno.** São Paulo : Mercuryo, 1992.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder:** Formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A reação republicana e a crise dos anos 20. in: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993.

_____. A República brasileira: pactos e rupturas. In: GOMES, Ângela de Castro et alli (orgs.). **A República no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FGV; 2002.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Guia Histórico de Porto Alegre.** Porto Alegre: EdiUFRGS, 2006.

FRANCO JR. Hilário. **Idade Média:** o nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira:** nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O Queijo e os Vermes.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. **Mitos, emblemas e sinais:** morfologia e história. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP & A. 2003. 7ª ed. ou reimpressão.

HENAULT, Anne. **História concisa da Semiótica.** São Paulo: Parábola, 2004.

HOBSBAWN, Eric. **Sobre história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JENKINS, Keith. **A história repensada.** São Paulo: Contexto, 2001.

JUNG, Karl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** São Paulo: Vozes, 2000.

_____. **O homem e seus símbolos.** Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1990.

LARAIA, Barros R. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

_____. **História:** novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o coronelismo e o regime representativo no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural.** São Paulo: Tempo Brasileiro, 1970.

MORIN, Edgar. A Incerteza Histórica: In _____ **Os sete saberes necessários à educação do futuro:** São Paulo: Cortez/UNESCO: 2003.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória:** a cultura popular revisitada. 6°. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MOURA, Margarida Maria. **Os deserdados da terra.** Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1988.

MINAYO, Maria C. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MURARO, Rose M. Breve Introdução Histórica. In: HEINRICH, Krames S. **Malleus Malleficarum:** o martelo da feitiçaria. São Paulo: Rosa dos Ventos, 1991.

O'BRIEN, Patrícia. A história da cultura de Michel Foucault. IN: HUNT, Lynn (org.) **A Nova História Cultural.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, História & literatura: uma velha-nova história. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos,** Debates, 2006.

REIS, José. C. **A História:** entre a filosofia e a ciência. São Paulo: Ática. 1999.

REZENDE, Paulo. O historiador: seu tema e seu tempo. In: _____ **(Des)encantos modernos:** história da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARTE, 1997.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São. Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHAFF, Adam. "**História e Verdade**". São Paulo, Martins Fontes, 1995

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval.** São Paulo: Companhia das Letras.1994.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole:** São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WHITE, Hayden. **Metahistória.** São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1992.

WUNENBURGER, Jean J. **O imaginário.** São Paulo: Loyola, 2007.

VEYNE, Paul M. **Como se escreve a história:** Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da Universidade de Brasília - UNB, 1998.

2. Fontes Bibliográficas

BORGES, Vavy Pacheco. **Tenentismo e revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CAMILO FILHO, José. **A Coluna Prestes no Piauí**. Teresina: EDUFIPI, 1996.

CASTRO, Chico. **A Coluna Prestes no Piauí**. Brasília: Edições do Senado Federal, Vol. 90. 2008.

CUNHA, Higino. **Os Revolucionários do Sul através dos sertões nordestinos do Brasil**, Teresina: Academia Piauiense de Letras - APL, 1926.

LEOCÁDIA PRESTES. Anita. **A Coluna Prestes**. 4a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LULA, Venâncio. **A Vila de Flores**. Brasília: SIORGE, 1991.

MEIRELLES, Domingos. **As noites das grandes fogueiras: uma história da Coluna Prestes**. Record. 1995.

MELO, Frederico Pernambucano de, 1947. **Guerreiros do sol: o banditismo no Nordeste do Brasil**. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1985.

MORAES, Denis de, VIANA, Francisco. **Prestes: Lutas e Autocríticas**. Petrópolis: Vozes, 1982.

MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

MOREIRA LIMA, Lourenço. **A Coluna Prestes: marchas e combates**. 3ª ed., São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

OLIVEIRA, Nelson Tabajara de, 1924: **A Revolução de Isidoro**, Companhia Editora Nacional, 1971.

_____. **Uma epopéia brasileira: a Coluna Prestes**. São Paulo: Ed.Moderna, 1995.

SANTOS, José B. A Coluna Prestes em Floriano. In _____, **Crônicas para a História. Floriano**: São Judas Tadeu, 2005.

SANTOS, Raimundo N. L. dos. **Timon, uma flor de cajazeira: do povoamento à vila**. Timon: Grafeti, 2007.

SOUSA, Raimunda C. de. **Timon: sua história, sua gente**. Timon: Graffeti, 2005.

SODRÉ, Nelson W. **A Coluna Prestes: análises e depoimentos**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1985.

3. Artigos de jornal e revistas

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Quem é frouxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. In: **Projeto História**, São Paulo, Vol.19, pp.173-188, 1999.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: **História**, nº 14 – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, UNESP, 1995, p.125–136.

CARVALHO, Arimatéa. Vida e Morte de Zezé Leão. In: **Jornal Meio Norte: Caderno alternativo**, Teresina, p.1, 09 de agosto de 1998.

CARVALHO. Maria M. de. Vivandeiros em marcha: A participação das mulheres na Coluna Prestes revela a coragem com que enfrentaram as batalhas e o preconceito dos próprios companheiros. In: **Revista de História da biblioteca nacional**. Ed. 11, agosto de 2007.

FRANCO, Sérgio da Costa. 13º Caderno: O Partido Federalista do Rio Grande Do Sul (1892-1928). In: **Cadernos de História**. Memorial do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/maragatos.pdf>

JUNIOR, Santiago. Os imortais na casa dos Freitas. In: **O Dia, 150 anos de Teresina**, Teresina: Jornal o Dia, p.118, 2003.

_____. Vida política e intelectual de Hino cunha. In: **O Dia, 150 anos de Teresina**, Teresina: Jornal o Dia, p.116, 2003.

LIMA, Nilsângela. Gregório: símbolo da religiosidade popular em Teresina. In: **O Dia, 150 anos de Teresina**, Teresina: Jornal o Dia, p.136 - 137, 2003.

NETO. Fonseca. Misanthropo Fecundo: um bem-te-vi radical a olhar a cidade da imperatriz. In: **O Dia, 150 anos de Teresina**, Teresina: Jornal o Dia, p.84, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989, p.03-15

_____. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 05, nº 10, 1992, p.200 – 212.

SOARES, Elisângela. Prestes, Juarez, Siqueira e Legiões rumam para Teresina. In: **O Dia, 150 anos de Teresina**, Teresina: Jornal o Dia, p.133-135, 2003.

4. Fontes e Referencias literárias

ALAN POE, Edgar. O diabo do Campanário. In _____ **Histórias extraordinárias**. Tradução: Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro. 2005.

AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**. São Paulo: Ed. Record, 1981.

DICKENS, Charles. **Um conto de duas cidades**. São Paulo: Nova Cultura, 2002.

OTAVIANO, Francisco. “Ilusões da vida.” In: LINHARES, Francisco et BATISTA, Otacílio. **Antologia ilustrada dos contadores**. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

MAIOR, Laércio Couto. **Luiz Carlos Prestes na poesia**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2006.

VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento: O arquipélago III**. Ed.20. São Paulo: Globo, 1997.

5. Filmes e documentários

CARNEIRO, Miguel A. **Eu vi a coluna prestes passar**, 2003.

MONJARDIM, Jayme. **Olga**, 2004.

VENTURI, Toni. **O velho: a história de Luís Carlos Prestes**, 1997.

6. Fontes Orais

BEZERRA, José Rodrigues. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Brejo*, Timon-MA, 02 de março de 2007.

BISPO, Manoela Lopes. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Campo Grande*, Timon-MA, 05 de fevereiro de 2005.

CUNHA, Antônio Elias da. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Barras*, Timon-MA, 20 de janeiro de 2008.

NEVES, João A. Ventura das. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Fazenda Nova*, Timon-MA, 20 de fevereiro de 2005.

OLIVEIRA, Antonio Henrique de. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Humaitá (Maitá)*, Timon-MA, 17 de janeiro de 2007.

OLIVEIRA, José Basílio. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Fazenda Nova*, Timon-MA, 16 de janeiro de 2007.

OLIVEIRA, Justino Capistrano de. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Varjota*, Timon-MA, 07 de setembro de 2007.

OLIVEIRA, Maria de Nazaré da Costa. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Piedade*, Timon-MA, 10 de janeiro de 2007.

PRESTES, Luiz Carlos. **Entrevista concebida ao Núcleo de História Oral da Fundação CEPRO**. Teresina, 1985.

_____. **Entrevista cedida a Edgard Carone em 1982**. In: Revista *Novos Rumos*. Ano XV, Nº 33, 2000.

SOUSA, Antonio José de. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Cão Açú (Canhançu)*, Timon-MA, 14 de julho de 2007.

SOUSA, Raimunda Ribeiro. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Garapa*, Timon-MA, em 19 de julho de 2009.

SILVA, Felismina Feitosa da. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Cão Açú (Canhançu)*, Timon-MA, 10 de junho de 2006.

TEIXEIRA, Pedro Nonato. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Onça*, Teresina-PI, em 27 de maio de 2010.

VERAS, Gregório Alves. **Entrevista cedida a Francisco Chagas Oliveira Atanásio**. Povoado *Vertente*, Timon-MA, 21 de janeiro de 2007.

7. Lista de ilustrações

Figura 01: Marcha dos 18 do Forte pela praia de Copacabana, no Rio de Janeiro

Figura 02: Esboço cartográfico do itinerário da Coluna Prestes nos estados do Maranhão e Piauí

Figura 03: A Coluna Prestes e antes de ir ao nordeste em Porto Nacional, Goiás, 1925

Figura 04: Casa que ocupa parte do espaço da extinta Casa-Grande, onde os Revoltosos se hospedaram

Figura 05: Foto do processo criminal encontrado no arquivo público do Piauí

Figura 06: O “intrépido” João Cabanas

Figura 07: Emigdio Miranda e Vestimentas de um Revoltoso que alimentavam o imaginário popular

Figura 08: Lenço vermelho de Juarez Távora, de atual domínio do museu de municipal Teresina

Figura 09: O “Lênin do Maranhão”

Figura 10: Lampião designado para combater Prestes

Figura 11: Monumento memorial – “Cemitério do Revoltoso” do povoado “Varjota”

Figura 12: Cemitério do Revoltoso, Povoado “Brejo”

Figura 13: Cova do Revoltoso

Figura 14: Itinerário para o Cemitério do Revoltoso

Figura 15: O Cemitério do Revoltoso por ângulos diversos

Figura 16: “Sargento Colchete”, extraído do livro de Higino Cunha

Figura 17: Memoriais da Coluna Prestes 1: Santo Ângelo-RS (Casa-cede do Memorial da Coluna Prestes),

Figura 18: Memoriais da Coluna Prestes 2: Palmas-TO (Memorial da Coluna e 18 dos Forte)

Figura 19: Memoriais da Coluna Prestes 3: Santa Helena (Memorial da Coluna Prestes)

Figura 20: Memorial do Motorista Gregório, em Teresina.